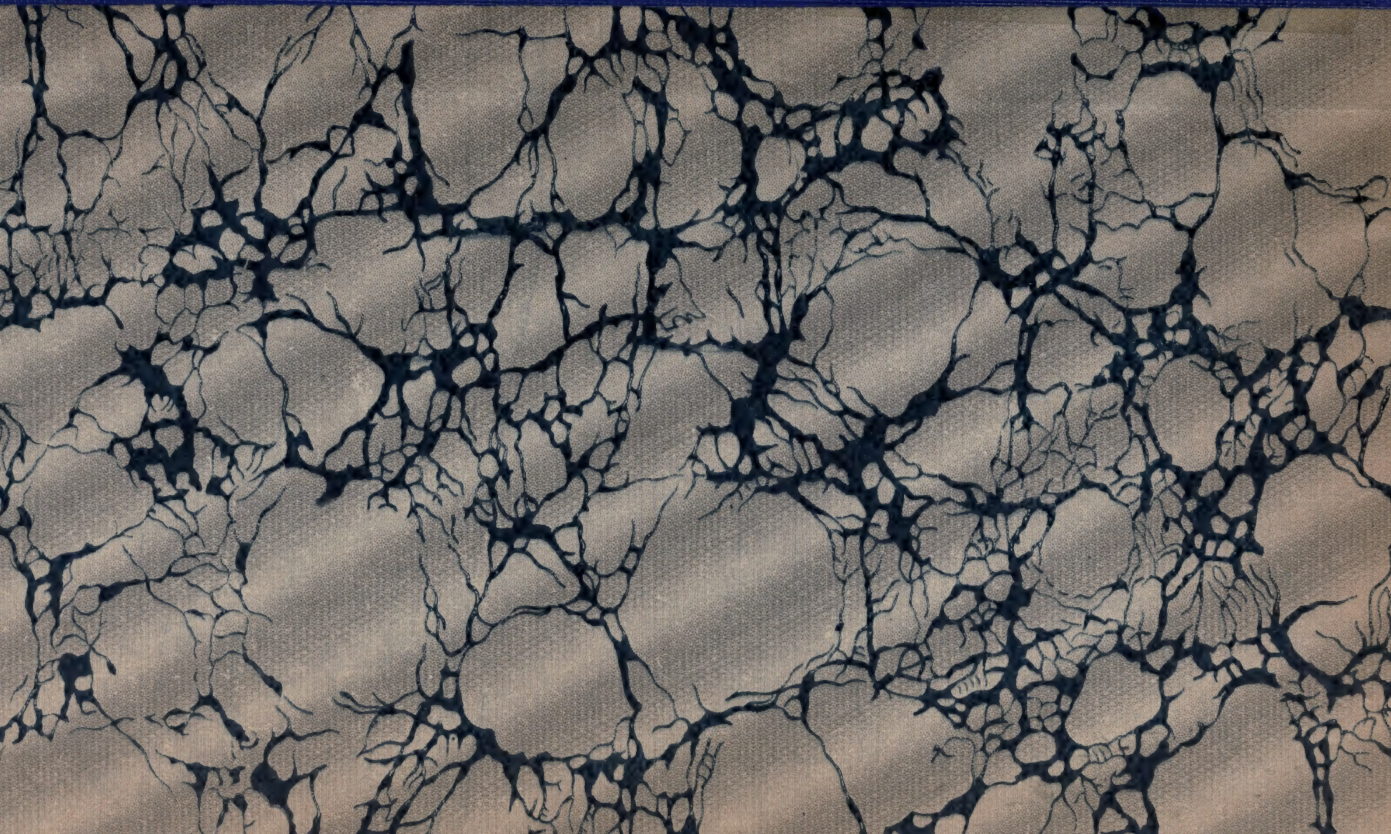
UNIVERSITY OF TORONTO DUPL
3 1761 00103593 0



O ACTOR
ANTONIO PEDRO

O ACTOR

ANTONIO PEDRO

JULGADO

PELA ARTE

E

PELAS LETRAS

1908

—

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA

29, Rua das Gaveas, 31

LISBOA

PN
2798
S656

Antonio Pedro de Souza

Indice explicativo das gravuras

	Pag.
Antonio Pedro em 1880	
Fac-simile do programma do seu debute como artista	4
Antonio Pedro no *Marquez feito á pressa*	5
» » na *Corôa de Carlos Magno*	7
Fac-simile d'um autographo de Antonio Pedro	8
Antonio Pedro (desenho de Bordallo Pinheiro)	13
» » na rua (caricatura de Bordallo Pinheiro)	14
» » passeando (idem)	14
» » cumprimentando (idem)	15
» » no judeu do *Juiz* (idem)	15
» » no janota dos *Solteirões* (idem)	15
» » no communista do *Rabagás* (idem)	16
» » no moleiro do *Pedro Ruivo* (idem)	16
» » no *Paralytico* (idem)	16
» » á porta do camarim (idem)	17
» » caracterisando-se (idem)	17
» » no *Mineiro de Cascaes*	25
» » na *Pera de Satanaz*	33
» » no *Terremoto de Lisboa*	41
» » nos *Ladrões de Londres*	49

Pag.
Antonio Pedro no *Alto Vareta* 53
» » no *Beijo* 57
» » nos *Tres Mosqueteiros* 65
» » no *Saltimbanco* (desenho de Bordallo Pinheiro) 71
Antonio Pedro na *Parodia ao Trovador* 75
Adelina de Sousa, esposa de Antonio Pedro 80
Busto de Antonio Pedro n'um alfinete de manta 83
Antonio Pedro no *Sargento-mór de Villar* (desenho de Bordallo Pinheiro) 84
Antonio Pedro no *Bébé* (desenho de Bordallo Pinheiro) 85
Busto de Antonio Pedro em terre-cuite 86
Actor Taborda, o seu primeiro retrato 88
Fac-simile d'um autographo do actor Taborda 89
Antonio Pedro nas *Scenas das Guerras d'Italia* 97
» » no *Saltimbanco* 105
» » no 1.º acto do *Saltimbanco* 123
» » aos 20 annos 147
» » » 22 » com Soares Franco 149
» » (caricatura de Bordallo Pinheiro) 151
» » aos 25 annos 155
» » » 28 » 159
» » no *Bébé* (desenho á penna de Luiz Moraes Junior) 161
Antonio Pedro aos 31 annos 165
» » » 50 » 169
Pagina d'honra da *Comedia Portugueza* (desenho de Julião Machado) 177
Pagina d'honra dos *Pontos nos ii* (desenho de Gustavo Bordallo Pinheiro) 193
Pagina d'honra da *Comedia Portugueza* (desenho de Julião Machado) 201
Pagina d'honra do *Occidente* (desenho de C. Alberto) 211
Fac-simile d'um autographo do actor C. Coquelin 222

Ninguem me contestará — estou certo — o sagrado direito de querer perpetuar a memoria de meu Pae, n'este volume, onde se acham transcriptas, das mais brilhantes pennas contemporaneas de Antonio Pedro, apreciações tão lisongeiras do seu merito artistico, que mal me ficaria como filho não as colligir, arrecadar e conservar religiosamente.

Emquanto vivo e depois da sua morte foram-lhe prestadas tantas homenagens, tantas demonstrações de estima e consideração, que constituiria ainda hoje o meu maior desejo poder dirigir de viva voz a cada um dos seus collegas de proscenio, aos homens de lettras e aos povos de Portugal e Brazil uma palavra de profundo agradecimento e inolvidavel gratidão.

E se alguma duvida me podesse restar a tal respeito,

bastariam os brados levantados por toda a Imprensa na occasião do seu passamento, para me certificar de que o vulto humilde do artista fôra collocado n'um tão alto pedestal de gloria, que elle proprio se vivesse, julgaria não lhe pertencer.

É pois em seu nome, que é o meu, que mais uma vez e do fundo d'alma a todos agradeço.

E a Ti querido Pae!

peço me perdoes o ter colhido quanto pude obter para te consagrar este livro, que considero como um altar, e em cujas paginas estão depostas as homenagens floridas e engrinaldadas com que te adornaram em vida e ainda alem da campa.

Acceita pois, meu Pae, este voto piedoso, como uma prova de respeitoso affecto filial, testemunho de que não olvido a tua memoria, dia a dia relembrada com infinda saudade.

José Pedro de Sousa.

Carta prefacio

Meu caro sr. José Pedro de Sousa — Exactamente no momento em que mais agudamente parece acentuar-se a diuturna crise do theatro, da arte e da literatura dramatica nacional, recebo as provas do simpathico livro que V. tão piedosamente consagra á memoria de seu pae, e, com essas provas, o pedido de algumas linhas para juntar á sua publicação.

A arte dramatica julgo que indubitavelmente agonisa. Durante a ultima temporada foi extremamente diminuta a concorrencia aos theatros de declamação em Lisboa. O diletantismo desloca-se do theatro para o cinematografo e para o music-hall. O nucleo d'artistas que constituem a companhia do theatro normal, desata-se e dis-

solve-se tumultuariamente a estas horas. Simptoma alarmante: o parlamento, que nos ultimos tempos parece ser o poder encarregado das pompas funebres dos melhoramentos de que se encarrega, principiou já verbalisando em defesa da instituição combalida. Mais esse negrume de borrasca no horisonte do nosso theatro:—o governo irá talvez melhoral-o!

O mal que se discute é antigo. A sorte do theatro, com a das empresas e com a dos actores, acha-se em toda a parte indissoluvelmente ligada ao destino da literatura dramatica. Ora este ramo das letras portuguezas não tem feito senão decair desde que Garrett se retirou até nossos dias.

O drama da sociedade contemporanea, que nos ultimos tempos tão singulares obras primas de observação psicologica, de critica social, de execução litteraria e de expressão decorativa, tem produsido em França, na Inglaterra, na Allemanha, na Belgica, na propria Espanha, quasi que não deu fruto em Portugal. A comedia á maneira de Dumas filho e dos Goncourt, de Becque, de Brieu, de Lavedan, de Bernestein (para não falar senão dos mais conhecidos) é incontestavel que não existe em portuguez.

A produção theatral da nossa literatura é

quasi exclusivamente constituida pelo drama historico e pela comedia popular. Haja vista a obra do mesmo Garrett e a dos mais aplaudidos dos autores contemporaneos, Marcelino de Mesquita, Julio Dantas, Lopes de Mendonça, João da Camara, Gervasio Lobato.

Não existe, ou quasi que não existe a moderna comedia de costumes burguezes. Porque? Porque a burguezia portugueza não tem costumes proprios e caracteristicos. É mui pouco intensa a nossa vida civil. Não ha fortes correntes de opinião, porque não ha definidos principios nem firmes convicções collectivas. Não ha espirito de classe, nem de casta, nem de familia. Não ha conflicto de ideaes. Não ha auctoridade espiritual: a egreja não a tem, as escolas superiores, a imprensa, a Universidade, a Academia, tambem não. Não ha caracteres modelares nem ha sequer tipos em evidencia. Vivemos numa macaqueação reciproca, dessorante e ridicula. Não ha na circulação publica senão ideias de caracter politico, e estas são as mesmas que vigoravam ha um seculo no resto da Europa. A preferivel forma de governo parece ser a absorvente preocupação dos espiritos, e saltita na controversia de cada dia essa questão morta ha muitos annos para toda a gente culta.

A revolução liberal, arrasando pelas bases toda a construção monacal e jesuitica da antiga sociedade portugueza, propoz-se reconstruir os elementos estaticos de um equilibrio novo, mas não levou nunca a efeito essa reconstrução. Entregou-se o destino espiritual e social da nação ao arbitrio do sufragio, o qual se desempenhou do alto encargo reeducativo que se lhe confiara elegendo os parlamentos que ahi teem funcionado, e que de geração para geração nos vão patenteando a successiva decadencia da sua capacidade dirigente.

De um agregado social tão incoerentemente amalgamado como aquelle de que fazemos parte é absolutamente impossivel extrair uma sintese esthetica.

Eis aqui, meu caro sr. José Pedro de Sousa, qual é — em meu fraco entender — a rasão de não haver theatro portuguez. A essa razão fundamental sobrepoem-se outras accessorias.

Creou-se, por exemplo, a opinião absurda de que para escrever para o theatro era inutil ser-se um literato. Bastaria conhecer os truques da scena e o gôsto do publico. D'ahi a enorme porção de peças escritas por individuos cujos estudos se limitam a intervir no que se passa nos bastidores, a tratar por tu as actrizes, a meren-

dar com os actores, e a escutar as opiniões que grassam no botequim do theatro. Ora, pelo contrario, não ha genero literario em que mais do que no theatro seja indispensavel um variadissimo numero de conhecimentos e de ideias geraes, uma alta cultura mental, um perfeitissimo conhecimento da lingua em todo o seu vocabularío, em todas as suas formas sintaxicas, em todos os seus modismos, em todos os seus ritmos e acordes, em toda a sua gramatica emfim, em toda a sua poetica e em todo o seu contraponto. Porque a obra bella e perfeita do theatro moderno não é senão a condensação dificilima em tres ou quatro horas de dialogo, rapido, incisivo, e espirituoso, de toda a veracidade de analise e de toda a liberdade de critica, que o romancista explana em 500 paginas de texto excursivo e circumstancial. Com taes fundamentos, o primeiro dos dramaturgos contemporaneos, Becque, o auctor de Corbeaux, — *em contraposição ao que se acha geralmente estabelecido na critica portugueza — consignou que o grande theatro do mundo é o* theatro de bibliotheca.

Ainda outras razões: A lingua da conversação moderna nas classes elevadas em Portugal está por cultivar porque não existe o praser de conversar entre gente bem educada fóra dos ca-

fés e dos clubs. Emfim, o uso grotesco de nos tratarmos todos por excelencia torna intoleravel na scena o dialogo de sociedade.

Os actores naturalmente desaparecem porque não ha auctores. São os grandes escriptores de theatro que fazem os grandes artistas da scena.

Antonio Pedro foi uma das grandes figuras da falange quasi extincta. Elle reunia a um profundo sentimento dramatico a mais perfeita compreensão do comico. A força do seu instincto scenico era de uma inconsciencia genial. Aos que uma vez lhe perguntavam por que serie de estudos elle chegára á interpretação perfeita de certo papel sumamente complexo, elle respondia encolhendo os hombros: — Isso é que eu não sei diser. Calhou assim...

De outra vez — não me lembro em que dramalhão — tendo um papel de ferrabráz, tunante, tranca-ruas do seculo XVII, fugiu-lhe subitamente da memoria ao entrar em scena a sua primeira frase. Era a estreia da peça, o palco estava cheio de comparsas, e da porta do fundo, junto da qual tinha de falar, não podia ver nem ouvir o ponto. Arranca então da espada que trasia no boldrié, risca no chão dois largos gilvases, a comparsaria atonita abre-lhe caminho, elle avança para o proscenio a largas passadas triumfaes, ouve do

ponto a frase esquecida, reverte ao fundo, embainha a espada, e refaz correctamente a sua entrada em scena. O effeito, inteiramente inesperado, foi magnifico, e o publico aplaudiu-o muito. Elle explicava depois: — Tinha sido uma dos diabos se me não ocorre aquella partida! Varri o terreno, fui ouvir o ponto e tornei a entrar... Parece-me que estava no personagem... Peço desculpa.

Era um honrado homem, zelosissimo cumpridor dos seus deveres, sumamente prestavel e modesto, e nada cabotino.

De tantas «creações» suas, a que este livro se refere noto que esqueceu uma, e não das que menos o honram: — a que elle desveladamente deu ao seu filho, de quem sou

Muito dedicado e agradecido

Lisbôa/7/908.

RAMALHO ORTIGÃO

Carreira artistica

A posição especial em que estamos para com o biographado impõe-nos limitar a nossa iniciativa n'este livro a reunir e adaptar, sem a menor apreciação ou commentario, os materiaes que tantos criticos e admiradores seus e em tantas epochas, aparelharam para este monumento. Propriamente nosso: apenas rectificações a uma ou outra inexactidão em materia de facto e o prehenchimento de lacunas, que liguem entre si esses preciosos materiaes.

Todas as celebridades teem na historia dos seus primeiros annos um facto anormal e extraordinario, emocionante e imprevisto, pelo qual foram arremessados abruptamente para o campo da sua celebridade.

Em Antonio Pedro de Sousa nada d'isso acontece.

Nasceu [1], cresceu, entrou na escola [2]. Orphão de Pae, cabulou. Saiu da escola e aprendeu um officio [3]. Frequentou o theatro e representou como amador. Amou o palco e fez-se profissional.

Esta sequencia é tão natural e simples, como simples e natural foi toda a restante sua vida.

Aos 15 annos, em casa e em companhia de seus primos, dava recitas familiares n'um theatrinho improvisado com reposteiros e lençoes.

Como por cima da officina de penteeiro [4] em que era aprendiz, trabalhando em obra de tartaruga, morassem umas raparigas de que se enamorára e que eram coristas de S. Carlos, alli as acompanhava todas as noutes, frequentando a *caixa* do theatro.

Havia n'essa epocha na *Calçada do Cascão* um pequeno theatro de curiosos. Antonio Pedro entrando para seu socio, (tinha então 17 annos) debutou na comedia *Depois da meia noute,* recitou alli a poesia *A minha Patria* então muito em voga nas sociedades particulares e fez depois varios papeis nas comedias *Primeiros amores, Á porta da rua,* e *Um ensaio geral n'uma casa particular.*

---

[1] Em Lisboa, Rua de S. Pedro a Alfama, n.º 22 aos 15 dias do mez de Maio de 1836.

[2] Matriculou-se na escola primaria aos 8 annos e saiu aos 13.

[3] Penteeiro, como seu Pae.

[4] Officina de José Agostinho, situada na Rua Nova do Almada defronte da Boa Hora.

Passou em 1854 para o Theatro da Graça, reputado n'esse tempo o melhor dos particulares, estreiando-se como galã no drama *Amor maternal*, fez depois o escravo do drama *Affonso III*, entrou nas peças *Saia-Balão, Os Desafios. O Magnetismo, Manuel Mendes Inxundia, Mestre-Escola, Dois Caturras, Torcato Tasso, Nem a brincar se deve mentir, Dois Pretendentes* e *Primeiros Amores.*

Como gozasse de muita fama, entre os amadores da epocha, foi convidado a fazer parte da pequena companhia organisada por José Osti, para funccionar no seu theatro da Floresta, ao mesmo tempo que alguns dos seus admiradores instavam com Paulo Rangel, director do Theatro da Rua dos Condes, para que o escripturasse. Chamado então Antonio Pedro, foi-lhe distribuida uma *rabula* como experiencia, fazendo apenas dois ensaios e não voltando mais ao theatro receioso de que o publico o não recebesse bem.

Todas as biographias de Antonio Pedro, o dão como tendo iniciado a sua vida de actor no theatro das Variedades. É um erro.

Grassava a epidemia de febre amarella e achando-se fechado o Theatro do Salitre, organisou-se um grupo de actores, de que fazia parte Queiroz, e com elles foi Antonio Pedro debutar no antigo Theatro do Campo Grande, em Domingo 13 de Dezembro de 1857, representando nas comedias: *O Magnetismo, Leite de Burras, Dois Papalvos* e *Os Abstractos.*

Para este espectaculo, primeiro em que Antonio Pe-

dro representou como artista, foram distribuidos uns programmas, hoje rarissimos, mas de que damos um *fac-simile*, devido ao distincto escriptor dramatico Affonso Ayres, que teve a amabilidade de nos offerecer um d'esses exemplares.

Supplemento *Ao Telegrapho*

THEATRO DO CAMPO GRANDE

DOMINGO 13 DE DEZEMBRO DE 1857.

A 1.ª Representação da Comedia em 1 acto ornada de muzica

O MAGNETISMO

PERSONAGENS.			ACTORES.
FELIX DA COSTA	*Srs. Andrade.*	UM CRIADO	*Cruz.*
LEOPOLDO MESTRE DE DANÇA	*Queiroz.*	UM REBEQUISTA	N. N.
ANCELMO MAGNETIZADOR	*Domingos.*	D. ENGRACIA	N. N.
ERNESTO CABELLEIREIRO	*Guerreiro.*	LUIZA	*Francisca.*
PINTO DE SEQUEIRA	*A. Pedro*		

LEITE DE BURRAS

Comedia em 1 acto.

ACTÔRES Os Srs. *Andrade. Queiroz. A. Pedro Francisca. A. Guerreiro.*

A 1.ª Representação da Comedia em 1 acto.

OS DOIS PAPALVOS

PERSONAGENS.			ACTORES.
CRUZ DA SILVEIRA	*Srs. A. Pedro*	CAROLINA	*Francisca.*
DELTRÃO	*Queiroz.*	UM ESCRIVÃO	*Cruz.*
CARLOS	*Domingos.*	DUAS TRESTEMUNHAS	N. N.
FRANCISCO CRIADO	*Andrade.*	CRIANÇAS FILHAS *do escrivão*	N. N.

OS ABSTRATOS

Comedia em 1 acto.

ACTORES. OS *Srs. Andrade Queiroz. A. Pedro. A. Guerreiro.*

ORDEM DO ESPECTACULO

1.º *Abstratos* 2.º *Os papalvos* 3.º *Magnetismo* 4.º *Leite.*

PRINCIPIA AS 8 HORAS.

Camarotes de Frente 2:000 — Dos lados 1:000 — Platea 8 patar 240. Geral 160 — Galaria para Senhoras 160

TYP. RUA DA CONDECA N.º 3

O *Theatro do Salitre* reabriu em 1 de Fevereiro de 1858 com o titulo *Theatro das Variedades Dramaticas.*

Tomando o actor Izidoro o logar de ensaiador, foi Antonio Pedro escripturado por 4$800 réis mensaes, com a condição de trabalhar o primeiro mez de graça.

No Marquez feito á pressa

Debutou no pequeno papel de Phebo 24.º da magica *Loteria do Diabo,* dos srs. Francisco Palha e Joaquim Augusto d'Oliveira.

Fez depois o enfermeiro da *Revista de 1858;* o creado da *Sizania entre o trigo,* sendo-lhe por essa occasião offerecida escriptura para o Theatro de D. Maria II.— Como porem Izidoro lhe dissesse que, para um actor em começo, era preferivel as Variedades a D. Maria, Antonio Pedro acceitou o conselho, conservando-se alli até 1866.

Começou a agradar cada vez mais nos *Dois irmãos unidos, Precisa-se senhora para viajar,* na *Corôa de Carlos Magno,* no *Perdão d'acto,* no *Corregedor de*

Sevilha e principalmente no *Marquez feito á pressa*, n'um papel mudo de menino de escola, em que tinha ovações extraordinarias [1].

Saindo Izidoro das Variedades, passou Antonio Pedro a ganhar tres libras por mez, por ir substituir o seu mestre no importante papel de *Abdallah* da *Loteria do Diabo*. E fel-o com tal agrado, que a magica se conservou em scena por diversas epochas [1].

Fez depois as peças *Mocidade e honra, Duende, Ave do Paraiso, Recruta, Memorias do Diabo, Zelador Municipal, Tafues de Paris, Já ouvi espirrar este nariz, Ave Azul, Collegial, Cantor improvisado, Entre Scilla e Carybides, Exemplar dos maridos*, etc.

No fim da primeira epocha foi Antonio Pedro com a companhia a Evora, onde foi muito victoriado, reapparecendo á volta na comedia-drama *O que é o mundo*.

Quando Pinto Bastos tomou a empreza das Variedades, contractou o já muito applaudido artista [1] por 24$000 réis mensaes, estreiando-se com grande exito na magica *Amores do Diabo* e tendo depois egual successo nas *Scenas da guerra d'Italia, Madgiares, Cantador, Caramba! buenas mujeres!, Pera de Satanaz, Vendilhões de Lisboa, Tres Mosqueteiros, D'um argueiro um cavalleiro, João Baptista ou o coração d'ouro, O Beijo!, Mineiro de Cascaes, Ladrões de Londres,*

---

[1] Da *Carteira do Artista*.

Os Mysterios de Paris, A Pomba dos ovos d'ouro, Parodia ao Trovador, O Terramoto de Lisboa e *Alto! Vareta!*

Tendo o grande José Carlos dos Santos traduzido para o Theatro das Variedades uma comedia com o titulo *O homem não é perfeito,* e incumbindo-se de a ensaiar, gostou tanto de Antonio Pedro, que lhe pediu para que de futuro se não contractasse sem o seu conselho.

Estando ainda nas Variedades foi com Taborda e Tasso ao Porto representar as scenas comicas *Alto Vareta!* e *Caramba! buenas mujeres!,* sendo alli muito applaudido.

Foi durante este periodo que Antonio Pedro tomou novo estado, casando a 6 de Fevereiro de 1864.

Em 1867, associando-se Pinto Bastos e Santos para tomarem o Theatro do Principe Real, foi Antonio Pedro escripturado com o ordenado de 36$000 réis, indo com estes emprezarios ao Porto, em Setembro de 1868, d'onde

Na Corôa de Carlos Magno

enviou, saudando o primeiro anniversario de seu filho, as duas pequenas quadras cujo autographo reproduzimos:

Meu filho) Porto 5/9/62

(Jorge Pedro de Souza

Longe de ti meu filhinho
Eu não esqueço o teu natal
E te envio um doce beijo
Do meu affecto em signal

A lembrança deste dia
Nestes versos a qui vai
E o prezente do teu anno
E a benção de teu pai

Antonio Pedro de Souza

Se nos impuzemos a não fazer a mais leve critica ao artista, outro tanto se não dá com o homem, na sua vida intima e nos seus affectos de familia.

No principio d'uma carreira, que os auctorisados dizem de triumphos; no meio das distracções e preoccupações de uma digressão artistica; a dois passos da familia, e por isso sem as nostalgias das enormes distancias; entre os deslumbramentos das gambiarras e o estrepito das ovações, em que outro poderia esquecer tudo, mantem Antonio Pedro nitida e vivida a lembrança do anniversario do filhinho e para elle, que ainda não pode ler, nem sequer comprehender, traça no papel um pedaço do seu coração nas duas quadras que ahi ficam e que espelham na sua terna simplicidade, ungidas de affecto, o sentimentalismo carinhoso e suave da sua grande alma.

Da forma como Antonio Pedro desempenhou os papeis que lhe foram confiados no Theatro do Principe Real, onde esteve até 1870, dá testemunho o artigo da *Arte Dramatica* de 21 de Fevereiro de 1874 que segue:

«Debaixo da direcção do intelligente actor Santos começou Antonio Pedro manifestando que novos horisontes podia descobrir o seu talento. É grande a galeria de typos apresentados na scena do Principe Real pelo notavel artista. Para fallarmos das peças em que se tem tornado distincto seria necessario apontar todas as que subiram á scena. Recorda-nos ainda: o sargento do *João o carteiro,* o ambicioso dos *Herdeiros do Millionario*, o velho extravagante dos *Solteirões,* os creados da *Vida d'um rapaz pobre* e do *Abysmo*, o curandeiro do *Sr. Raynunculo*, o preto do *Monarcha das Coxilhas*, o barão Grog da *Gran-Duqueza de Gerolstein,* o colleccionador de borboletas do *Por causa d'uma carta* e tantas outras creações nos *Falsos viciosos*, *União Iberica*, *Ponte dos Suspiros*, *Flôr de chá*, etc.

«Antonio Pedro sente pelo seu mestre, o actor Santos, a maior

gratidão; julga que a elle deve o muito que hoje vale e não se cança de o proclamar a toda a gente; não é porem menos verdade que o talento superior do grande artista o affasta da copia servil que a muitos tem prejudicado; mas sobretudo o que revela esta confissão de Antonio Pedro é uma alma bem formada, uma louvavel modestia e um coração em extremo grato.»

Com este reportorio foi ainda duas vezes ao Porto, e ahi alcançou a repetição das ovações de que foi alvo em Lisboa.

Em Setembro de 1870, e ainda em companhia de Santos e Pinto Bastos, passou Antonio Pedro para o Theatro de D. Maria II, onde esteve até 1876, e ahi fez sempre com grandes applausos entre outras peças: *Marion Delorme, O Juiz, Pedro Ruivo, Louco d'Evora, O Abysmo, Audiencia na Salla, Córa ou a Escravatura, Patria, Tartufo, Caridade, Duas noivas de Boisjoly, Maria Antonietta, Viscondes d'Algirão, Sabichões, Mosca branca, Dote de Maria, Rabagas, Beatriz, Condessa de Freixial, Helena, Porteiro da casa n.º 15, Filippa de Vilhena, Entre a flauta e a viola, Condemnado, Victimas do Folhetim, Conductor d'omnibus, Duas Orphãs* e *O Paralytico,* peça que subiu á scena pela primeira vez em D. Maria na noite de 21 de Janeiro de 1874, em seu beneficio, e onde elle no principal papel conseguiu fazer uma assombrosa creação [1].

Foi n'esta noute de festa que se espalhou, devida á penna inspirada do grande poeta Thomaz Ribeiro a seguinte poesia:

---

[1] Da *Carteira do Artista.*

A ANTONIO PEDRO

Na noute do seu beneficio em D. Maria com a 1.ª representação do *Paralytico*

Eil-o! O Proteu da scena, o portentoso nume,
que nos faz compungir, amar, sorrir, chorar!
o que os arcanos da arte em si todos resume
e diz... como elle os diz!... ás vezes sem fallar!

— D'onde veio?— Inqueri das lucidas espheras!
— Onde vive?— Ninguem vos diz que o viu jamais;
é como um sonho bom de providas chimeras
que argenteo nimbo envolve em mundos ideaes.

— Quem o creou?— O genio.— E a arte quem lh'a ensina?
— *O* fogo que tem dentro e a luz que vem dos Ceus.
— Quem o guiou aqui?— O acaso, o instincto, a sina,
que alguns chamam condão e os crentes chamam — Deus!—

Quando se accende o palco elle apparece e brilha;
quando essa luz se apaga, elle se esconde e esvae;
e o mundo busca, embalde, a senda que elle trilha;
e á porta espreita em vão, por onde elle entra ou sae.

Hoje que no seu templo é sacerdote e nume,
flôres chovei sobre elle! applaude-o multidão!
c'rôa essa fronte accesa em sacro-santo lume!
É-nos dever saudar as glorias da nação.

21 – 1 – 74. THOMAZ RIBEIRO.

Sobre este repertorio escreviam varios jornaes:

Arte Musical, de 20 de Dezembro de 1873:

«*Porteiro da casa n.º 15*, peça em 5 actos, representada em beneficio do actor Theodorico no Theatro D. Maria em 18 do mesmo mez:

«No desempenho distinguiu-se alem do beneficiado, o actor Antonio Pedro. Pode dizer-se, sem lisonja que Antonio Pedro é grande actor. Cada novo papel é um triumpho. Este é completo.

«Tudo se liga para um fim unico — verdade, estetica e plastica.

«Para que um papel seja bem desempenhado, para que mereça o que ouvimos a um grande actor tambem (Taborda):— Não se faz melhor; não ha um gesto, uma palavra, uma posição que não seja verdadeira. É necessario que alem d'um grande talento para a concepção d'um typo, haja uma fina e perspicaz observação e um estudo consciencioso da vida.

«Quando alguem nos diz:—N'aquelle actor tudo é intuitivo, expontaneo — não podemos deixar de nos sorrir; porque desmente esta asserção a variedade e verdade de todos os papeis que representa.

«A expontaneidade pode crear os typos de phantasia, pode animar os papeis que vivem pelo sentimento e prestar deslumbrante colorido ás paixões; mas quando os typos são da vida real, quando os encontramos entre nós, quando o proprio papel os obriga a minuciosidades da vida pratica, então não é a expontaneidade que os cria, mas sim a observação que os concebe e o estudo que os executa.

«O papel de mestre d'obras *Charançon* é d'uma verdade admiravel em todos os seus detalhes, é filho do talento e do estudo.»
— LINO D'ASSUMPÇÃO.

Gazeta Musical de Lisboa de 1 de Fevereiro de 1874:

«Mais d'uma vez temos dito que Antonio Pedro é um dos nossos primeiros actores, e todavia nós, que prestamos sempre a devida homenagem ao seu raro merecimento, francamente confessamos, não esperavamos d'elle tanto, nem para tanto suppunhamos os seus recursos. O leitor não esqueceu ainda de certo o sisudo sargento do *João o carteiro*, o generoso creado do *Abysmo*, o velho extravagante dos *Solteirões*, o judeu usurario do *Juiz*, o Madré do *Pedro Ruivo*, o Charançon do *Porteiro da casa n.º 15.*

«Pois verdade, verdade, tudo isto é nada comparado com o magistral desempenho de Jeronymo Peiras do *Paralytico.*

«O leitor conhece-nos e sabe que não somos lisongeiros nem adoladores; pois bem: em theatro portuguez nunca vimos representar melhor. Antonio Pedro honra a arte e a terra que lhe foi berço e todavia, ninguem mais modesto do que elle! Vejam-o na rua. Não parece o mesmo homem. Maravilha nos a sua modestia.»

Artes e Lettras de 1874, pag. 163:

«Theatro D. Maria 2.ª: *Os Viscondes d'Algirão* — O desempenho da comedia foi muito bom por parte de todos os interpretes, cabendo porem as honras d'elle á actriz Carolina Falco e ao actor Antonio Pedro que d'uma parte insignificante fez uma creação magnifica.»—RANGEL DE LIMA.

No engraçado livro *Os Theatros de Lisboa* que Bordallo Pinheiro illustrou com a sua extraordinaria verve artistica, escrevia Julio Cesar Machado:

Antonio Pedro

«Grandemente e sinceramente modesto; nem a affectação hypocrita dos vaidosos sem coragem, nem a baixeza comprimenteira

das nullidades; simplicidade natural, o modo expontaneo de um homem que nem se dá ares de charlatão, nem ares de humilde.

O seu mundo é o theatro.

«Vive para elle, para elle trata de si.

«Em d'alli saindo é um patusco que se perde na onda, que

se confunde na turba.

«Exactamente como os escriptores notaveis desdenham ás vezes brilhar nas conversações, costumados como andam a brilhar para o pubilco, quando, em vez de fallarem com tres pessoas, fallam a quinze mil do alto de um artigo ou de um livro, assim elle não se preoccupa com a rua nem com a praça; a sua praça e a sua rua, é o tablado.

«Cá fóra passa na sombra como um homem qualquer, que gosta

de um petisquinho á noite n'uma tasca aceiada, sabe onde se frege o linguado com mais amor, e onde a azeitona é mais bem temperada.

«No tablado é o personagem.

O judeu do *Juiz*.

O janota dos *Solteirões*.

O Communista do *Rabagas*.

O moleiro do *Pedro Ruivo*.

O famoso *Paralytico*, que parecia estrear alguma curiosa tri-

logia de parodia ás enfermidades, e ir continuar pelo *Anemico* e pelo *Hydropico*, mas que surprehendeu toda a gente por ser triste, lugubre, e desempenhar-se elle do seu papel com correcção.

«Descuidoso das coisas pequenas, conforme é dado ao pretôr — *de minimis non curat,* caracterisa-se nos camarins dos outros artistas, com o vermelhão alheio, e a cortiça de outrem. Vae no entreacto fazer essas visitas de ao pé da porta, e diz ora a um ora a outro:

«— Então como vae isso?
«— Bem.
«— Vae bem, esta noite?
«— Como sempre.
«— Graças a Deus! Sempre assim digas. Deixa-me cá ver...
«— A lingua?

«— Não. Já me disseste que estás bom, é quanto me basta para meu socego. Deixa-me ver... o vermelhão?
«— Queres vel-o?!
«— Quero. É só dar-lhe as boas noites...

«E *záz;* ahi se chega ao espelho, ahi *faz* as faces, e ahi arranja os olhos.

«Depois, com a maior placidez:

«— Até sempre!

«E vae para a scena.

«Não ha o direito de perguntar a um homem se elle estuda e quando estuda, desde que se observa que são evidentes os seus progressos. Se Antonio Pedro estuda nos livros, não sei; sei que o seu talento se tem desenvolvido consideravelmente, e que, de dia para dia, em successivas manifestações de aptidão, se vae revelando o engrandecimento das suas faculdades e a riqueza das suas posses artisticas.»

Primeira digressão ao Brazil

Em 1 de Julho de 1875 realisava-se no Theatro de S. Carlos a despedida de Antonio Pedro e Gil que em breves dias partiam para o Rio de Janeiro.

N'este espectaculo tomaram parte todos os primeiros artistas: João Rosa recitou a poesia *O Firmamento* de Soares de Passos; Emilia Adelaide *A Judia* de Thomaz Ribeiro; a Companhia da Trindade a comedia *Quando menos se espera;* Santos, Virginia e Gil, *A gravata branca;* Antonio Pedro fez o 4.º acto do *Paralytico* e os Srs. Del-Negro e Wagner tocaram phantasias.

Fechou-se o espectaculo com uma marcha composta expressamente para a despedida dos dois artistas.

O theatro tinha uma enchente collossal e o enthusiasmo foi indescriptivel.

N'um dos intervallos El-Rei D. Luiz I mandou chamar Antonio Pedro ao camarote real, agraciando-o com

o grau de Cavalleiro da antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago, de merito scientifico, litterario e artistico.

Em 14 de Julho do mesmo anno era Antonio Pedro iniciado como Ir.·. no GR... OR... Luzitano Unido, na Resp.·. Off.·. União Independente, e a 22 partiam os dois artistas finalmente para o Rio de Janeiro, afim de se juntarem ao seu societario Guilherme da Silveira. Ali representaram as seguintes peças: *Paralytico, Solteirões, Drama do Povo, Tartufo* e *Pedro Ruivo;* Antonio Pedro fez tambem a scena comica *Alto Vareta.*

Permaneceram no Rio apenas dois mezes por estarem compromettidos com a empreza de D. Maria II para a abertura da nova epoca, o que não obstou a que, antes da sua partida para a Europa, fosse conferido a Antonio Pedro o diploma da Sociedade Protectora dos Artistas Dramaticos.

Do brilhante enthusiasmo com que foi recebido pelo povo fluminense, tratam os jornaes d'aquella cidade pela fórma que extractámos:

HONRA AO MERITO

Vassalagem rendida ao talento do eximio artista Antonio Pedro
por um irmão d'arte

Quem és tu? d'onde vens? que chamma é essa
Que a fronte magestosa te illumina
Com limpido clarão?
Qual o poder que exerces sobre a terra,
Para a ti se encurvar a fronte altiva
Da immensa multidão?

Quem és tu que a este povo soberano
Nunca affeito a humilhar-se, a render cultos,
Fazes curvar-se a ti?

Se és acaso algum ente sobrehumano,
Dos páramos celestes enviado
Que vens buscar aqui?

«Sou Artista! Do povo um pobre filho
Sem brazões e sem falsas lentejoulas
Qu'enfeitam a sociedade!
Trago na fronte o sello do trabalho,
A paz no coração, e n'alma nobre
A luz da liberdade.»

És Artista! que importam falsos brilhos
De falsos ouropeis com que se adorna
A inclita nobreza?
O laço fraternal contem um élo,
Em que Deus n'elle uniu com forte amplexo
A inteira natureza.

Deus te salve famoso Antonio Pedro!
Exulta ó Portugal! elle, o teu filho
É a gloria do proscenio.
Se aos Reis curvam-se as frontes respeitosas,
A elle ham de incurvar-se as régias frontes
Para adorar-lhe o genio.

Tambem a ti se curva um irmão d'Arte
De Guttemberg, um filho predilecto
A ti filho de Talma.
E para venerar o teu talento
Depõe hoje a teus pés, sublime Artista
As flôres da sua alma.

É pobre a offerta, porem, recebe-a Artista,
Que n'ella não verás o cunho humilde
Da baixa adulação;
Nada mais posso dar ao teu talento
Senão as pobres flôres de minh'alma,
E um amplexo de irmão.

São flôres bem singelas mas mimosas,
São todas no perfume irmãs das tuas...
No mundo sem egual;
Tam pobres como são fallam verdade,
Rendem cultos mais puros e sinceros
A Antonio e a Portugal!

UM ARTISTA.

Mephistopheles, Rio de Janeiro:

«Que nome tão singello e despretencioso, e no entanto que talento tão multiplo e brilhante.»

A Reforma, Rio de Janeiro:

«Antonio Pedro... o mais notavel artista portuguez n'estes ultimos annos.

«Que Antonio Pedro viesse captar a nossa admiração na parte comica era isso de esperar em vista do prestigio que acompanha o seu nome, ha muito tempo, como artista gracioso; que se mostrasse prodigiosamente igual na parte dramatica ninguem poderia calcular, porque póde-se dizer que talvez fosse um facto virgem nos annaes do theatro.»

A Nação, Rio de Janeiro:

«... O actor revelou-se um genio. Trabalhando simultaneamente nos generos comico e dramatico o sr. Antonio Pedro deixa os espectadores na duvida sobre em qual prima.»

Diario do Rio, 15 d'Agosto de 1875:

«A estreia do actor Antonio Pedro é um acontecimento que tem dado que fallar.

«Por toda a parte e como se fosse d'uma só bocca ouvimos o

mesmo elogio :— é um artista admiravel, uma gloria do palco portuguez, um grande interprete dos sentimentos da humanidade, possuindo em alto grau a magia de arrebatar as platéas e arrancar applausos d'enthusiasmo.

«É uma intelligencia brilhante, que alcança as soluções mais difficeis da psychologia e metaphysica, é um grande pensador enriquecido pela analyse profunda do coração e da natureza. É um artista que ama a arte, sabe respeital-a, conhece os principios immutaveis que a regem, comprehende qual o verdadeiro caminho que deve trilhar.»

«Superior a um livro inteiro é ir ouvil-o, é ir sentir de perto, frente a frente, a grandeza de seus dotes e qualidades.»

A Lei:

«De Antonio Pedro o que diremos?

«De artistas como elle nada se pode dizer; vae-se vel-o e sae-se como tomado de assombro.»

Mosquito, de 15 de Agosto de 1875, Rio de Janeiro:

«*Estreia de Antonio Pedro* — Antonio Pedro! Antonio Pedro! Que nome! Que dois nomes! Separem-n'os, juntem-os, troquem-n'os e vejam o que se deve esperar d'um homem que se chama Antonio Pedro para os estranhos e simplesmente Antonio para os intimos.

«Se fosse Antonio de Sousa, ou Antonio da Silva, ou qualquer outro d'este formato, os nossos reparos de certo não teriam cabimento.

«Mas Antonio Pedro!... Eu ainda não estou em mim e cada vez me convenço mais que a chrisma foi unica e exclusivamente promulgada para este nome. Porque ao ouvir o nome de Antonio Pedro, vem-nos á idêa, um honrado industrial, um zeloso empregado d'Alfandega, emfim mil cousas, menos que Antonio Pedro é o nome d'um artista e d'um artista celebre. Mas deixemos o nome e vamos tratar do artista.

.. ..

«Annunciou-se, veio e representou. Tudo isto a correr.

«Chegou n'um dia e representou no outro, com as malas a bordo e o cheiro da machina no nariz.

«Logo nas primeiras palavras se revelou um grande artista. Não havia phrase que não fosse medida, gesto que não tivesse a sua significação.

«Assim passaram as cousas até ao 3.º acto.

«No 3.º acto a scena com Fanny e o final com Silverio confirmaram a grande reputação de que vinha precedido o estreiante.

«No 4.º acto... O que havemos nós de dizer do 4.º acto? Não se descreve o que é Antonio Pedro no 4.º acto do *Paralytico*. Parece que a gente está sentindo o que elle finge experimentar.— S. SARAIVA.»

A ANTONIO PEDRO

No seu beneficio no Rio de Janeiro em 4 de Setembro 1875

Acceita collega o mimo singello
Que em nome da arte te venho offerecer
É elle uma rosa dos prados. a joia
Que em premio o talento só póde colher.

Assim tão mimosa, franguinia e viçosa
Atada a uma fita azul côr do Ceo.
É ella o emblema dos premios dos genios
E aos genios nas artes honroso trophéo.

Acceita collega, o mimo singello
Das mãos da artista que vem t'offertar:
É elle mui simples, porem o mais nobre
Que ha de na arte teus passos guiar.

EUPHRASIA GUERREIRO.

Antes de sahir do Rio de Janeiro praticaram Antonio Pedro e Gil uma acção que muito convem aqui registar.

Estavam os dois artistas nas ante-vesperas da largada

do vapor que os devia reconduzir ao reino, quando souberam que havia uma escrava que poderiam resgatar. Combinando entre si o meio mais pratico para conseguir tal fim, resolveram dar uma *matinée* cujo producto deveria servir para libertar a captiva. Dito e feito.

Marcou-se o dia e annunciou-se o espectaculo. Quando porem a hora de começar se approximava, o tempo, parecendo não se associar á sua obra caritativa, rompeu n'um chuveirão fortissimo.

Mas a tudo resolvidos para libertar a escrava, combinaram em caso de perda, pôrem do seu bolso a quantia exigida para o resgate.

Não foi preciso tal expediente.

O enthusiasmo que despertou no publico foi tão grande, que os bilhetes procurados e vendidos a preços elevadissimos, produziram tal receita, que não só chegou para a libertação da negra, como tambem para livrar uma sua filha que, como ella, gemia ao pezo da escravatura.

Ao regressar do Rio de Janeiro, voltou Antonio Pedro para D. Maria onde tomou parte no beneficio dos Veteranos da Liberdade, recitando o monologo dramatico do sr. Cascaes *O Carnide* ou o *camarada do Marquez de Sá,* trabalho difficilimo, que foi muito elogiado por toda a imprensa.

Em 18 de Abril de 1876 foi, a convite da Sociedade Beneficente D. Luiz I do Porto, representar obsequiosamente o drama *Paralytico,* n'um beneficio que se

realisou no Theatro de S. João e cujo producto era destinado á creação de escolas.

O *Primeiro de Janeiro* no seu numero de 19, faz a descripção d'esta brilhante festa como segue:

THEATRO
DE S. JOÃO

«Realisou-se hontem n'este theatro o beneficio promovido pela Direcção da Sociedade de Beneficencia D. Luiz I para a creação de escolas para os filhos benemeritos do trabalho.

«O benemerito acolhimento que tevea idêa não podia deixar de se estender aos artistas que generosamente a secundaram.

«Antonio Pedro foi recebido ao apparecer em scena com uma estrondosa salva de palmas. No fim do 1.º acto recebeu este artista o diploma de socio benemerito da sociedade beneficiada, entregue pela commissão promotora do beneficio, em rica pasta de veludo azul com o retrato de El-Rei D. Luiz, presidente honorario da Sociedade.

No Mineiro de Casçaes

«Nos lavores a prata que emmolduravam o retrato, lia-se a dedicatoria: «Ao distincto actor Antonio Pedro — Offerece a Sociedade de D. Luiz I.»

«No decurso do espectaculo foi a rampa coberta de flôres e bouquets. Não faltaram brilhantes poesias distribuidas nos inter-

vallos, e no fim tiveram os artistas, e especialmente Antonio Pedro uma calorosa ovação.

«No atrio ornamentado de arbustos, tocava a banda da Municipal e fazia a guarda d'honra uma força do mesmo corpo, com uniformes de gala.

«Um piquete de bombeiros voluntarios e outro de bombeiros municipaes, ambos uniformisados, contribuiram para abrilhantar esta festa em tudo digna do seu nobre destino.

«Entre as lindissimas poesias distribuidas, allusivas á festa, espalhou-se tambem uma dedicada a Antonio Pedro:

A ANTONIO PEDRO

Na noute do beneficio a favor das escolas da Sociedade de Beneficencia D. Luiz I no Real Theatro de S. João

Oh! Pedro! Se da gloria o ardente facho, ainda
Te não banhasse a fronte em turbilhões de luz;
Se a enorme voz do povo, aquella voz infinda
Que sae não sei de donde e tudo em si traduz;

Teu nome não houvesse, ó grande actor, levado
Nas azas da ovação dos mundos ao confim,
Se a imprensa ouvindo attenta aquelle immenso brado,
Dos genios immortaes no esplendido festim,

Te não marcasse, ha muito o logar de honra, o assento
Que aos homens como tu é licito occupar,
Bastava este sarau, bastava este momento
Para o teu nome, actor, os louros alcançar.

E ninguem, escutando o canto agradecido
Que sae de cada lar n'um côro maternal,
Deixará de saudar o actor reconhecido
Que á infancia vem trazer o pão espiritual.

18 de Abril de 1876.

CARLOS NEGREIROS.

A Mosca, semanario humoristico illustrado do Porto:

«*Antonio Pedro* — O grande artista só se desfigura em scena. Ahi sim; ahi brota-lhe radiante da alma, a scentelha do genio. A sua mascara então assombra. N'ella se desenham todas as impressões do personagem que Antonio Pedro interpreta.

«N'aquelle rosto opera-se medonha transformação. Ora se contrahe n'uma expressão de cruciantissimo desespero, ora se expande em luminosas scintillações de jubilo e de ternura!

«Nas suas mãos nervosas, crispadas pelo Genio, apanha Antonio Pedro as almas dos espectadores. Nenhum lhe perde um movimento, nenhum deixa de estremecer, quando aquella voz resôa melancolica por entre lagrimas, ou retumba sonora por entre brados de desespero!

«É grande, e magestoso. Não está em scena a creatura macillenta e debil que cá fóra nos passa despercebida; está ali o artista prodigioso que a Arte galvanisa, o homem superior que o Genio poisa cuidadoso sobre as suas longas asas luminosas...»

De volta a Lisboa deliberaram Antonio Pedro e Gil uma nova digressão ao Brazil.

Segunda digressão ao Brazil

Organisada a companhia effectuou-se a partida em setembro de 1876 e *O Contemporaneo* dando-lhe o adeus de despedida, publicou expressamente um supplemento dedicado a Antonio Pedro com os seguintes artigos:

ANTONIO PEDRO

«O talento de Antonio Pedro reproduz as physionomias, como uma placa de metal reflecte os objectos que se lhe apresentam.

«Os seus papeis interpretados, desenhados, compostos aqui e ali por entre a lida incessante d'um reportorio, tantas vezes sem escolha e sem rasão de ser, não esquecem; e são por tanta maneira notaveis, que é necessario vel-os para ter idéa, entre nós, do que sejam creações comicas no theatro.

«Elle adivinha o *eu* humano, que é o estudo mais illimitado nas suas manifestações multiplices, a origem fecunda, inexgotavel, onde a philosophia vae buscar o que ensina, de onde a poesia tira os gritos de enthusiasmo, os sorrisos e os ais d'angustia, de onde as letras tiram a eloquencia, e a arte as figuras e as paixões!

«Como tem elle feito para chegar a isto?

«Não sei.

«Vê, talvez, dois homens a conversar na rua, apanha-os pelos pormenores; a cabeça, por exemplo; depois separa-os e tem só feições, narizes, olhos, bocca, queixos; em seguida com a sua habilidade, com a segurança de imitação, baseada em indicações dadas pela natureza, compõe os typos.

«Os talentos do theatro precisam modêlo; não podem representar bem sem isso. Se já acabaram as grandes peças cavalheirescas, é porque o typo do cavalheiro tambem acabou. Não me refiro aos grandes vultos da historia, a D. João de Castro empenhando as barbas; refiro-me simplesmente aos gentis-homens de 1833; já não ha aquella bizarria, aquella elegancia altiva e cortez, aquella intrepidez romantica; e, nas peças de hoje, em os actores tendo isso, arranjam uma coisa falsa, artificial, que não é cavalheiro nem é coisa nenhuma, senão uma parecença de paspalhice e de emproamento sem geito e sem nobreza. Ora, Antonio Pedro encontra na vida os seus papeis; grande vantagem, incalculavel. Na vida não ha Hamlet, nem D. João; mas ha o judeu, mas ha o moleiro, mas ha o paralytico, e elle vê-os.

«Genio nativo. Actor de raça. Um artista singello, innocente na sua superioridade, parecendo pedir que lh'a desculpem; não é um delicado, não é um instruido, não vem do Conservatorio, não explica os seus papeis a quem o quizer ouvir, não os commenta, não os sublima, cria-os.

«As amas de leite são segundas mães, elle é o segundo auctor dos seus papeis.

«De uma vez no meio de um vendavel ia um navio em perigo.

Um marujo depois de gritar quanto pôde todo o alphabeto A, b, c, e d'ahi por diante, olhou para o ceu, e, de mãos postas, disse erguendo-as.

«— Meu Deus, eu não sei rezar, mas dou-te as letras, e tu, Senhor, compõe lá a oração, que bem sabes o que eu quero vir a dizer!

«Assim é Antonio Pedro. Não sabe o que está nos livros, não sabe o que diz a historia, não sabe o que manda a arte, mas tem a inspiração, a adivinhação, a creação; dá isso á arte, e a arte entende-o.» — JULIO CESAR MACHADO.

A IMPRENSA PERIODICA
A PROPOSITO DE ANTONIO PEDRO

«Damos, nas seguintes transcripções, indiscutivel prova do elevado conceito, da profunda admiração e enthusiastica sympathia, que, entre nós, têem grangeado as eminentes qualidades artisticas de Antonio Pedro.

«Fôra impossivel transcrever — ainda em brevissima summa — quanto se tem dicto a proposito do nosso grande actor.

«Limitando ás dimensões d'esta folha e ao resultado das nossas investigações, deixaremos, involuntariamente omittidas, opiniões, auctorisadissimas, todas de certo concordes em proclamar Antonio Pedro, artista de elevada inspiração, talento prodigioso, um gigante da scena!

«Cremos, ainda assim, que não será esta homenagem das menos condignas e sympathicas ao esplendido talento do eminente artista.

«A brilhante carreira artistica de Antonio Pedro é de todos conhecida pelas magnificas creações em todos os generos que tem no seu longo reportorio. Póde ella dividir se em tres periodos distinctos. O primeiro, até á sua entrada para o Principe Real. O segundo comprehende os dois annos, que permaneceu n'este theatro e em que revelou o muito que havia a esperar do seu raro merecimento. O terceiro, que começou ha quatro annos, collocou-o no theatro de D. Maria, occupando um dos mais distinctos logares d'aquella scena.

«Papeis ha em que Antonio Pedro egualou muitas celebridades artisticas; ninguem por certo o excederia no velho extrava-

gante Vauctroix dos *Solteirões,* no criado da *Vida d'um rapaz pobre* e no do *Abysmo,* no colleccionador de borboletas da *Por causa d'uma carta,* no protogonista do *Paralytico* e em muitos outros papeis que o tornariam uma celebridade européa, se o acaso o não fizera nascer n'este canto quasi ignorado.

«Antonio Pedro conta apenas trinta e nove annos de edade e dezesete de carreira artistica; tem pois ainda um largo futuro na arte a que póde prestar os mais relevantes serviços.»

Contemporaneo, Lisboa.— SOUSA BASTOS.

—

«Antonio Pedro revela em cada nova creação a opulencia da sua vocação artistica, e os dotes do seu esplendido talento. Este artista baseia as suas observações no estudo da natureza e é ella sem contradicção o livro cujas paginas fornecem ao actor a lição mais salutar, o exemplo mais verdadeiro para a perfeita interpretação do personagem, que tem de reproduzir sobre o tablado.»

A Platéa, Lisboa.

—

«Antonio Pedro está acima de um talento, é o genio mais prodigioso, que entre nós tem fulgurado á luz da rampa. Veia comica não a ha mais espontanea e risonha. Typos nunca outro os creou mais perfeitos e variados. Nunca actor desappareceu como elle na individualidade dos diversos personagens. A sua voz presta-se a todos os cambiantes, a sua physionomia e gesto a todas as expressões. É egual sempre e sempre verdadeiro.»

Gazeta do Dia, Lisboa.— E. BIESTER.

—

«Grande naturalidade de gestos e inflexões e uma rara intuição da verdade psychica dos seus personagens elevam este artista a uma esphera superior na arte de representar.»

Diario de Noticias, Lisboa.

—

«O actor A. Pedro, que hoje, sem contestação, se póde denominar o primeiro actor comico portuguez.. .....»

Jornal do Commercio, Lisboa.

—

«O publico, costumado sempre a ver no sr. Antonio Pedro um actor comico de superior esphera e de inexgotaveis recursos, preparava-se alegremente para rir e saborear a graça e o chiste com

que elle desempenha sempre os seus papeis e a arte com que apresenta em cada um nova creação distincta.

«Pois enganaram-se todos; o velho casquilho dos *Solteirões*, o impagavel conductor d'omnibus, o famoso diplomata da *Gran-Duqueza*, o austero *Orgon* do *Tartufo*, apresentava-se inteiramente outro no *Paralytico*..... ....
o artista foi sublime, surprehendendo o auditorio, que admirou n'aquelle magnifico lance — no 4.º acto — um talento que póde figurar na galeria dramatica a par de Tasso e Epiphanio.»

Jornal da Noite, Lisboa.

—

«Tem o condão da extremada modestia aquelle extraordinario talento, revelado no *Paralytico* em todo o seu esplendor... Antonio Pedro é um prodigio, tem a verdadeira intuição da arte, um talento natural, espontaneo, não se reproduz nunca.»

Jornal do Commercio, Lisboa.

—

«Antonio Pedro, no papel de Moleiro no *Pedro Ruivo* representou acima de todo o elogio. É um talento privilegiado que, em outro meio e com outros recursos, havia de deixar um nome immortal na arte dramatica.»

Revolução de Setembro, Lisboa.— ALBERTO DE QUEIROZ.

—

«Para estabelecer a antithese, sendo Santos o *Tartufo* só era possivel escolher Antonio Pedro. E Antonio Pedro, que é realmente um verdadeiro actor, sustentou o equilibrio por modo tal, que Molière, que desempenhou aquelle papel, conhecer-se-hia, se lhe fosse dado ouvil-o, no interprete portuguez.»

Primeiro de Janeiro, Porto.— ALBERTO PIMENTEL.

—

«E entre todos especialisaremos Antonio Pedro, o *Orgon* da comedia; talento admiravel, que temos visto manifestar-se em todo o genero de papeis, desde o dramatico até ao baixo-comico.»

Jornal de Lisboa.— A. DE OLIVEIRA PIRES.

—

«Antonio Pedro tem hoje o seu logar marcado, na pleiade dos grandes actores europeus. Tem a inspiração, o fogo sagrado, o genio creador! Pertence a essa grande familia d'artistas, que, auctores ou actores, pintores ou estatuarios, souberam lavrar no

marmore ou no verso, pintar na tela ou na propria physionomia, a expressão sublime das grandes paixões, que, debruçando-se sobre este abysmo insondavel da natureza humana, souberam arrancar-lhe os segredos psychologicos, que imprimem depois ao vulto phantasiado pela arte esse cunho de realidade, que é o sello immortal do genio.»

Tribuna, Lisboa.— PINHEIRO CHAGAS.

—

«Antonio Pedro, o maior genio que tem illuminado a scena portugueza...»

Arte dramatica, Lisboa.

—

«Antonio Pedro, o que é, o que vale deve-o apenas a Deus, á Providencia ou ao acaso. Chamem-lhe como quizerem, o que é innegavel é que ha o quer que seja, supremo, sobrenatural, que n'este mundo tem creaturas suas favoritas, a quem concede o dom de adivinharem o que as outras toda a vida ignoram e a quem illumina com a faisca do genio. No numero d'estes entes privilegiados está Antonio Pedro, o actor irreprehensivel, o actor modelo.»

Gazeta Musical, Lisboa.— C. BORGES.

—

«Um dos homens mais extraordinarios do nosso theatro é Antonio Pedro. Extraordinario talento, extraordinaria organisação e extraordinaria individualidade. Quem o vê fóra da scena, quem falla com elle, não póde advinhar o genio que se ergue em vôos de aguia ás cumiadas mais brilhantes da arte... É realmente um prodigio Antonio Pedro; assombra a pujança d'aquelle talento nas suas mais complexas manifestações; é um actor completo, perfeito, um talento immenso, é mais que talento, é um genio, d'aquelles que deixam rasto luminoso na historia do mundo.»

Revista dos Theatros, Lisboa.— GERVASIO LOBATO.

—

«Mas onde vae elle buscar aquelles esmeros, aquelle acerto, aquella realidade colorida? A quem lh'o perguntou na noite do seu beneficio respondeu com tanta modestia, quanta simplicidade popular.

—«Calhou!

«Tem rasão, calhou; como o invisivel eterno que lá de cima

parece joeirar talentos acertou de deitar no teu cerebro um dos seus bagos mais puros!»— E. VIDAL.

—

«Aquelle verdadeiro talento dramatico apossa-se com extrema facilidade de todos os caracteres, cujo desempenho lhe é confiado, incarna-se n'elles, e apresenta-nos cada dia uma nova creação, deixando-nos absortos pelos inexgotaveis recursos do seu genio, artistico.»— ASSIS DE CARVALHO.

Na Pera de Satanaz

—

«Antonio Pedro, no *Paralytico*, sóbe ás eminencias, que só conseguem attingir os artistas privilegiados. Que perfeição a d'aquelle trabalho! Não ha um exagero de physionomia, um grito desafinado, uma inflexão desacertada, um movimento, que não seja digno e apropriado, um detalhe por mais insignificante, que não seja artisticamente posto em relevo. Tudo acabado, completo, perfeitissimo!»

Ecco Musical, Lisboa.— SALVADOR MARQUES.

—

«Cada peça nova em que Antonio Pedro entra é um novo triumpho que conquista...

Brasil, Lisboa.— RANGEL DE LIMA.

No Brazil percorreram n'esta digressão Rio de Janeiro, Bahia, S. Paulo, Campinas e Santos, onde foram recebidos com as mais extraordinarias ovações.

Eis como a seu respeito se manifestou a imprensa d'aquelle paiz:

Tribuna Liberal, de 26 de Setembro, S. Paulo:

«Que poderemos dizer mais de Antonio Pedro?

«É impossivel dizer-se quanto elle é grande!

«Não é dado ouvil-o e vel-o, sem que se lhe preste todas as homenagens devidas a um talento extraordinario.

«Antonio Pedro é o artista a quem os criticos de alem-mar sagraram genio, e as imprensas da Côrte e da Provincia de S. Paulo, unisonas, saudaram o mais bello ornamento do palco portuguez.

«Em verdade ver Antonio Pedro em scena dizer um papel é conhecer que no artista ha alguma coisa, que se não ensina, porque se não aprende, é concluir que o genio lhe illumina a fronte laureada.»

Consciencia, 30 de Setembro, S. Paulo:

«*Antonio Pedro.*— Ao vel-o entrar em scena de logo se conhece o actor.

«A sua physionomia tem uma particularidade distincta em cada papel. Cada sentimento, cada paixão subitanea d'alma, elle a exprime, perfeitamente.

«Antonio Pedro é uma verdadeira gloria do palco.

«Seu nome hade ser sempre lembrado com respeito, saudado como grande intelligencia, pelo publico exaltado que o estima pela imposição de seu talento.

«O partido que tira das situações, a simplicidade natural com que executa os papeis, a creação d'outros, nas scenas *ad-libitum* do actor, ahi desenvolve recursos extraordinarios, ahi se revela um portento.

«O Poeta e o Orador, artistas como elle, poderiam dizer de Antonio Pedro bonitas coisas.

«O Critico aponta um eximio artista, regista-o no numero das notabilidades, escreve o nome de um soberbo talento e... deixa a penna.»

A ANTONIO PEDRO

Representando no *Paralytico*

Deus que tambem se entristece
Na viuvez das nações,
Dá lhes um Antonio Pedro,
Quando as priva d'um Camões.
Este sonhador, poeta;
Aquelle d'arte propheta;
Mas gigante cada qual!
Ambos para as frontes bellas
Tendo do céo as estrellas
O diadema immortal!

Artista, não sei, ignoro,
Des'que no palco te vi,
Se foste feito para a arte
Ou a arte feita p'ra ti.
Tudo cede ao teu imperio!
Que a arte não tem mysterio
Para o artista creador...
Do teu genio ante a potencia,
Vê-se illudida a sciencia
Confunde-se a propria dôr!

Quando nos enches de pasmo
Na exhibição d'um papel,
Excedes Phydias talhando
A pedra com seu cinzel!
Em vez de inertes figuras
Tu esculpes creaturas:
És o Phydias das paixões!
No craneo a idéa escondida
Tem o marmore na vida
Para as tuas creações.

Todo o papel te pertence,
Não vejo qual seja o teu;
Não se escravisa a uma fórma
Quem é da scena Protheu.
Tu só vales d'arte a historia!
De Talma e Salvini a gloria,
Já não pódes invejar:
Paralytico no drama,
Tens o teu *Christo* na fama
Que te manda caminhar.

Que rei não trocára, artista,
Seu destino pelo teu?
Que throno eguala em grandeza
Esse que a gloria te deu?
Quem fez-se Prometheu d'arte
Se orgulha de em toda a parte
Poder assim se mostrar!
Teu pé na terra descança;
Mas teu braço o céo alcança
Para o fogo lhe roubar.

Não ouves das cachoeiras
Chegar o estrondo até cá?
São palmas que a natureza
Ao vêr-te em scena te dá.
É que a plaga americana
Tambem sabe soberana
Um culto aos genios render.
Para abraçar-te hoje, ufano,
O vulto de João Caetano
Veja no palco se erguer!

É elle que ordena a todos
Que te cerquem d'ovação!
E a platéa delirante
Quer jogar-te o coração.
Em quadro que encanta a vista
Confundem-se povo e artista
N'um abraço fraternal!
Junto a ti tudo se some,
Para cantar o teu nome
É pequeno Portugal.

Das *Vozes no Ar*, 1876.

JOÃO DE BRITO (Bahia).

Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro:

«O que diremos de Antonio Pedro, do pequeno papel de Madré, o moleiro? Basta-nos uma palavra:—é admiravel! Typo, gestos, interpretação e execução, tudo é de mestre, e faz com que este papel, em que o vimos pela primeira vez, seja mais uma prova do prodigioso talento de tão notavel actor.»

Tribuna Liberal, S. Paulo:

«O Moleiro Madré, que é o anjo mau da peça, e que, graças ao desempenho de Antonio Pedro que o representa, assume proporções, que o proprio auctor da comedia jámais imaginava ao creal-a

. . . . . .

«Antonio Pedro deu vida ás situações mais insignificantes. Deu-nos um camponio simplorio no 1.º acto e no 3.º um refinadissimo tratante, cheio de manhas.

«A caracterisação do 3.º acto em um velho quasi decrepito, mas no qual, para mostrar a força da maldade d'alma estragada, ainda faiscam os olhos, foi perfeita.

«Antonio Pedro copiou do natural cada gesto, cada inflexão de voz, cada palavra; um espelho não reflecte melhor, uma photographia não é mais fiel.»

Diario de Campinas, Campinas, sobre o desempenho do *Tartufo:*

«Antonio Pedro confirmou mais uma vez os seus creditos de primeira plana.

«Teve gestos, teve phrases que só por si fariam a nomeada de um actor.»

—

Sobre a interpretação do *Drama do Povo:*

«Antonio Pedro, confirmou os seus creditos de *artista-prodigio.*

«É impossivel ir álem.

«O publico chamou-o repetidas vezes ao proscenio, ao som de *bravos* ruidosos e de prolongadas salvas de palmas.»

A Reforma, Rio de Janeiro:

«Quem nos ultimos tempos acompanha a marcha dos theatros em Portugal; quem conhece o estado da litteratura dramatica n'aquelle paiz, não póde certamente ignorar os nomes mais distinctos dos actores, e sobre todos está o de Antonio Pedro.

«Tão explendida vocação para a scena, talento mais variado e notavel, cremos que raras vezes apparece; homem tão modesto e despretencioso, difficilmente se encontra.

«Antonio Pedro é uma creatura por assim dizer ingenua; n'elle tudo é natural e logo que se estabeleça um pouco de convivencia com o homem vê-se a grande alma que alli está, o bello coração que elle possue.»

O Polichinello, Rio de Janeiro:

«Actor correcto, intelligencia pujante e admiravel, talento observador, Antonio Pedro é um verdadeiro artista.

«Elle cria os seus papeis, estuda os typos e os caracteres, penetra na concepção do auctor, investiga seus pensamentos mais reconditos e apresenta-se em scena com uma inspiração que em nenhuma escola bebeu e que não recebeu de mestre algum.

«Antonio Pedro apanha facilmente o caracter do typo que representa e n'elle se mantem com toda a uniformidade; todos os outros movimentos e actos do individuo em que elle se encarna, decorrem d'este ponto central como raios despedidos de um fóco.

«Antonio Pedro toma o seu typo, e depois de estudal-o profundamente, vae represental-o sem attender ao gosto das plateas. Compenetra-se da sua missão, um pouco mais nobre do que a de simples divertidor.»

O *Diario do Rio de Janeiro,* sobre o desempenho do *Paralytico:*

«Por mais longo que tivesse podido ir a exigencia do espectador, ella ficou, porém, pequena e insignificante, confundida ante a grandeza da scena, em que nos deslumbrou o grande actor.

«Confessamos sinceramente que em lingua portugueza ainda não viramos representar assim.

«Se Antonio Pedro fosse actor italiano, o seu logar seria distinctissimo ao lado de Rossi e de Salvini, accrescendo ainda o seu merito como actor comico.»

O Globo, Rio de Janeiro, sobre o desempenho do *Paralytico:*

«O talento de Antonio Pedro é admiravel, é surprehendente, e a sua estreia entre nós foi um triumpho completo.

«Quando appareceu, o vasto theatro quedou-se attento, e nos camarotes e nas cadeiras e na platéa, voltaram-se para a scena todas as cabeças que os guarneciam.

«E de espaço a espaço, proromperam as ovações, as palmas phreneticas e espontaneas, que eram brados de corações enternecidos, de espiritos enthusiasmados.

«E essas ovações, e esses brados, e essas palmas freneticas redobraram, multiplicaram-se ainda mais, no 4.º acto do drama, em que Antonio Pedro revela toda a potencia do seu talento, e que é um artista admiravel, privilegiado, como teem sido muitos d'esses que hão deixado um nome immortal na arte dramatica.

«Antonio Pedro patenteia que, á medida que a descrença vae lavrando entre nós, Deus nos envia, de longe em longe, um prodigio em qualquer dos ramos dos conhecimentos humanos, para assombrar-nos e fazer desabrochar novas crenças.

«O publico comprehendeu que em Antonio Pedro está a vocação ardente e enthusiastica revelada em todos os seus arcanos; está uma gloria nacional, e que todos os elogios tributados pela imprensa em geral, da terra que lhe é berço, são merecidos, e talvez fiquem áquem dos que lhe cabem.

«Em conclusão diremos que em Antonio Pedro tem o seu paiz — uma gloria — e que devemos gloriar-nos tambem de que — o acaso — o instincto — ou quiçá, o bom nome de que gozamos lá na sua terra — o guiassem até aqui.

«E Antonio Pedro deve estar ufano de ter obedecido aos dictames do seu coração, ou aos conselhos de alguns amigos, porque viu que todos que ali se achavam o saudaram enthusiasticamente; porque viu choverem-lhe aos pés as flôres e as ovações unanimes de uma platéa ciosa da sua reputação e da reputação da patria.»

De regresso do Brazil quando Santos e Pinto sahiram de D. Maria para o Gymnasio, Antonio Pedro acompanhou-os e ahi fez em beneficio de Amelia Vieira o drama *O Saltimbanco*, que subiu á scena em 22 de Fevereiro de 1877, deixando assombrado pelo desempenho do papel de Falla-só, o proprio auctor da peça, sr. Antonio Ennes, que assim o veio confessar em publico [1].

O Correio da Manhã de 23 de Fevereiro:

«Dizendo que o papel de Saltimbanco é para Antonio Pedro o *pendant* do *Paralytico*, temos feito o elogio d'este grande actor n'esta nova revelação, e Antonio Ennes teve um triumpho merecidissimo.»

---

[1] Da *Carteira do Artista*.

Em Maio d'esse mesmo anno foi a Coimbra com a companhia do Gymnasio, d'onde, depois de uma serie de representações seguiu para Aveiro e Porto.

Dizem d'essa excursão, entre outros jornaes:

O Conimbrense de 26 de Maio:

«Antonio Pedro, hoje o primeiro actor portuguez, tem a habilidade de obrigar o espectador a abstrahir do drama, dos actores, de tudo emfim, para sómente o ver a elle!

«N'elle tudo é talento, talento natural e expontaneo que o faz chegar ás maiores alturas do genio!

«Para o apreciar condignamente seria necessario uma grande penna e um grande livro!»

—

O Porto:

«Antonio Pedro foi como sempre admiravel, inimitavel, inexcedivel!»

Terceira digressão ao Brazil

(Maio de 1878 a Maio de 1879)

Regressando do Porto realisaram Antonio Pedro e Gil novo contracto com Guilherme da Silveira para uma tournée por Pará, Bahia, Rio de Janeiro, Pelotas, Rio Grande do Sul, Port'Alegre e Pernambuco, onde lhe foram prestadas as mesmas, se não mais, ruidosas manifestações d'enthusiasmo dos annos anteriores.

O que essa digressão representa na carreira artistica de triumphos de Antonio Pedro, dil-o a Imprensa nos artigos que seguem:

O Contemporaneo, 1878:

«*Antonio Pedro de Sousa* — Se é difficil encontrar nos fastos do

theatro portuguez talento que se lhe eguale, não é mais facil encontrar artista que disfructe tão justas e verdadeiras sympathias.

«*O Contemporaneo* pela terceira vez abrilhanta a sua excellente galeria com o retrato do nosso mais popular actor.

«Antonio Pedro vae deixar-nos por alguns mezes. O Brazil recebeu-o, nas duas epochas em que alli representou, com tal enthusiasmo e com tão manifestas provas de sympathia, que elle adoptou-o por sua segunda patria e alli volta a mostrar que não é um ingrato, que esqueça algumas das melhores noites da sua gloria.

No Terramoto de Lisboa

«No longo reportorio que Antonio Pedro vae apresentar no Brazil figura, entre outras peças de difficillima interpretação, o drama do sr. Ennes, *O Saltimbanco* ainda alli não representado, e que, se preciso fôra, bastaria para lhe dar a reputação de artista notabilissimo.

«Depois das enthusiasticas acclamações do publico, toda a imprensa de Lisboa, Porto e Coimbra foi unanime na apreciação do desempenho do difficil papel de Falla-Só n'aquelle drama, classificando o de sublime.

«Antonio Pedro tem todos os gestos, todas as visagens, todos os esgares, todas as contracções grotescas e dolorosas do truão; e tem todas as inflexões apaixonadas, todas as expressões angustiosas, todas as accentuações vibrantes de ternura, de desespero, de colera e de loucura de um pae escarnecido e vilipendiado, que

quer salvar sua filha de uma vida de ignominia, e que n'uma lucta implacavel contra o destino social, a vê por fim resvalar para um abysmo de miseria e finar-se extenuada de dôr.»

«A grande actriz italiana Jacintha Pezzana, assistindo a uma representação do *Saltimbanco*, foi n'um dos intervallos ao camarim de Antonio Pedro e ahi lhe dirigiu as mais lisongeiras phrases, confessando-se impressionada pelo assombroso talento do nosso excellente actor.

«Depois de uma recita do *Saltimbanco* dedicada a uma senhora de grande illustração, a princeza Ratazzi, Antonio Pedro recebeu o formoso livro *L'Ombre de la mort*, em que a sua auctora escreveu no frontespicio:

«*A l'eminent acteur Antonio Pedro que je regrette de n'avoir pu complimenter moi-même; Souvenir de vive sympathie.* — MARIE RATTAZI.»

A ANTONIO PEDRO

Na noute da sua estreia no Pará em 14-6-78

Alem elle inspirou estrophes diamantinas
Á musa caprichosa, avara de elogios!
Da imprensa tem colhido, em varios estadios,
Flôres, palmas e triumphos — aureolas do genio!

Mas perguntae: Quem sois? Elle dirá: — Ninguem!
Alli com o plebeu, alem com o rico ou nobre,
Sempre o mesmo — Ninguem. Mas é porque o não cobre
O manto de chimeras tecido pelo orgulho.

Genio arcando com o ignoto, fé contra vaidade,
Immenso na modestia, maior em seu destino,
É na rua o que? — Ninguem. Que o seu fecundo ensino
Vem de Deus, sim de Deus, Rei da Arte. E parabens!

Que a sombra a mais escura não faz do dia noite!
O sol é sempre luz, a luz é sempre a vida!
Embora venha a aurora de nevoas cingida,
Succumbe a noite negra e rompe sempre o dia!

De multipla feição, genio avido, sublime
No palco — eil o ahi, tão bello de verdade
Como o choro e o riso e a dôr na humanidade,
Da qual creou na arte — horoscopo fiel!

CONSTANTINO MAGNO LOUREIRO.

AVE REX

Ao actor Antonio Pedro (impressões da sua estreia)

Eu sonhava acordado; eu creio que sonhava,
ao ver em ti vibrar a luz da inspiração,
o sopro divinal, que o corpo te inundava,
bem como inunda o sol os ermos da amplidão.

Achei-me transportado a um mundo ignoto, aonde
da terra não chegava o mais ligeiro som!
Ó entes, que sonhaes, sonhae, como eu... supponde
das altas regiões o eterno pantheon,

de estranha architectura estranho monumento,
alcaçar rendilhado, em formas colossaes,
mostrando um vulto enorme, e torres mais de um cento...
fugindo para o ceu em longas espiraes!

Fundido de um só jacto, aquelle gentil colosso
na frontaria aberta, em symbolos, aos mil,
continha do porvir um minucioso esboço;
mostrava do passado a epoca senil.

Do tempo, ha pouco findo, e da presente edade
não pude distinguir quaes eram os signaes;
mas tinha-os... bem os vi, á densa claridade,
que, em flocos d'aurea luz, jorrava dos frontaes.

Entrei n'uma arcaria; ao tôpo das escadas
alei-me, não sei como, e vi, ó grande Deus!
n'um vasto pavimento, eu vi montões de ossadas...
da nossa vida aqui como unicos tropheus!

Fugi amedrontado; e em amplos corredores
entrei... perdi-me... errei; de horror quasi morri;
andei... andei... andei, até que, em chão de flores,
ao som de uma harpa éolea, escorreguei .. cahi.

Chegou-se a mim um vulto... ergueu-me; e, em voz sonora,
calmou o meu espanto, e concluiu assim:
— O dia é sempre dia! a aurora é sempre aurora!
«não temos noite aqui! Vem... encosta-te a mim...

«não temas que eu te engane.» Um côro de harmonias
levava-me a ebriedade ao pobre coração;
tremia.. vacillava! — Ah! louco! não sabias
«que da immortalidade estavas na mansão?

«Que vês em torno a ti? myriades de templos,
«erguidos pela fama á sombra dos heroes!
«aos grandes da virtude! á fé! aos bons exemplos
«que são o espelho da alma, e brilham como sóes.

«Ás letras, á sciencia, ao culto e amor do bello,
«aos martyres da crença, ao genio, ao que é de Deus;
«a tudo o que não cáe — prestâmos, com disvelo,
«adoração e preito. Oh! crê nos labios meus!

«ai! crê no meu dizer, pois nunca da mentira
«aqui entrou um ecco. Avança... mais alem!
«Divisas um tropheu, suspenso de uma lyra,
«que o archanjo da Memoria em suas mãos sustem!

«é lá... que tentas ir... ao pé do baluarte,
«em cujo frontispicio o meigo archanjo está;
«sacrario excelso, erguido ás tradições da arte?
«Deslumbra-te a visão? Oh! dize: é lá? é lá?»

— Sim! sim! mas... fico louco — eu disse então. O vulto,
sylphide, ou anjo, Deus, phantasma, ou não sei quem,
«Caminha — respondeu — Não me envergonha o culto
que vem da terra. Não... não passes mais alem.

«Detem-te! pára ahi.» Ás portas deslumbrantes
d'esse eden indiscripto, a voz não mais se ouviu.
Olhei desasisado... achei-me só; instantes
depois, ignota mão as portas entreabriu.

Senti-me preso ao sólo. Um cantico divino
encheu, de lado a lado, as naves de um salão,
sacrario ou templo... eu sei? palacio diamantino
das artes, onde havia esplendida ovação.

Depois de breve instante, a musica findara;
e eu lembro-me que ouvi dizer, em alta voz:
— Nem sempre a turba é má, imiga, torpe, ignara:
«cá temos nosso altar, lembremo-nos de nós.»

Artista, sabes tu quem era que fallava
assim, em tal logar, em sitio tão feliz?
um anjo protector, que em throno se ostentava,
a deusa tutelar do teu e meu paiz.

«É certo; bem o vejo... a illuminar o espaço,
«que vago lá deixei: é d'elle; eu já lh'o dei.
— bradava sonorosa a voz .. a voz do Tasso
das sombras immortaes á triumphante grey.

Soaram novamente os canticos aereos,
applausos e canções; fundiram-se no ar
perfumes mil e mil, que dos jardins ethereos
alli corriam sempre... e sempre... sem cessar.

«É nosso — bem o sei. Que á patria desolada
«por nossa perda... emfim... se deixe — eu pedirei.
«Não lh'o roubemos inda» — em falla magoada
bradava o grande genio... o da Manuela Rey.

Cuidei então ouvir uns sons de enthusiasmo,
o ruido de uma festa.. e... vi-te... um histrião ..
a rir... e a chorar! Mirei-te quêdo e pasmo!
Sonhara eu acordado? Era isto uma illusão?

Sonhara na verdade. Um sonho por instantes
levara-me da terra ao templo do porvir,
aonde do talento as radiações brilhantes
inscreve o genio teu, que lá vejo florir.

Quem és? o teu condão? edade? naturesa?
Sabel-o-has acaso? Ai, não... como eu não sei.
Embora! Deu-te um throno a scena portugueza...
eia! sus! salve pois! salve artista! AVE, REI.

Pará, Junho de 1878.

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS.

Diario de Belem, Pará, 21 de Julho de 1878:

«Reuniu-se ante-hontem a assembléa geral da Real Sociedade Portugueza Beneficente, sob a presidencia do sr. Antonio Ferreira Raio. Depois de aberta a sessão o sr. presidente declarou que ella tinha por fim a discussão e votação de uma proposta, que eleva o eminente actor Antonio Pedro de Sousa ao cargo de socio honorario da Sociedade, a qual proposta foi approvada por unanimidade de votos.

«Terminada a votação, o sr. presidente da assembléa suspendeu a sessão por dez minutos para ser introduzido o agraciado Antonio Pedro de Sousa.

«Reaberta a sessão, a que assistiu grande numero de cavalheiros e senhoras, oraram por occasião da entrega do diploma, que foi effectuada pela ex.ma esposa do sr. Gilberto, os srs. Antonio Ferreira Raio, Antonio Gilberto Moreira e Joaquim Lourenço Cabral, congratulando-se com o agraciado por mais esta prova de

consideração, que lhe conquista o seu incontestavel merito artistico. Elle usando por sua vez da palavra, proferiu algumas palavras eloquentes de agradecimento por mais este testemunho de apreço que recebia dos seus compatriotas.

«Terminou a sessão, levantando o sr. presidente da assembléa os seguintes vivas: A S. M. Fidelissima o Sr. D. Luiz I, ao eminente actor Antonio Pedro e aos benemeritos da Sociedade. Estes vivas foram calorosamente correspondidos.

«Foi uma festa singela, mas significativa, como são todas aquellas que primam pela expontaneidade das homenagens prestadas aos homens de talento.

«E nunca foram nem mais justas, nem mais merecidas de que as prestadas ante-hontem a Antonio Pedro, que é incontestavelmente um homem de bem e um actor eminente, talvez o primeiro vulto da moderna scena portugueza.

A ANTONIO PEDRO

Na noute do seu beneficio no Pará

«Quizera offerecer-te um mimo digno de ti, mas, se me sobra a vontade, escasseiam-me os meios de a realisar.

«Dou-te apenas uns versos, que se teem valor, é o de revelarem a admiração que o teu talento me inspira e a amisade sincera que te consagro.»

Belem do Pará, 18 de Julho de 1878.

GUALDINO GOMES.

No sagrado tabernaculo
das artes, do amor, da Vida,
tu entras co'a fronte erguida,
tu tens distincto lugar;
em tua presença curvam-se
genios, artistas gigantes,
todos... todos... mendicantes
d'um teu sympathico olhar.

Deu-te essa força magnetica,
esse poder sobrehumano,
Deus!... o incognito arcano,
a inquebrantavel Lei!
Arrojou-te ao mundo asperrimo
esse insolito mysterio
p'ra seres um astro siderio
da nova e gigante grei.

Bem como a scentelha electrica
— essa esplendida surpreza
tem a 'stranhavel belleza
que atemorisa e seduz,
tu tens na fronte translucida,
igneos lampejos do genio
— fogo que faz do proscenio
brotar um mundo de luz!

Artista!... Genio!... Prodigio!...
segue a radiosa senda
que n'amplitude 'stupenda
te traçou um Sol, um Deus!...
Chegarás então aos terminos
D'essas roseas alvoradas...
deixando impressas pisadas
nos horisontes dos Ceus!...

Caminha! o mundo é estreitissimo
para o teu grande talento!
Caminha! o teu pensamento
não pode opprimir-se em vão!
Astro!... remonta-te aos paramos
do ideal infinito!
Genio!... toca o inaudito!
Aguia!.. vôa na amplidão!...

GUALDINO GOMES.

O Mercantil, de 16 de Novembro 1878, Rio Grande do Sul:

«Até que afinal fez a sua estreia hontem no theatro S. Pedro a companhia dramatica do sr. Guilherme da Silveira.

«O trabalho de Antonio Pedro está acima das nossas forças para descrevel-o, tal é a impressão que nos causou aquelle genio do palco portuguez.

«O publico assiste maravilhado, observa-o com crescente admiração, enthusiasma-se, electrisa-se e finalmente expande-se nos mais calorosos applausos.

«Não exageramos; foi isto o que notou-se na representação de hontem.

«Seria improficuo todo o nosso esforço para traduzirmos a sensação produzida pela manifestação de tão previlegiado talento.

Nos Ladrões de Londres

«Os meritos do actor Antonio Pedro apreciam-se; descrevel-os não é facil, ao menos para nós.»

—

Idem, de 21 de Novembro de 1878:

«Ha n'este mundo uma cousa que nos merece sincero respeito e verdadeira admiração; uma cousa deante da qual curvam-se re-

verentes os refractarios á boa razão e os incredulos de todos os tempos.

«É grande, é sublime, é maravilhosa.

«Grande porque possue a faculdade de devassar o infinito, penetral-o, comprehendel-o; sublime porque emana-se do Poder Creador, maravilhosa porque deslumbra-nos com as irradiações do seu brilho, subjuga-nos pelo seu magnetismo irresistivel, e pela fórma iriante, prismatica, com que se nos apresenta.

«Essa cousa séria, sublime, maravilhosa é — o talento!

«Amem outros a gloria que dá a opulencia, ou o nome legendario, ou o titulo tradiccional que constitue o orgulho de quatro gerações successivas; admirem muitos a coragem do glaudiador que se apresenta sobranceiro e ufano na liça dos combates; embriaguem-se todos nas manifestações ruidosas com que se recebem os heroes divinisados pelo seu denodo na carnificina humana, a nós é que não seduz essa gloria, essa esplendida demonstração do — ephemero, do fugitivo, do nada.

«A riqueza é por certo uma grande cousa, — o bem estar, o *confortable* da vida. É portanto uma gloria, o ser apontado, notado, respeitado mesmo, dá gosto, dá vaidade.

«Mas é uma gloria que passa. De momento, o acaso, a fortuna, um incidente qualquer faz desapparecer.

«A gloria que circunda a fronte do heróe, tem a luz amortecida das ultimas estrellas da madrugada. De envolta com os triumphos, vem uma idêa lugubre, triste, uma idêa de sangue. Torna-se afinal desconsoladora, repulsiva.

«Só o talento produz uma gloria verdadeira, perduravel, immorredoura.

«Não ha incidente possivel, não ha sombra que olumbre as scintillações d'esse astro estupendo; ultrapassa os limites da existencia humana, vae, corre, entranha-se de geração em geração, é lembrado cem annos, mil annos, muitos annos; não morre, porque é obra da Divindade, que é a unica que póde dizer-lhe — pára.

«O talento é tudo! É a synthese completa do que póde haver de mais adoravel e digno. O talento sois vós todos, ó philosophos, ó poetas, ó artistas, almas gentis que vos desprendeis do charco infecto do mundo, para vos allardes nas azas da inspiração e do estudo! O talento és tu, Antonio Pedro, actor laureado, que apor-

taste ás nossas plagas, trazendo na fronte o sello com que a Providencia distingue os seus previlegiados.

«O que é o notavel actor já o sabem, já o disse a imprensa, já o disseram escriptores pouco prodigos em elogios.

«O que poderemos dizer mais, nós, mesquinhas intelligencias que apenas temos a percepção, para extasiar-nos deante de tão maravilhosa revelação?

«Assim como o brilhante encastoado em ouro é mais deslumbrante, assim como o ouro tem mais realce sobre a côr cerulea, assim tambem o talento, vellado pela modestia, centuplica de valor.

«Antonio Pedro é a propria modestia. Aquelle prodigioso talento não se deixa arrastar pelo orgulho, nem pela fatuidade; os applausos que lhe prodigalisa o publico, recebe-os elle como um favor inesperado, timido como uma creança, humilde como se commettera um crime.

«Ah! é assim que procedem essas grandes creaturas, esses grandes genios que, tendo conhecimento do que valem, do que são, não se tomam da vaidade derivativa, que com facilidade os poderia dominar.

«Excelso artista! Quando de volta aos teus lares, no doce conchego do templo domestico, acariciares sobre os joelhos os teus filhos, os legitimos herdeiros de tuas glorias, e contares a elles estas recepções que achaste pela terra dos palmares, dize-lhes, que, entre os teus victoriadores, houve dois moços, desinteressados, sinceros, que te saudaram, desejando a essas creanças os louros que hoje te ornam a cabeça soberana.»

A ANTONIO PEDRO

Recitado em a noute da sua estreia no drama o *Parabytico*

Eil-o. O soberbo monarcha
Que nas taboas do proscenio,
com os raios do seu genio
traz o mundo em commoção!
Eil-o o artista sublime,
Titan, Protheu multiforme,
de cujo talento enorme
é vassalo a multidão!

Como o sol que alevantado
no tôpo da serrania,
ao mundo arremessa o dia,
nadando em ondas de luz,
elle, surgindo na rampa,
atira,— inflamada — a idêa
para o gremio da platêa,
e as almas todas seduz!

Onde aprendeu elle arcanos
de tanta sabedoria?
Quem lhe ensinou a magia
de captivar corações?
Porventura nas escolas,
que existem no velho mundo,
livro haverá tão fecundo
de tantas revelações?!

Não! Impossivel!... A arte
é filha da natureza,
e do talento a riqueza
reparte c'os filhos seus;
mas os immensos thesouros
que com elles compartilha,
teve-os elle por partilha
das sagradas mãos de Deus!

É portanto, Deus quem sopra,
nas almas das creaturas,
as chammas vividas, puras
do talento creador,
por ellas se alenta a vida,
por ellas se vence a morte,
e no seu clarão mais forte
se accende d'arte o amor!

De Antonio Pedro o talento
contem tão vastos thesouros,
que a gloria já não tem louros
bastantes para lhe dar,
e os homens já fatigados
de applaudil-o só com palmas
já lhe escravisam as almas
para o poderem saudar!

Recebe, pois, ó artista,
no seio do Mundo-Novo,
estes applausos que o povo
do fundo d'alma te dá!
Grava-os bem Antonio Pedro,
no livro da tua historia...
pois tua corôa de gloria...
dar-t'a só Deus poderá!

A. CARDOSO JOSÉ DE MENEZES.

Jornal do Commercio, de 24 de Novembro de 1878, Rio Grande do Sul:

«No dia 22 representou a companhia dramatica do sr. Guilherme da Silveira o drama *O Saltimbanco*, do conhecido dramaturgo portuguez Antonio Ennes.

«O enthusiasmo foi indescriptivel.

«Antonio Pedro, no difficillimo papel de protogonista soube manifestar, a toda a evidencia, a vastidão do seu privilegiado talento, illuminado pela mais fulgurante e bella inspiração que temos visto no theatro.

«É rei, decididamente; e quanto mais o apreciamos, mais nos sentimos presa da profunda admiração e do impossivel enthusiasmo que os seus elevadissimos meritos nos inspiram.

«Palavra d'honra: sentimo-nos pequenos para tratar de Antonio Pedro.

«Deante do seu gigantesco vulto artistico, achamo-nos acanhados e confusos, e mal podemos relatar, assim mesmo incompletas e pallidas, as agradabilissimas impressões que nos ficam do seu trabalho.

No Alto Vareta

«O 2.º acto do drama é desempenhado pelo grande actor de modo a arrebatar o espectador mais indifferente.

«É maravilhoso... é mais do que isso.

«É o supremo esforço do artista genio, esforço que não tem nome porque é enorme e perde-se no infinito até encontrar o Deus que o inspirou.....

«Os srs. Azevedo Junior e Nathaniel da Cunha recitaram as bellissimas poesias que damos em seguida:

A ANTONIO PEDRO

Poesia recitada pelo seu auctor no Theatro do Rio Grande, na noute da 1.ª representação do *Saltimbanco*

Quando a aguia do talento
Desdobra as azas serenas,
Como as que outr'ora assombraram
No vasto espaço de Athenas;
Quando no vôo arrojado
Encara o Ceu constelado
E no infinito se libra,
A lyra do enthusiasmo
Quebra afinal o espasmo
E sons unisonos vibra.

Mil sons de applausos ao genio,
Que busca a gloria eternal,
A gloria — estrella fulgente —
Que é só do genio — o phanal —
E como flores aos centos
Cahem ao sopro dos ventos
Doirando a hervagem do chão,
Chovem os bravos e as palmas,
A um tempo tremem as almas
Na mais ardente explosão.

Quem impede a catadupa
De desprender-se dos ares?
Quem póde deter insano
A correnteza dos mares?
O povo — Rei soberano —
O povo — immenso oceano —
— Do applaudir a corrente —
Leva no dorso das vagas
As flôres de suas plagas
P'ra adornar a fronte ingente.

Artista! Deus outorgou-te
A chamma que fulge a fronte;
— Chamma que as brumas dissipa
Das almas no horisonte —
Tu roubas das vagas cerulas,
As mais puras, ricas perolas
Que espalhas a cheias mãos;
Raios — que os olhos offuscam
Astros — que os genios só buscam
Por entre as bençãos d'irmãos.

Agitas co'a vara magica,
As fibras das sensações,
Com o que roubas dos homens
As almas, os corações...
Quando em solemnes momentos
Surpr'endes os pensamentos
Dizendo ao povo — attendei!
N'esse silencio profundo
Sagram o genio fecundo
Da scena hodierna: Rei.

Vós que rendeis homenagem
A esses talentos reaes,
E vero preito, do imo
Ás glorias universaes,
Vós povo leal, gigante,
Que sois n'este grande instante
Do regio merito — escravo,
Saudae o artista genio
Que occupa vasto proscenio,
Commigo repeti: bravo.

22 de Novembro de 1878.

NATHANIEL DA CUNHA.

A ANTONIO PEDRO

Recitada pelo seu auctor na mesma noute

Fitae-o!... É um gigante
No largo chão do proscenio,
No craneo de actor pujante
Reflecte-se a luz do genio.

Ao som dos bravos e palmas
Que rebentam das platéas,
Apertam-lhe as mãos os Talmas
Como o condor das edêas.

Em sua fronte de moço
Paira livre a inspiração,
É do proscenio um collosso
Que electrisa a multidão!

Não vedes? É um gigante
Tem do genio o talisman!
Possue a corôa brilhante
Da fama de Malibran.

Como a aguia dos espaços,
Affasta da sombra o véu,
E deixa de luz uns traços
Das — artes — no grande Ceu.

Tem o éstro de Taborda
Caetano, Rossi e Salvine ..
— O palco em risos transborda —
Brada-lhe — ávante! Racine.

Fitae-o!... É um gigante
No largo chão do proscenio;
No craneo de actor pujante
Reflecte-se a luz do genio.

22 de Novembro de 1878.

AZEVEDO JUNIOR.

Jornal do Commercio, de 27 de Novembro de 1878, Portalegre, Brazil:

«*Secção theatral* — Realisou-se ante-hontem o primeiro espectaculo da empreza do sr. Guilherme da Silveira com a representação do drama *O Paralytico* e da scena-comica *O conductor d'omnibus*.

«Estrearam-se os actores portuguezes Antonio Pedro e João Gil.

«Viu o publico d'esta capital brilhantemente confirmada a fama que precede o notabilissimo actor portuguez, considerado pelas maiores auctoridades, d'aquem e d'alem mar, um verdadeiro artista — genio.

«O que Antonio Pedro é não se descreve; vê-se simplesmente e admira-se nas proporções enormes do seu prodigioso talento um dom especial, um presente esplendido da Providencia a um seu escolhido.

No Beijo

«E para vel-o, para aprecial o devidamente, nas multiplas manifestações do seu genio artistico, é mister encaral-o com os duplos olhos da razão, a razão calma, que se não tresvaira, que vê, combina, analysa e resolve, e de uma certa somma de conhecimentos da realidade, ganhos pela experiencia, ou pela observação detida de quem estuda.

«É que todo o trabalho de Antonio Pedro é de uma verdade tão saliente, tão artisticamente copiada da natureza, que é preciso conhecer o termo para estabelecer e julgar da propriedade da comparação.

«É um artista rei, esse que ante-hontem se nos apresentou medroso e timido como uma creança; é mais do que rei: — é um artista philosopho, que estuda as concepções extraordinarias do pensamento humano e fazendo-as passar pelo chrysol da sua inspiração e do seu talento, apresenta-as depois á luz da rampa, palpitantes d'essa verdade, que se não contradiz, porque é evidente e brilhante como a luz do sol.

«Artistas como Antonio Pedro são, por assim dizer, unicos em cada geração; apparecem isolados no meio de uma epocha, dando aos povos o testemunho imponente de sua predestinação. São elles os Messias da arte, que se, ás vezes, não conseguem regeneral-a, elevam-n'a todavia a uma altura, a que não attingira antes e a que não attingiria nunca, a não ser pelo magico e poderoso impulso de um Hercules.

«João Caetano, Salvini, Rossi, Ristori, o primeiro foi e os outros são ainda os contemporaneos de mais nome e de mais vulto na arte dramatica.

«Estes ultimos, affirma-o a critica, são apenas imitadores de João Caetano, porque em nenhum d'elles o talento, a inspiração e o estudo dos conservatorios e academias pôde conseguir o que elle alcançava pelos seus instinctos e genio artistico.

«João Caetano foi um milagre.

«A inclusão do nome de Antonio Pedro, na lista d'essas summidades, é um acto reclamado pela justiça e pelo direito.

«E devem collocal-o lá onde resplendem os mais fulgurantes astros d'essa constellação artistica, que opulentamente brilha no firmamento da historia da arte. Colloquem-n'o junto de João Caetano e está feita a sua sagração de artista.

«*O Paralytico*, por Antonio Pedro, é uma cousa indescriptivel.

«Em frente d'aquelle homem, estorcendo-se nas convulsões d'uma dôr mysteriosa, desatinado, sem quietação e sem repouso, a pathologia não trepidaria um só instante em classificar a estranha molestia do mesmo modo que a classificou *Luiz*.

«Era um envenenamento a arsenico, perfeito, com todos os ca-

racteristicos e symptomas, e o espectador mesmo, o que não póde avaliar scientificamente, como o medico, dos effeitos pelas causas, como que se esquece de que assiste a um espectaculo, convence-se de que tem deante de si um homem prestes a exhalar o ultimo suspiro, no meio de atroz padecimento.

«Nunca vimos em theatro realidade tão completa: chegava a incommodar!

«Não sabemos como dizer aqui todas as impressões que nos deixou o trabalho do grande actor.

«No fim do 4.º acto foi chamado 15 vezes, tendo tambem o sr. Guilherme da Silveira uma chamada especial.

«Foram arremessados á scena innumeros bouquets e chapeus, offerecendo a distincta actriz Ismenia uma linda corôa a Antonio Pedro.

«O espectaculo finalisou com a scena-comica *O conductor d'omnibus* em que o grande artista, em genero diverso, mais uma vez comprovou os abundantes recursos do seu vasto talento.

«O distincto poeta sr. Mucio Teixeira recitou de um camarote de primeira ordem, no final do drama, este bellissimo improviso:

A ANTONIO PEDRO

Recitado na mesma noute pelo seu auctor

Eu que me retirei ha muito do proscenio,
Onde os dramas da dôr os homens representam,
Vim admirar as expansões do genio,
Onde os grandes laureis perfeitamente assentam.

Viram-n'o? é um gigante! ha d'estes grandes vultos,
Na liça varonil dos grandes gladiadores;
Devemos consagrar-lhe os mais sinceros cultos
Devemos atirar-lhe as mais virentes flôres.

Nas terras d'alem-mar, nas capitaes do norte,
Em toda a parte emfim onde elle appareceu,
Cahiu das ovações a tempestade forte
Aos pés de Antonio Pedro: o novo Briareu.

E agora que elle chega á patria das florestas,
Transpondo sobranceiro as vagas do oceano,
Prestemos ovações, saudemos n'estas festas
O moderno rival do velho João Caetano.

MUCIO TEIXEIRA.

A ANTONIO PEDRO

Por um grupo de moços da classe caixeiral

Ha uma voz que diz ao nosso coração:
Quando um homem se eleva aos paramos da arte,
Vae clamar, vae dizer ao mundo a toda a parte,
Que é um dever tributar ao genio uma ovação.

Ha uma voz que ouviu aquella voz sonora
E pensou d'entre si: o genio do artista,
Merece que se ligue ás palmas que conquista,
O soberbo explendor dos astros e da aurora.

E a nossa mocidade, a classe caixeiral
Que tambem avalia os dons da intelligencia,
Não vacilla em subir á celica eminencia,
E depôr-te na fronte a c'rca de immortal.

O nosso enthusiasmo, ardente e juvenil,
Vem dar-te corôa, d'astro do proscenio!
Acceita as oblações sinceras do Brazil
Em cujo Ceu rebrilha a estrella do teu genio.

A. A. DA MOTTA.
B. A. P. DE BRITO.
B. J. BORDALLO VELHO.

O Caixeiro, de 5 de Dezembro de 1878, Port'Alegre-Brazil:

«Foi um delirio a festa de Antonio Pedro na 5.ª feira passada. Em todos os finaes d'acto foram successivas as chamadas.

«Recitaram poesias os nossos amigos Azevedo Junior, Arthur Rocha, Franco Bueno e Mucio Teixeira e no fim do 3.º acto o menino Euripedes Mostardeiro recitou no palco uma bonita poesia e entregou ao beneficiado um lindo bouquet de flores artificiaes.

«No final do espectaculo os admiradores de Antonio Pedro, precedidos d'uma banda de musica, acompanharam o notavel artista ao hotel Fulvio, logar da sua residencia.

«Damos em seguida as poesias que podemos obter:

O GENIO

Ao notavel actor Antonio Pedro

Nos grandes pedestaes de marmor' de Carrara
Pode o homem talhar estatuas colossaes,
Que o genio vale mais, que o sceptro e a thiara,
No craneo dos heróes — dos Phidias immortaes!

Tudo cede ao poder da sabia magestade
Que domina sem leis dos altos do Thabor;
Onde o genio não vae,— começa a divindade,
Onde pára o mortal — prosegue o creador!

Quando o mundo contempla a esplendida victoria
Que o homem conquistou — qual novo Mastodonte,
Murmura com assombro as paginas da historia
São pequenos laureis para cingir-lhe a fronte!

Desde a edade pagã, até a nossa edade
Travou-se no universo a lucta das edêas!
Tendo a penna por si posteridade
Como os grandes trophéus que inspiram epopeias!

Curvam-se as multidões em frente do gigante,
Em cujo craneo — Deus — as luzes assoprou!
Quem não ama Virgilio, Homero, Tasso e Dante?
Quem não pasmou de ouvir a voz de Mirabeau?

Eu sinto-me pequeno em face do collosso
Que se arroja n'um vôo á vastidão do ar!
Mas quero caminhar; sou Ashaveros moço,
Posso ainda vencer como os titans do mar!

No immenso Ceu azul das artes e sciencias
Ha nomes varonis em mil constelações!
São astros immortaes, são grans intelligencias,
Que não morrem jamais no peito das nações.

Catão toma o punhal, Socrates a cicuta,
Morrendo como heroes, valentes como Enéas;
Tomba alem Gallileu, Camões entra na gruta,
E d'essa communhão surgem as Odysseas!

Quer seja pela penna, ou seja pela espada
Em nome do direito, em nome da razão,
O homem que luctou, não sendo Torquemada,
Tem erguido um altar em cada geração.

Por isso Antonio Pedro, oh! Rossi Lusitano,
Eu venho-te saudar — heroe do pensamento,
Genio das creações — altivo e soberano,
Aguia descommunal co'as azas do talento!

Quando surges no palco, o povo se levanta
N'um extasis febril em contracções violentas,
Como preso na voz que soltas da garganta,
Cuidando ser real o typo que apresentas!

Os craneos teus eguaes, qual bocca de crateras,
Despedem tanta luz, tantas scintilações,
Que parecem subir, cravar-se nas espheras,
Como rubros fuzis a derramar clarões!

Prosegue em teu caminho entre os applausos grandes
Que sabes arrancar — em cada gesto teu!
Teu nome subirá um dia pelos Andes,
Sem que o possa suster, nem mesmo um Briareu

Salve, condor da scena, ingente como os Talmas,
Que vieste ao Brazil colher mais ovações!
Recebe com orgulho estas virentes palmas,
Que vão cahir-te aos pés em doidos turbilhões!

Port'Alegre, 5 de Dezembro de 1878. ERNESTO SILVA.

A ANTONIO PEDRO

Recitada pelo menino Euripedes Mostardeiro, na mesma noute

Eu sou como o passarinho
Que gosta das primaveras;
Tu tens nos Andes o ninho,
És o condor das espheras!

Eu sou o debil infante,
Que ama as caricias maternas;
Tu és o forte gigante,
Entre milhões de luzernas!

Tu tens o grande destino
Dos Prometteus do talento;
Eu sou o fraco menino,
Que me curvo ante o portento!

Não venho trazer-te palmas,
Porque a creança não sabe
Senão a lingua das almas,
Que dentro do peito cabe!

Tens o fastigio da gloria
Para coroar o teu nome!
Cada noite é uma victoria
Que o tempo jamais consome!

És o collosso da arte,
Não precisas de louvores;
Eu venho apenas saudar-te,
Trazendo um ramo de flores

5 – 12 – 78. ERNESTO SILVA.

Diario do Rio Grande, de 24 de Dezembro de 1878:

«*O Saltimbanco* — A estreia da excellente companhia de Guilherme da Silveira não podia ser mais auspiciosa.

«O publico ficou enthusiasmado.

«Antonio Pedro realisa a mais notavel creação scenica dos tempos modernos.

«É espantoso! É admiravel! É surprehendente! É sublime!

«Antonio Pedro arrancou os bravos mais enthusiasticos e as lagrimas mais sinceras.

«Uma senhora distincta pelo seu invejavel talento, pela sua primorosa educação e pelo seu amor ás lettras, a redactora da *Violeta*, sentiu por vezes o rosto orvalhado de lagrimas.

«Olha, Antonio Pedro:

«— Aquellas lagrimas são mais algumas perolas para a tua explendorosa corôa de artista!

GASPAR DA SILVA.

—

Idem, de 31 de Dezembro de 1878:

«*O Paralytico* — *O Paralytico* fez grande successo em Paris, ha seis ou oito annos.

«O artista encarregado do papel de Jeronymo Peiras fazia prodigios.

«Era admiravel de naturalidade nas longas ancias do 4.º acto.

«O distinctissimo escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos que estava em Paris, em serviço do seu governo, assistiu a algumas representações.

«De volta a Portugal, soube que a empreza de D. Maria II se dispunha a levar á scena *O Paralytico*.

«Escreveu um longo folhetim, primoroso como todas as suas producções, analysando o drama, encomiando o trabalho do artista francez e mostrando as grandes difficuldades com que Antonio Pedro tinha de luctar.

«Mais ou menos dizia o auctor da *Ermida de Castromino* o seguinte: «Conheço os grandes recursos e o enorme talento de Antonio Pedro, mas não creio que elle possa fazer, á altura da sua reputação, o trabalhoso papel que lhe confiaram.

«Subiu á scena *O Paralytico* e, no final do 4.º acto, foi tal a explosão de enthusiasmo que o eximio artista viu-se rodeado, no palco, das summidades litterarias do paiz.

«Teixeira de Vasconcellos foi um dos primeiros a saudal-o, verdadeiramente surprehendido, profundamente admirado.

«Depois, em outro folhetim, veio confessar que se enganara,— que Antonio Pedro não rivalisou simplesmente com o actor francez:— excedia-o!

«Esta confissão foi uma gloria para Antonio Pedro.»

—

«Effectivamente Antonio Pedro é portentoso!

«Comico d'uma naturalidade inexcedivel nos dois primeiros actos, nos trez ultimos tem momentos de verdadeiro tragico.

«Salvini não teria um gesto mais expressivo, mais eloquente para expulsar de casa a miseravel Fanny!

«Não ha actor em lingua portugueza, que saiba traduzir tão brilhantemente os sentimentos — o odio, a indignação, o amor, o desespero!

«É um prodigio!»

GASPAR DA SILVA.

Nos Tres Mosqueteiros

O Lusitano, de 7 de Janeiro de 1879, Rio Grande do Sul:

«Acha-se entre nós a mais esplendida gloria da scena portugueza, o vulto mais proeminente do theatro moderno.

«Antonio Pedro, esse nome sympathico aureolado pelo prestigio do talento, pelas radiações sublimes do seu genio, tem sido alvo das mais sinceras, das mais ruidosas manifestações de apreço.

«A imprensa portugueza e os mais conhecidos e festejados folhetinistas de S. Paulo e da capital do imperio receberam-n'o por entre uma chuva de applausos.

«Para aquelles que ainda não tiveram occasião de o admirar,

talvez pareça hyperbole o muito que se tem dito e escripto ácerca do seu talento: não é.

«A phraseologia bombastica com que quasi toda a alta imprensa o tem recebido, apenas exprime a medida de sua brilhante aptidão scenica.

«Não é facil formar juizo dos grandes recursos d'aquelle homem, pelo muito que d'elle se falla: é necessario vel-o muitas vezes.

«Palavra que nos sentimos pequenos ao tratar de Antonio Pedro.

«A platéa não podendo soffrear o enthusiasmo de que gradualmente se ia possuindo, rompia a cada momento n'uma estrepitosa salva de applausos.

«Os bravos partiam expontaneos de todas as boccas, e iam cahir aos pés do artista sublime, como sincero testemunho de admiração.

«Antonio Pedro tem o dom de fanatisar todas as almas, electrisando todos os corações.

«É admiravel, mais ainda, é esplendido.

«Orgulha-se o theatro portuguez de o possuir e nós, como compatriotas d'essa legitima gloria scenica, enviamos-lhe um sincero e cordial aperto de mão.

—

Idem, de 13 de Janeiro de 1879:

«É profundamente contristados que transmittimos aos leitores a desagradavel noticia de achar-se gravemente enfermo o distinctissimo artista dramatico Antonio Pedro de Sousa.

«Ante-hontem á noite houve conferencia dos illustres facultativos os srs. drs. Custodio V. de Castro e Pio A. da Silva, que consideraram grave o estado do enfermo, se bem que não desesperador.

«Mesmo conseguindo restabelecer-se, como ardentemente desejamos e temos fé, ver-se-ha o notavel artista impossibilitado de continuar a exercer a sua arte, visto o melindroso estado de sua saude não o permittir sem grande perigo de vida.

«Lamentamos o facto, que significa uma perda immensa para a arte dramatica.»

Oito dias depois (21 de Janeiro) e ainda convalescente d'esta grande doença, representava Antonio Pedro no Theatro de Pelotas o papel de empregado da Santa Casa de Lisboa, no drama *O Engeitado* de Antonio Ennes, por fórma tal, que o *Diario de Pelotas* referindo-se ao desempenho dizia:

«Pode-se affiançar, sem contestação, que Antonio Pedro é n'esse typo perfeito, magistral, não pode ser excedido, tal é a interpretação que lhe dá.

«Fazer rebentar de riso ainda o mais excentrico espectador, porem sem a momice, sem o trejeito de clown, apenas com a naturalidade que se impõe — eis o subido merito do laureado vulto a quem Portugal e Brazil festejam e admiram.

—

Idem, de 25 de Janeiro de 1879:

«Ainda echôa em nossos ouvidos o ruido espantoso, a tormenta de applausos em a noite de 21 do corrente, por occasião de subir á scena o drama o *Paralytico* em recita do sympathico actor portuguez João Gil.

«O protogonista da peça foi desempenhado por Antonio Pedro, artista que representa a incarnação a mais eloquente dos grandes genios e a quem foram tributadas essas homenagens de apreço, quasi de veneração.

«Temos assistido a ovações ruidosas em honra de artistas lyricos e dramaticos de incontestavel merecimento, tão sinceras, porem, tão expontaneas e legitimas, nunca presenciámos.

«Ha poucos dias em um folhetim de critica litteraria ao livro de Gaspar da Silva *Antes de soprar a luz*, se dizia que Antonio Pedro e Furtado Coelho occupavam a mesma linha na escala das notabilidades dramaticas.

«Apezar de termo-nos acostumado a acceitar como de mestre as opiniões do auctor d'esse folhetim, moço que na litteratura nacional possue uma reputação digna de nota, não nos é possivel d'esta vez ao menos, applaudir o que lemos.

«Dispense-nos Hilario Ribeiro — talento que ostenta na fronte a dupla corôa de poeta e de artista — mas estamos em desacordo

«Entre Antonio Pedro e Furtado Coelho ha um grande espaço.

«Quando Pinheiro Chagas encetou com notavel brilhantismo, sua carreira na imprensa, disse de Victor Hugo e Lamartine o seguinte :

«— Não associem esses dois nomes.

«Lamartine é um grande talento; mas Victor Hugo é um genio.

«Aos dois actores portuguezes pode-se applicar a mesma opinião : Furtado Coelho é um grande talento; mas Antonio Pedro é um genio.

«É impossivel descrever a revelação magnetica, gigantesca, assombrosa d'esse talento descommunal que, curvando submissas as mais illustradas platéas de dois povos irmãos, eleva o nome burguez de Antonio Pedro á immortalidade da historia.»

Jornal do Commercio, de 30 de Janeiro de 1879, Pelotas, Rio Grande do Sul :

«*Antonio Pedro* — Como previramos esteve imponente e em tudo digna d'este vulto do theatro moderno, a sua festa artistica.

«A casa estava a trasbordar, não havendo um só bilhete á venda.

«Pelotas testemunhou assim a sua admiração ao grande artista que hoje occupa o primeiro logar entre as summidades das scenas brazileira e portugueza.

«Antonio Pedro foi saudado com todo o enthusiasmo, e jamais esquecerá a noite de ante-hontem, que foi uma das mais brilhantes da sua peregrinação artistica.

«Antonio Pedro recebeu varias corôas lindissimas e immensidade de bouquets de apurado gosto.

«De um camarote de 1.ª ordem saudaram o eminente artista, duas interessantes jovens D. Adelaide Ferreira Ramos e D. Rita Jardim Martins, bem como o sr. Gaspar da Silva.

«Uma menina, filha do sr. João José Cesar, foi ao palco entregar ao eminente actor um lindo ramilhete com bonitas fitas onde se via uma photographia da offertante e o distico com lettras douradas — A Antonio Pedro a filha de Mignon.

«A filhinha do actor dramatico sr. Machado, foi tambem ao

palco coroar o artista, que abraçou depois de lhe dirigir uma eloquente saudação.»

«Antonio Pedro commovido recitou a seguinte poesia:

Obrigado, obrigado. O pobre e humilde actor
Não tem com que agradeça a vossa protecção;
Sómente dar-vos póde a mais viçosa flor
Que nasce, medra e cresce em grato coração.

E d'essa flor viçosa, e d'essa flor divina,
A essencia está no Ceu e vem florir na terra.
É pura como a luz da estrella peregrina,
E ao bem, ao bem sómente as petalas descerra.

Seu nome é gratidão. Recebei, pois, senhores
Esta simples offerta. É tudo o que dar posso;
Se mais dar-vos pudesse, em troca a taes favores
Do peito arrancaria o coração que é vosso.

E vou partir agora a ver a patria amada,
Enfermo repousar á sombra do meu lar.
E lá, quando feliz, na choça idolatrada
Aos meus ensinarei o nome vosso a amar.

Obrigado, obrigado. O pobre e humilde actor
Ao povo pelotense, a esta illustre terra,
O pensamento prende, empenha o seu amor
E toda a gratidão que um'alma humana encerra.

Os Xenios, de 30 de Abril de 1879, Recife:

«Quem tiver seguido de perto o movimento litterario que se tem operado em Portugal n'estes ultimos tempos, especialmente no theatro não deve ignorar o nome do artista que mais se tem distinguido e elevado na scena portugueza.

«Esse nome, esse genio, como disse, Julio Cesar Machado — *o Janin* portuguez: é aquelle que tem o dote de reproduzir as physionomias como uma placa de metal os objectos que se lhe apresentam.

«É o artista que não veio do conservatorio, que não explica os seus papeis a quem o quizer ouvir, que não os commenta,— cria-os.

«Dizer mais do que isto é impossivel: dizer o que elle é em outras palavras, não é empreza para ser confiada senão tambem a pennas previlegiadas.

«O seu retrato e as diversas posições em que se manifesta no *Saltimbanco*, é o assumpto illustrado de duas paginas nossas. O seu nome porem, revela a origem modesta de um filho do povo: Antonio Pedro de Sousa.»

—

«Nós que habitamos esta parte do solo hospitaleiro do Brazil, que se chama Pernambuco, já ha muito o conheciamos pela fama das suas glorias.

«Os jornaes d'aquellas capitaes por onde passara o astro luminoso e onde a civilisação havia erguido templos que se chamam theatros, davam-nos noticias assombrosas das suas maravilhas.

«Conservando na memoria as descripções que d'elle fizeram escriptores auctorisadissimos, sentimo-nos pequenos e offuscados pela sua luz para dar de conta propria uma idêa, de quem tem sabido habilmente conquistar mil glorias para o seu paiz, sem os deslumbramentos de uma corôa de rei, sem o pezo docil de um manto de purpura estrellado de diamantes!

«Immenso seria o trabalho se quizessemos reproduzir os juizos que a seu respeito fizeram os jornaes da Côrte, S. Paulo e Rio Grande do Sul.

«São innumeros os artigos, immensas as opiniões, diversos os estylos, mas todos presos por uma cadeia magnetica, mas tudo subjugado á inspiração e ao merito do grande vulto do palco portuguez.

«O que fica dito, pois, é de mais para a apresentação de Antonio Pedro que com a franqueza e simplicidade de uma modestia exemplar se dispensa de annuncios e foge até ás demonstrações que julga exaggeradas provando n'isso mesmo a despretenciosidade de seu genio.»

—

«Vimol-o terça feira no *Paralytico* e não podemos descrever a emoção que sentimos, limitando-nos apenas a convencer-nos da

O Saltimbanco por Antonio Pedro é a mais bella creaçao do realismo na arte

BORDALLO PINHEIRO.

justiça com que este novo Garrick tem conquistado a esplendida reputação de que gosa.

«Ao trabalho do 4.º acto d'este drama, sirvam de critica as palavras d'um escriptor brazileiro a seu respeito:

«No *Paralytico* Antonio Pedro é Salvini no *Filho das Selvas*; Rossi no *Othello*; João Caetano no *Pelotiqueiro*; Tasso nos *Homens do Mar*; Ristori na *Maria Antonietta*; Paladini nas *Causas e effeitos*; Manuela Rey na *Vida de um rapaz pobre*; Santos no *Antony* e Emilia das Neves na *Joanna a Doida*, porque todos estes artistas attingiram a perfeição nos seus papeis e a arte dramatica, como disse Pinheiro Chagas, não pode ir alem.

«Antonio Pedro, portanto, não pode tambem descer do nivel a que o elevou o seu merito, conquistado no terreno safaro da arte por onde chegou á altura de confundir-se com a gloria e esconder-se no seio das grandezas que não se adquirem por favores e pertencem sómente ás creaturas privilegiadas!

«A Redacção d'*Os Xenios*, vem, pois, render-lhe o seu preito d'honra, preito filho do natural enthusiasmo que a domina, preito emfim, mais valioso que as flores que se desfolham, que os ouropeis que se marêam, reproduzindo na imprensa um echo para as suas glorias, juntando mais uma pagina ao album em que se acham inscriptos os nomes das maiores notabilidades do Brazil e Portugal.

«É uma pagina modesta, de intelligencias despretenciosas e humildes, é verdade, mas vae n'ella — um tributo sincero e publico da sua admiração.»

Jornal do Recife, de 3 de Maio de 1879, Pernambuco:

«*Antonio Pedro* — Quem dirá que um nome tão plebeu pertence a uma encarnação da mais pura aristocracia do seculo, a aristocracia do talento, do genio, da arte, do sublime em summa?

«Nós dizemol-o de plena consciencia, sentimo-nos pequenos ante aquella grandeza: não attribularemos o espirito buscando adjectivos para dar uma idéa do que é Antonio Pedro como artista. Anciavamos por vel-o, por admiral-o.

«Era para nós um nome que nos apparecia ha muito na resumida lista das summidades artisticas, cercado dos esplendores da gloria a que o elevara o seu merito real.

«Veneravamos o nome, faltava-nos admirar o artista.

«Vimos Antonio Pedro no drama *O Paralytico*.

«Vimol-o?

«O que vimos foi Jeronymo o protogonista, porque o personagem occultou de tal modo o artista, que a não ser a auctoridade irrecusavel dos annuncios, teriamos permanecido em serias duvidas..

«E foi arte o que Antonio Pedro nos revelou?

«A arte por si só não opera aquelles prodigios; entra n'elles por muito alguma cousa mais elevada — a inspiração.

«É que a natureza ensina a Antonio Pedro o verdadeiro segredo de ser sublime, de ser genio.

«Eis o que é Antonio Pedro.

«Pode passar desapercebido ante os cegos de entendimento; mas aquelles que comprehendem os primores da creação, os que fitam com firmeza as irradiações do genio e o observam nos seus mais delicados detalhes, hão de vel-o grande, magestoso, sublime e inexcedivel e curvar-se reverentes ante aquella realeza.»

—

Idem, de 14 de Maio de 1879:

«*A festa artistica de Antonio Pedro* — Para render culto ao talento do eximio artista dramatico Antonio Pedro encheu-se litteralmente o sumptuoso theatro Izabel na noite de terça feira 6 do corrente.

«Em taes solemnidades a espontaneidade da concorrencia, o empenho para obter um logar e o pezar dos que veem malogrados os seus esforços para o conseguirem, dão a medida exacta do justo apreço em que se tem o verdadeiro merecimento artistico do heroe da festa.

«Annunciada apenas de vespera, não foi isso motivo sufficiente para que a admiração a que elle se tem imposto deixasse de manifestar-se do modo mais expressivo.

«Os logares do theatro foram tomados com desusada soffreguidão; nem uma platéa, nem uma torrinha ficou disponivel, e a estreiteza do tempo não pôde ser obice a que os admiradores do grande artista lhe proporcionassem uma ovação brilhante e tão solemne como poucas, ou nenhuma ha modernamente quebrado o silencio, que o indifferentismo pela arte, ou qualquer razão d'outra ordem, tem tornado o estado normal d'aquella sala de espectaculos durante elles.

«Os elementos constituintes do brilhantismo de festas semelhantes não faltaram com o seu concurso: concorrencia, senhoras, musica, flôres e poesia!

«A sala como que sorria; parecia que as irradiações do genio que alli surgira a illuminar aquelle palco, a deixar por elle rastros e listrões luminosos impericiveis, deslumbrantes, andavam a reflectir-se em todos os rostos, em todas as almas e até mesmo nos objectos inanimados.

«Dava-lhe aquella feição festiva a intuição sincera e fundamente sentida dos que alli concorriam para saudar o astro que tal se lhes revelára, rasgando o veo da modestia que o esconde na vida do mundo, para deslumbrar quando se libra ás puras regiões da verdadeira arte.

«Nunca entre nós se dera caso igual: nunca uma multidão foi dominada tão fortemente por uma idéa unanime, sem duvidas, sem receios, sem hesitações, sem reservas.

«Antonio Pedro era o idolo, cada espectador um crente.

«Todos o adivinhavam, mas ninguem ainda o havia visto tal qual elle é.

«A confiança que inspira o talento estava no animo de todos quantos o tinham admirado no magistral Jeronymo do *Paralytico;* promettia-lhes muito mais a voz publica e ninguem ousava duvidar.

«*O Saltimbanco* de Antonio Ennes, laureado auctor dos *Engeitados* e do *Divorcio*, *O Saltimbanco,* hoje mais de Antonio Pedro do que do proprio auctor, foi o drama escolhido pelo eximio artista para deslumbrar ainda mais uma vez os admiradores do seu genio privilegiado.

«A festa pedia aquelle drama.

«Com os prodigios que Antonio Pedro opera no desempenho do papel do protogonista, convence elle á saciedade de que são poucos todos os tributos de admiração que lhe rendam e que para tamanha grandeza não ha preito maior do que o que fôr mais sincero, embora o mais humilde na apparencia.

«Este teve-o elle aqui.

«As palmas ruidosas, com que foi saudado ao entrar em scena, traduziram claramente a anciedade com que era esperado na arena dos seus triumphos.

«Avalia-o quem conhece os habitos de reserva e retrahimento peculiares ás nossas platéas.

«As flôres que lhe foram lançadas aos pés, a chuva de ouro que incessantemente cahia do urdimento, seriam sufficientes para affirmar que não havia o menor receio de que o grande artista desmerecesse a justa nomeada que aqui o precedera.

Na parodia ao Trovador

«Durante a representação do drama e nos intervallos de cada acto, as nuvens de flôres, os applausos, as chamadas á scena, em summa todos os modos de festejar o artista inimitavel, foram postos em acção.

«E todos pareciam insufficientes, comparados com o enthusiasmo que o admiravel trabalho de Antonio Pedro levantára em todos os espectadores.

«No fim do 3.º acto foram á scena os artistas Taveira e Rodrigues Sampaio offerecer a Antonio Pedro duas lindissimas corôas artificiaes e um primoroso album.

«Ao terminar o drama foi por uma commissão entregue ao grande artista, em nome de alguns compatriotas seus, uma corôa de prata, delicadamente cinzellada, e um magnifico bouquet de flores naturaes, trabalho de exquisito gosto e esmerada perfeição, do qual pendiam fitas das côres nacionaes portuguezas, com disticos bordados a ouro.

«Na mesma occasião o sr. Thomaz Espinosa entregou a Anto-

nio Pedro um finissimo ramilhete. Foi lindissimo o aspecto d'esta scena; uma bem imitada chuva de ouro a cahir sobre o artista, as offertas recebidas e as flores que sem interrupção eram arremessadas, envolviam-n'o em nuvens de momento a momento.

A ANTONIO PEDRO

Poesia recitada pelo seu auctor na noute da festa de Antonio Pedro no Theatro Isabel em 6 de Maio de 1879

É o genio da arte... de Deus o grande esboço.

XISTO BAHIA.

Quando acceso no fogo da sacra inspiração,
divino, arrebatado, athletico, arrogante,
maior que um semi-deus, soberbo, triumphante,
elle surge no palco — domando a multidão

attonita, pasmada, surpresa, delirante,
— do genio creador translucido clarão,
vem banhar-te, radioso, a fronte de Titão,
onde depoz a gloria o beijo palpitante!

E vede-o! — nas paixões que á luz da rampa ensina
tem vôos arrojados! — é aguia transandina,
que dominando o ether, em busca do Ideal,

nos dá magicamente as producções d'um genio,
que terá da historia — o secular proscenio
e da razão humana — o eterno pedestal!

ADELINO FONTOURA.

A ANTONIO PEDRO

Recitado na mesma noute pelo ex.mo sr. A. I. de Torres Bandeira.

Em meio de tantas gallas
Surge do grande o valor,
Tudo é festa, tudo é riso,
Encanto, brilho e fulgor!
O grande — é o genio d'arte,
Esplendoroso estandarte
De Portugal e Brazil,
Genio que diz sou artista
E das glorias na conquista
Conto os triumphos a mil!

Sim é elle — o novo astro
Que Antonio Pedro se chama,
Que dá vida ao pensamento
E rei da scena se acclama;
Sim, é elle, que n'esta hora
Mais uma corôa aprimora
Mais um triumpho colheu,
E sob o Ceu do Cruzeiro
Pode dizer sobranceiro...
O rei do palco — sou eu!

Não traja a farda bordada
No seio da multidão;
Mas vede-o bem, é um genio
Como bem poucos serão.
Por isso um povo apinhado,
Pernambuco electrisado,
Ao genio ergue um altar!
E do seu culto no gozo
Sente a gloria ferveroso,
Palmas a mil lhe vem dar!

Eis o que é Antonio Pedro
De tantas glorias — phanal —
Em berço humilde nascido
P'ra honra de Portugal:
De Portugal o gigante,
Cuja historia fulgurante
Á nossa historia dá luz,
Cujos feitos gloriosos —
São inda marcos pomposos
Da terra — da Santa Cruz!

A ANTONIO PEDRO

Recitada em seguida pelo ex.mo sr. Belizario Pernambuco

Tem mais encantos a corôa
Pelo genio conquistada
Do que aquella que ao monarcha
Por seus avós foi deixada!
É mais que nobre, é sublime
O conceito popular,
Quando o genio como aguia,
Busca os astros devassar!

Tambem o palco é um throno,
O septro — o symbolo da arte,
O talento — o sol, a chamma,
Que a luz do genio reparte!
As palmas que ahi echoam
D'este povo arrebatado,
Eis a sentença sublime,
Eis o tributo inspirado!

Para explicar esse genio
Sou muito fraco bem sei...
Mas é tal a sua gloria
Que bem a invejara um rei!
Não podem pinceis bem finos
Firmar com vividos traços
Os feitos d'esse gigante
Que a fama ostenta nos braços.

Mas o povo que vê tudo
Fez do seu nome um tropheu
As glorias que tem na terra
Dizem-n'o estrellas no Ceu,
Parabens! sim Parabens
Á Portugueza Nação,
Que alem do mar nos envia
Um novo Antheo — um Titão!

A ANTONIO PEDRO

Recitada em seguida por Francisco Ignacio Ferreira

Nem só a espada de Cesar
O povo á gloria conduz:
Tem o genio outro attractivo,
Que a vista move e seduz;
Não ha na terra grandeza,
Que do genio á realeza
Não sinta a fronte curvar;
Por isso, artista, em meu peito
Tens um logar de respeito,
Quero o teu nome saudar!

Nunca a fronte laureada
Ao pó inerte desceu:
Se o genio é chamma sagrada,
É foco do genio o Ceu.
Desça o mortal muito embora,
O genio brilha, é aurora,
O sol é sempre a fulgir,
A terra o ambito escasso...
É seu dominio o espaço
É sua gloria — porvir!

A ti, sim, que sem cortejo
Exaltas — Rei — o teu nome,
Mudas em templo o proscenio,
Á arte prestas renome,
A cada som que dilatas,
A sala inteira arrebatas,
A tudo infundes vigor;
De joelhos curvo a fronte,
És a luz d'este horisonte...
Devo sentir mais ardor!

A gloria — Mar alteroso!
Avante, artista! — ao embate!
É bello ao genio uma lucta,
No mar da gloria o combate!
Nas azas do pensamento
Eia vôa ao firmamento,
Faz surgir mais creações!
Arranca ao Ceu mais thesouros
Aqui t'aguardam mais louros
São nossas palmas, brazões!

Oh! P'ra ti, gigante d'arte,
Que dás honra ao teu paiz,
O Novo-Mundo tem corôas
Do mais vivido matiz:
D'estes teus momentos d'ouro,
Compõe, artista, o thesouro
Dos mais fulgentes tropheus;
Da vida esquece os labores,
A arte é leito de flores,
O genio... é filho dos Ceus!

Sim, a ti, que ao seio d'alma
Sabes o encanto levar,
Posso captivo do — genio,
A fronte altiva curvar!
Grato perfume do nardo,
Não tem o canto do bardo,
Riqueza d'estro não tem,
Mas livre o peito e a lyra
Jamais a torpe mentira...
Manchar teu nome aqui vem!

Terminado o espectaculo, os admiradores e amigos do grande artista, seguidos da banda de musica acompanharam-n'o até ao Hotel Central, á Rua Larga do Rosario onde se achava hospedado.

D'um album que lhe foi offerecido na noute da sua despedida de Pernambuco em 14 de Maio de 1879:

A ANTONIO PEDRO

«Deante de Antonio Pedro, deante d'esse grande homem cujo rosto animado pela força creadora do genio, que ri e chora com a alegria ou com a dôr que lhe vem da inspiração, quem negará que a chamma do talento o illumina como o relampago, e que a arte se dilata no fluido que o cerca envolvendo-o em um circulo de luz?

«No *Saltimbanco* — Antonio Pedro é Colombo descobrindo a America, é Kepler descobrindo as leis dos movimentos dos corpos celestes, é Guttemberg descobrindo a imprensa.

«Que mais?

«Antonio Pedro é um dos raros homens que honra uma nacionalidade e uma epocha, um d'esses entes privilegiados cujo ta-

lento artistico não faz sómente honra a Portugal mas talvez a todos os paizes latinos.

«É esta a expressão da nossa admiração, e fomos até onde permittia o finito dos nossos pensamentos.

«Basta.»

«Pernambuco, 14 de Maio de 1879.

Antonio da Maia Pessoa.
Francisco Ignacio Ferreira.
Lauro d'Almeida Grillo.
José Villa Nova.
A. G. Barbosa Vianna.

Do mesmo album e dedicada á esposa do artista:

Senhora:

Se aqui do Novo-Mundo eu estendesse um braço,
Pudesse em vôo d'aguia o mar atravessar,
Senhora, eu rasgaria a nevoa do espaço...
Eu levaria o Nume ao seio do seu lar!

Ainda mais Senhora:
Em cantico inspirado
Ao sol arrancaria os raios d'aurea luz;
Á lua pediria um manto prateado,
Á gloria um novo templo em que elle fosse a cruz!

Então ao vel-o erguido em ideal proscenio,
Narrara-vos Senhora, as glorias que elle viu;
Depois, ajoelhando eu saudaria o genio,
Que o coração de um povo inteiro conduziu!

Enthusiasta louco envolto em tanto lume,
Fazendo a apotheose em hymno triumphal;
Dizia-vos Senhora:
aqui vos fica o nume
A luz do realismo, o genio do Ideal!

Aqui vos fica o idolo a quem amiga gente,
As corôas da victoria altiva concedeu;
Chegae-as bem ao peito e com ardor fremente,
Dizei ao vosso filho um dia quem lh'as deu!

Oh, sim, mostrae Senhora, áquelle terno infante
O quanto pode o genio em livres corações;
Mostrai-lhe n'este livro a historia do gigante,
A quem o povo acclama o rei das multidões!

. . . . . .

Depois quizera ainda erguendo-me ao espaço,
Vencer rapidamente a extensão do mar;
Trazer a cada amigo o mais estreito abraço,
De Antonio Pedro o nome a todos recordar!

E vós que sois a joia, a flôr de primavera,
O idolo que elle adora e vive para amar;
Ajuda-o Senhora! a subir áquella esphera
Em que a esposa é anjo, e é o marido — altar!

Pernambuco, 14 de Maio de 1879.

— FRANCISCO IGNACIO FERREIRA.

—

Do mesmo album:

«As grandes intelligencias que atravessam o mundo deixam após si um rasto luminoso, que jamais se desvanecerá da memoria dos povos!

«Assim o nome de Antonio Pedro, será para os vindouros a gloria da arte, que elle, com a perfectibilidade do genio, tão maravilhosamente cultivou!

«Parabens!»

Pernambuco, 14 de Maio de 1879.

LAURO D'ALMEIDA GRILLO.

Do mesmo album:

«Para um Talma ou um Lekain dos tempos modernos nada ha que possa dizer-se. É inacreditavel a tua naturalidade ao representares as scenas intimas da comedia humana.

«Pois bem! Lembra-te sómente ao abrires este album que áquem-mar deixaste um homem, que ficou e ficará eternamente orgulhoso por ter tido a dita de ver, conhecer e abraçar a maior gloria scenica do nosso Portugal!

«O que fica dito não é mais que algumas flôres agrestes atiradas ao meio d'um jardim, onde brotam outras de rarissima formosura.

Pernambuco, 14 de Maio de 1879.

ANTONIO DA MAIA PESSOA.

Do mesmo album:

«Ha genios privilegiados que se impõem ao nosso respeito e á nossa admiração.

«Esses genios destinam-se a ser os fieis interpretes da arte, a sublime, a sempre grande.

«Assim é o genio teu, e ser assim é ser divino.

Recife, 14 de Maio de 1879.

JOSÉ VILLA NOVA.

Do mesmo album:

ANTONIO PEDRO

O genio é como Deus, alguem o disse lá
Na nossa amada patria, em versos de renome;
A Deus ou quem como elle eu curvo a fronte já
E deixo a par da effigie o meu humilde nome.

Pernambuco, 14 de Maio de 1879.

A. G. BARBOSA VIANNA.

Do mesmo album:

«Que poderei eu dizer que os outros não tenham dito? Ainda assim acho pouco em vista do teu grande talento.

«Salvé Antonio! Salvé meu irmão d'arte.

Recife, 14 de Maio de 1879. AFFONSO DOS REIS TAVEIRA.

De regresso a Portugal foi Antonio Pedro para o theatro da Rua dos Condes ainda com a empreza Santos e Pinto e ahi representou entre outras peças a comedia *Casas, Creados e Agiotas* e o drama de Sousa Bastos *Ladrões de Lisboa*.

Aggravou-se então a doença do grande Santos e deixando este o theatro, voltou Antonio Pedro com a empreza de José Joaquim Pinto para o Gymnasio, representando varias peças, destacando-se entre ellas *O Sargento-Mór de Villar* que subiu á scena em seu beneficio em 31 de Outubro de 1879 e o *Bébé* em 6 de Fevereiro de 1880.

Entre os muitos e valiosos brindes que Antonio Pedro recebeu n'essa noute de festa, conta-se um alfinete de manta, representando o seu busto, delicado trabalho em marfim offerecido pelo distincto escultor José Pedro da Cruz Leiria.

Damos algumas das apreciações da imprensa.

Jornal do Commercio de 1 de Novembro:

«*Sargento-Mór de Villar* — Quando Antonio Pedro appareceu em scena, houve no publico um longo sussurro de admiração; faz um louco, De Profundis, e depois do *Paralytico*, não teve ainda mais esplendida creação o eminente artista; a caracterisação que apresenta dá optimo resultado, e o personagem habilmente sustentado de principio a fim torna-se o vulto principal da peça e o seu primeiro attractivo.»

Antonio Maria, de 6 de Novembro de 1879:
Theatro do Gymnasio — *O Sargento-Mór de Villar*

Antonio Pedro no papel de De profundis assombroso, assemelhando-se a uma creação de Goia, pela caracterisação e pelo gesto.

Jornal da Noite, de 7 de Fevereiro de 1880:

«*Theatro do Gymnasio* — Beneficio da actriz Jesuina Marques, *O Bébé,* comedia em 3 actos, traducção de Pinheiro Chagas.

«O desempenho foi excellente.

«De Antonio Pedro diremos que o desempenho do seu papel, valeu esta exclamação a Julio Machado — É um actor de raça, este Antonio Pedro!

«Estas quatro palavras ditas a um amigo durante a representação, valem bem quatro columnas de elogios rhetoricos.»

Antonio Maria, de 26 de Fevereiro de 1880:
Theatro do Gymnasio — *O Bébé*

Gargalhada em tres actos e um... Antonio Pedro

O advogado Petillon em casa da Baroneza.
Como elle se senta

Como elle se volta para segurar a dama que desmaia

Como elle se revira

Como elle disfarça!

Como elle canta o codigo!

Como elle se revolta

Como elle a leva ás cabritas!

Em 4 de Abril de 1880, realisou Antonio Pedro o seu beneficio no Principe Real com o *Incendiario da Patriarchal.*

Alem de outros brindes foram-lhe offerecidos n'esta festa artistica, o seu busto em barro sobre um pedestal de marmore, pelo eximio esculptor José Pedro da Cruz Leiria, e o seu retrato a oleo bem como os de sua esposa e filho pelo distincto pintor retratista A. Novaes.

Jornal da Noite, de 5 de Abril de 1880:

«*Beneficio de Antonio Pedro: O incendiario da Patriarchal*— Hoje que tanto se falla em processos sempre queria que me dissessem quaes são os empregados por Antonio Pedro na sua vasta galeria de personagens dramaticos. Porque deixemo-nos de historias, representar assim — sem processos — não pode ser.

«É completamente impossivel.

«Antonio Pedro tem forçosamente processos, e dos mais serios, dos mais graves. De tal cathegoria, que se em vez de intellectuaes fossem crimes, o levariam a degredo perpetuo para as plagas africanas.

«Mas infeliz de mim, desconheço-os completa, total, absolutamente.

«Que fazer? Pôr-lhe pedra em cima como ás vezes se faz nos tribunaes.

«Não, Antonio Pedro não possue processos, não os conhece, não quer saber d'elles para nada.

«Tem porem melhor do que tudo isso — tem a inspiração, a intuição, o talento, o fogo sagrado a cuja brilhante luz elle vê,

como n'uma lanterna magica, ou como nas allucinações da febre, o personagem em que o auctor o manda encarnar. Mas nem só o corpo lhe vê, nem só o rosto, vê-lhe a alma, com todas as suas paixões, todos os seus ridiculos, todos os seus vicios ou todas as suas virtudes, arrebatada ou pusilanime, de ouro ou de lama, pura como no *Paralytico*, ignobil como a do malandro dos *Ladrões de Lisboa*, ingenua como a de *Anselmo*, devassa como a do *Vouctroix*, em trevas como a do De Profundis, altiva e amavel como a do *Saltimbanco*.

«Vejo porem que teria de encher quartos e quartos de papel se pretendesse ennumerar todas as comedias, dramas e melodramas em que Antonio Pedro tem fulgurado desde o começo da sua carreira artistica.»

Em 7 de Novembro de 1880 fazia Antonio Pedro o seu beneficio com a reprise do *Bébé* e entre os innumeros brindes recebidos, avulta um rarissimo e de muito valor do grande actor Taborda o qual a pag. 88 e 89 reproduzimos em photogravura.

Foi o seu primeiro retrato, tirado em 1844, quando ainda era compositor typographico.

Em Julho d'esse anno foi Antonio Pedro com a companhia ao Porto apresentando alli, entre outros, os seus novos trabalhos.

Do seu desempenho, diziam os jornaes:

O Commercio Portuguez, de 4 de Julho de 1880, Porto:

«*O Bébé* — Antonio Pedro fez do leccionista do *Bébé* um typo inexcedivel de graça e originalidade.

«Quando o publico o viu entrar pela 1.ª vez em casa da baroneza, com aquella cabelleira muito empastada, aquelle casaco quasi

no fio, aquelle chapeu, as luvas de retroz, os oculos e um tom violaceo que lhe sombreava o rosto, houve uma gargalhada geral em todo o theatro. Só o modo porque elle se senta e cumprimenta é um verdadeiro poema!

«Não se pode ser mais comico e mais verdadeiro ao mesmo tempo.»

O Commercio do Porto, de 11 de Julho de 1880:

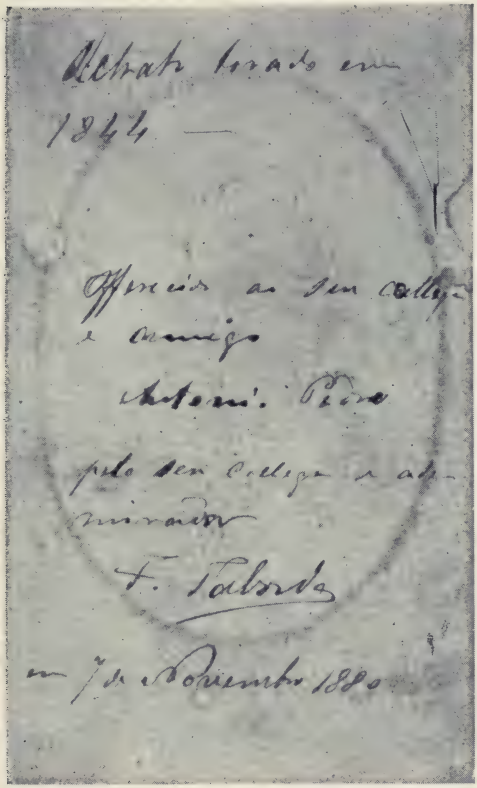
«*Theatro do Principe Real: O Sargento Mór de Villar* — O papel de louco De Profundis, foi admiravelmente interpretado pelo talentoso actor Antonio Pedro.

«Ninguem o excede, nem mesmo o iguala. É assombroso!

«O desempenho d'este papel, só por si, e tal qual o vimos antehontem bastaria para crear verdadeira fama se Antonio Pedro não a tivesse desde ha muito consolidado entre portuguezes e brazileiros, por tantas e tão variadas creações.

«A sua entrada, logo no primeiro acto, valeu ao eminente artista palmas e bravos geraes e espontaneos dos numerosos espectadores que enchiam a sala.

«Mas estas demonstrações altamente significativas para o artista, repetiram-se no decorrer do drama e ainda no fim d'elle.


Retrato tirado em
1844 —
Offerecido ao seu collega
e amigo
Antonio Pedro
pelo seu collega e admirador
F. Taborda
em 7 de Novembro 1880

«Effectivamente: ninguem ainda traduziu melhor aquella creação esplendida do romance de Arnaldo Gama; ninguem lhe deu tanto relevo e a destacou por forma tão admiravel.

«A naturalidade com que Antonio Pedro representa o De Profundis, pelas attitudes abstractas, pelo vago e indeciso do olhar e o alterado das feições, pelo desalinho dos cabellos da barba e cabeça, e, finalmente, pelo descomposto do vestuario andrajoso, chega a incommodar o espectador. Mas em tudo se nota profundissimo estudo e observação, até nas cousas mais insignificantes. A creação d'este personagem é um dos maiores triumphos de Antonio Pedro.»

—

Idem, de 10 de Agosto de 1880:

«Foi brilhante a festa artistica do celebrado actor Antonio Pedro, realisada na noute de sabbado no theatro do Principe Real.

«Agradou a comedia do sr. Rangel de Lima *Casas, creados e agiotas*, á qual imprimiram notavel relevo Gil e o beneficiado; este ultimo mostrou mais uma vez quanto pode a admiravel maleabilidade do seu esplendido talento, dando-nos um typo successivamente transformado em tres distinctas phases da sua vida accidentada, na de creado, na de ajudante de agiota e na de prestamista.

«No 7.º quadro das *Duas Orphãs* Antonio Pedro tocou a meta da perfeição scenica; a sua indignação explosiva, ao defender as duas irmãs é assombrosa de verdade, soberba transfiguração aquella; e nada mais bem feito do que aquelle jogo de physionomia, de gesto, de voz: — uma creação.

«O publico rompeu n'uma demorada ovação e das frizas offertaram-lhe opulentos bouquets.

«O resto do espectaculo correu em som de festa: Carolina Falco foi applaudida na recitação da poesia *A Camões*.

«No atrio do theatro tocava a banda de caçadores 9 e na sala havia flores e plantas ornamentaes, vendo-se mais espectadores do que os que a lotação marca.»

Foi n'este anno que se começou a publicar em sua homenagem um almanach intitulado *Antonio Pedro*.

D'elle extrahimos a seguinte poesia:

BRAVO

Ao eximio actor Antonio Pedro

Salve! Genio refulgente
Do theatro nacional;
Salve! Artista illustrado
Que innobreces Portugal.

Recebe as palmas e os bravos
Nascidos do coração,
Com que alegre vem saudar-te
Esta enorme multidão.

Recebe-os, que são preitos
Ao talento consagrados;
Preitos que a ti, nobre artista
Nunca serão contestados.

CARMO E SOUSA.

Escripturado ainda no Gymnasio foi com aquella companhia em Maio de 1881 a Coimbra, Aveiro e Porto, onde representou até 1 de Junho, data em que se realisava a despedida de Antonio Pedro e Gil, que com a companhia por elles organisada seguiram em 4.ª digressão para o Brazil.

Ácerca d'esta recita disse *A Voz do Povo:*

«*O Saltimbanco* que se repetiu hontem foi um ensejo magnifico para uma ovação esplendida e ruidosa ao actor Antonio Pedro.

«O artista agradecia commovido os applausos, e o publico não se cançava de o chamar, como se quizesse manifestar-lhe as saudades que deixava.»

Quarta digressão ao Brazil

Do que foi a sua quarta digressão pelo Brazil dão ideia as apreciações da Imprensa que transcrevemos:

Civilisação, de 16 de Julho de 1881, Maranhão:

«No dia 10 d'este mez estreou-se no nosso theatro a companhia dramatica portugueza, dirigida pelo actor Antonio Pedro, levando á scena o drama *Saltimbanco* do escriptor A. Ennes.

«Destacam-se de um modo notavel de todo o pessoal da companhia os artistas Antonio Pedro, Brandão, Gil e Costa.

«O primeiro gosa com justo titulo de uma fama artistica, que lhe tem grangeado enthusiasticos applausos de todos quantos apreciam o seu trabalho.

«Antonio Pedro tem a rara habilidade de revestir os personagens que reproduz de uma tal ou qual feição attrahente, que leva o espectador a descurar do entrecho da acção dramatica, para só attender aos multiplos segredos que elle sabe descobrir na creação de seus papeis!

«Antonio Pedro não é simplesmente o artista, que se limita a

desempenhar com perfeição o trabalho do dramaturgo. Elle vae mais longe. O escriptor desenha os caracteres, dá-lhes movimento e ensina-lhes palavras de uma dicção correcta e irreprehensivel; e Antonio Pedro dá-lhes a alma que ennobrece, o sentimento que commove e a belleza que fascina.

«Um apresenta a producção fria e methodica, gerada no silencio do gabinete; — o outro revela a espontaneidade brilhante do genio, creado pela mão divina da natureza.»

O Paiz, de 17 de Julho de 1881, Maranhão:

«*O Sargento-Mór de Villar* — Esta transformação da obra de Arnaldo Gama, foi phreneticamente applaudida. O theatro estava litteralmente cheio, e pode-se dizer que não houve um só espectador que deixasse de tomar parte na esplendida manifestação feita. Antonio Pedro dera vida á estatua e offerecia-a ao publico palpitante de vida e de calor, no legitimo orgulho de uma creação genial

«O typo que representou, De Profundis, é um pobre homem levado á loucura pela infelicidade. Pesa sobre elle a visão do filho assassinado; vive na timidez idiota, no acabrunhamento de quem foi perseguido e atacado n'um d'esses sentimentos profundos que são a preoccupação de uma vida inteira e que absorvem toda a energia d'alma.

«Esta catastrophe moral, que nas mãos de Shakspeare produziu *Hamlet*, apenas inspirou ao romancista portuguez um doudo vulgar com momentos lucidos inexplicaveis, com palavras incoherentes, esqualido, coberto de andrajos. Facilimo é descrever semelhante individuo; nada mais difficil do que imital-o.

«Antonio Pedro conseguiu-o de modo surprehendente. Quando appareceu, lembrámo-nos involuntariamente d'aquelle actor allemão, de quem dizia Stael que provocava as lagrimas só com o entrar em scena feito rei Lear, abatido e melancholico, nos campos extensos, sob a geada, a gemer a ingratidão dos filhos. Antonio Pedro produz o mesmo effeito. A sua figura, o gesto, o olhar, a physionomia são de uma realidade tal que inspiram uma compai-

xão profunda. Não se lhe nota uma falta. Quer nas situações violentas, quer na occasião em que se torna simples espectador e lança a vista, indifferente, sobre os outros personagens, que passam no palco, o seu trabalho é sempre admiravelmente correcto.

«Um especialista não teria escrupulos em leval-o d'ali para um hospicio de alienados. Elle não apparenta, reproduz com a verdade de uma photographia, com uma alta intuição scientifica, com o mesmo vigor com que Miguel Angelo vencia em suas estatuas as mais serias difficuldades da anatomia.

«Seria preciso um livro para estudar o seu talento.»

A Pacotilha, de 25 de Julho de 1881, Maranhão:

«O espectaculo de hontem em beneficio de Antonio Pedro foi uma festa esplendida, que tomou afinal o caracter de uma verdadeira manifestação popular.

«O theatro achava-se completamente cheio, camarotes, platéa, varandas, tudo regorgitava de espectadores, cujos lenços acenavam phreneticamente applaudindo o grande artista.

«No fim dos actos o beneficiado retirava-se carregado de flores, distribuiam-se impressos, recitavam-se versos, faziam-se brindes, arrojavam-se os chapeus ao palco, emfim o enthusiasmo manifestava-se de mil modos e os applausos rebentavam do publico como uma explosão de palmas e bravos estrepitosos.

«Antonio Pedro, summamente commovido, não podia attender a tudo — a caixa enchia-se, os brindes e os vivas, as proclamações, os bravos de enthusiasmo reproduziam-se por todos os lados, afinal o artista succumbiu a tantas emoções e a tantas fadigas e ficou prostrado. O trabalho dos ultimos actos foi um verdadeiro sacrificio para a debil constituição do creador do *Saltimbanco.*

«No theatro mandaram preparar um aceiado camarim, bem ornado, com elegancia e luxo, destinado a receber as pessoas que fossem cumprimentar o heroe da festa — esse camarim encheu-se de ramalhetes e as mesas encheram-se de presentes offerecidos a Antonio Pedro.

«Eis a lista dos objectos que lhe foram hontem dedicados:

«Uma corôa de flores, do sr. Manoel Antonio de Pinho Junior; uma corôa de louro de Affonso de Mello; uma corôa de flores da redacção do *Pensador;* drama do sr. Figueiredo; mazurka Petillon, pelo sr. Antonio Raiol; uma walsa pelo maestro Leocadio Raiol; uma collecção do *Pensador;* uma abotoadura d'ouro e platina; uma medalha d'ouro, dos srs. Brandão, Gil e Costa; um estojo com caneta, da actriz Elvira; duas cabanas de crystal para pós d'arroz, da actriz Edelvira e Fernando Lima; um bonito ramo, da actriz Josepha; um casal de Indios, do sr. Joaquim dos Santos; uma ventarola de setim e diversas poesias e ramos das redacções do *Futuro, Pacotilha, Pensador,* etc., etc.

«Fóra tocaram duas bandas de musica.

«Antonio Pedro foi cumprimentado em scena pela redacção do *Futuro,* que lhe dedicou um numero especial impresso em setim e varios ramalhetes com dedicatorias em lettras de ouro. Depois pela redacção do *Pensador*, que lhe dedicou uma collecção completa do jornal, varios ramalhetes symbolicos e uma pomposa poesia impressa em setim.

«Esta poesia foi recitada pelo seu auctor, o mavioso poeta Paulo Pereira, em nome da redacção do *Pensador.*

«A *Pacotilha* dedicou-lhe tambem um numero especial impresso em setim com o retrato do beneficiado.

«A *Pacotilha* offereceu tambem a Antonio Pedro quatro ramalhetes, acompanhados das competentes dedicatorias.

«A D. Elvira e D. Edelvira foram offerecidos dois ramalhetes por parte da redacção do *Pensador.*

«O sr. Affonso Mello, entregou de um camarote uma corôa de louro a Antonio Pedro.

«Ao terminar o espectaculo mais de 500 pessoas foram abraçar na caixa o beneficiado e acompanharam-no com vivas e duas bandas de musica ao hotel, onde Antonio Pedro recolheu-se, depois de agradecer da janella aquellas ovações, pedindo desculpa por não descer a receber na sala os cavalheiros que obsequiosamente o tinham acompanhado.»

O Futuro, numero unico publicado em 24 de Julho de 1881 e impresso em setim, em homenagem a Antonio Pedro:

«O estado actual da arte entre os povos modernos póde rigorosamente medir-se pelo resultado immediato da sua influencia social nas producções geniaes. Entre gerações a braços com enormes problemas, entre povos que interesses grandiosos congregam, entre individuos cujas intelligencias incubam grandes idéas, sempre que ha uma commoção, sempre que se declara o enthusiasmo, sempre que a admiração topa o delirio, é que a arte se apresenta em scena, irradiando por sobre a humanidade com seu influxo brilhante, dominando os intellectos pelo poder de suas creações, apagando do homem todas as idéas que o possuiam, para dar logar á vibração enorme de todas as cordas da sentimentalidade humana. É que a arte avassalla tudo o que póde existir de gelado, de inerte, de apathico, no ser que pensa, para substituir, pela imaginação, o que a razão lhe esboça.

«Nenhuma eloquencia ha maior do que a eloquencia da arte. Os marmores de Miguel Angelo, as télas de Raphael, os esmaltes de Palissy, as columnatas de Brunelleschi, fallam mais alto do que a eloquencia do Demosthenes antigo. Ha alli uma forma viva que respira, que palpita, que se expande, e que se insinua no organismo humano, pondo em movimento todas as faculdades do homem, despertando todas as sensações. fazendo-lhe calar no animo uma volupia febricitante, a que se póde chamar — o hymno da imaginação.

«Sim, a arte é grande; ainda mais que grande — infinita. A que espaços não chega? A que mundos não vôa? Em que oceanos não navega? Sim, ella de tudo se apodera. Ella faz do marmore um Moisés,— é a esculptura; pega nas côres e faz a Madona,— é a pintura; apodera-se do mundo das harmonias — faz a musica; pega no homem, nas suas paixões — constroe o theatro e dá a luz — o actor.

«O actor — eis o ultimo degrau da escada da arte. Alli ella parou, e disse: — nada de maior conheço que o homem — não irei mais além. Que outros tenham que combinar formas passageiras, que a luz nas suas mãos faça scintillar as côres, que os sons capti-

vos, prezos, lhes deixem arrancar a lei inefavel de suas supremas harmonias. Acima de tudo isto está uma fórma enorme, uma luz que tem todas as côres, uma harmonia que possue todos os sons — o homem. Pega n'elle actor, leva-o para o palco, expõe-no grande e miseravel como é, sublime e grotesco como a natureza o fez, mau e bom como a sociedade o gerou. Vai — ensina ao homem a conhecer o homem,— faz com que a humanidade applauda a humanidade.

«A arte dramatica é o pincaro elevado em que pousam os adejos da imaginação. Áquellas sumidades só podem chegar as aguias.

«E haverá aqui algumas d'essas aguias?

«Ha — é Antonio Pedro.

—

«O genio não se faz — nasce. É um organismo que rebenta — não um systema material que se aperfeiçôa. Tudo que ha alli é expontaneo — tão natural como o riso na criança, como o soluço no velho. Não é a superposição de formas novas a outras já velhas. Impossivel é essa alliança. Tudo no genio é novo.

«Em Antonio Pedro verifica-se esta verdade. Alli não ha um actor moderno que se sobreponha á fórma antiga de outro pisa dor do palco. Nas suas creações artisticas existe a expontaneidade do suspiro da mulher pubere, do vagido do recem-nascido. Alli nada ha de postiço; é um corpo homogeneo, cujos orgãos se prendem naturalmente, como se fossem feitos para existir reunidos. É o actor — um homem que estudou o homem, que não tem codigos, que não possue cathechismos, que não almeja compendios. Elle está alli, e diz: — O homem sente e eu sinto — mostremos á humanidade o mundo do sentimento.

«E Antonio Pedro sente. Vistel-o no *Saltimbanco?* Era o pae que queria a felicidade de uma filha, um miseravel que queria roubar á miseria uma parte de seu sangue, um histrião, cujo aspecto provocava risos, mas cuja alma fazia rebentar soluços. Este saltimbanco, esta entidade sem nome, este individuo sem qualificativo — vive no palco.— Elle é Antonio Pedro.

«Elle fez-te chorar, leitor?

«Chora sobre o homem — teu pranto é uma homenagem ao artista.

«Mas, quem vem alli? Quem com os cabellos desgrenhados, as

roupas descompostas, olhar febril, gestos arrebatados, se atira ao proscenio? Ah! É De profundis — um louco — é Antonio Pedro.

«Que typo ridiculo é esse que transpõe os humbraes do palacio d'um fidalgo? Quem é esse que se apresenta zombando da credulidade d'um pae, rindo da negligencia d'uma mãe, votando desprezo á devassidão de um filho?

«É Petillon (o explicador de direito civil) especulador industrioso, que se ri da humanidade — da humanidade que o fizera ridiculo. Sabes quem é este explicador? — é Antonio Pedro.

Nas scenas das Guerras d'Italia

«São multiplas, são varias as fórmas do genio. No mundo dos bastidores, elle vae pintar o que o dramaturgo, o que o auctor comico esboçou. Elle só tem traços. Ha alli um desenho informe, incolor, falto de verdade. Quem deu a fórma ao typo creado pelo escriptor, quem deu a côr, quem deu a vida, quem fez palpitar essas creações, quem deu logar á existencia d'esses typos syntheticos do estado social?

«Foi o artista. E o artista é — Antonio Pedro.

«Shakspeare, outr'ora quando a humanidade nas ultimas brumas da edade media retemperava suas concepções á luz do mundo novo que despontava, Shakspeare que compunha para modelar, que vasava para fundir, Shakspeare havia considerado inseparavel do auctor dramatico a arte da representação scenica. Elle

julgava que a idéa e a fórma só podiam existir no mesmo homem.

«Hoje a divisão do trabalho differentes sendas traça á arte. Uns fazem. Outros ampliam. A arte dramatica não só tem auctores — ella tem actores. Do molde de barro, a arte vôa ao jacto de bronze.

«Antonio Ennes — molda.

«Antonio Pedro — funde.

«Antonio Pedro é que dá a vida aos typos que faz moverem-se em scena. Novo Prometheu, com o fogo sagrado da arte, vai buscar luz ao mundo ideal. Como Jehovah, do barro fez um homem, do nada elle faz a creação artistica. Elle é o artista, curva-te á sua passagem. Ha uma realeza augusta — a do Genio. Ella não tem guardas, não tem sceptros, não possue corôas. Sabes o que ella possue? Os applausos, o enthusiasmo, o delirio de quem ama a arte nas suas concepções gigantescas!

«Onde está essa arte? Procura-a nos applausos com que o povo victoría Antonio Pedro.

«Elle é o artista.»

ANTONIO PEDRO E O *SALTIMBANCO*

«A arte é uma realeza cuja corôa tem por diamantes as idéas. São ellas que lhe fulgem por sobre a fronte como uma constellação enorme, illuminando o mundo do genio.

«A realeza da arte é uma cousa incontestavel. Contra ella ninguem se ergue a levantar um protesto. Ha alli a grandeza que se impõe, o infinito que se assenhoreia do espirito. É pela grandeza, e pelo infinito de suas concepções, que a arte reina. Seu sceptro — é um raio de luz do genio. Sua corôa — uma constellação d'inspirações descommunaes. Seu manto — alguma cousa de grande que envolve todo o universo. Seu throno — uma summidade que domina o mundo das intelligencias. Contra este sceptro, corôa, manto e throno, jamais houve a revolução.

«E comtudo nem todos os homens conhecem a arte. Para muitos ella é alguma cousa de vago, de impalpavel, que lhes escapa aos sentidos. Só quando ella veste fórmas reaes, quando se apresenta com a apparencia de um facto physico, conseguem comprehendel-a. É necessario que ella desça do céo em que habita,

para que as intelligencias vulgares a possam medir no campo restricto da sua visão.»

«Ha um plano em que a arte cahe immediatamente sob os sentidos de qualquer homem. É no theatro que este facto se realisa. Desde o sabio ao ignorante, todos então a comprehendem. Impõe-se n'aquelle scenario com uma realidade que consegue levar a commoção a todos os espiritos.

«O Maranhão acaba de receber a prova d'esta verdade. A sua população toda, cheia de um enthusiasmo febril, acaba de applaudir um homem — Antonio Pedro. E atraz d'esse homem está a arte que o faz grande, tornando-se popular pela sua encarnação humana.

«Antonio Pedro é um dos avatars da arte.

«Como a religião, a arte tem as suas encarnações.

«Essas encarnações são o genio.

—

«Antonio Pedro como artista escapa absolutamente a uma analyse fria. É impossivel, vendo-o, entrar minuciosamente na decomposição do seu talento. A commoção que se apodera d'aquelles que o ouvem, dos individuos que o contemplam, não dá logar a esse trabalho gelido de indagação exacta. A impressão que se recebe é unica — impossivel é fraccional-a. Todos fazem a synthese do seu genio; ninguem consegue determinar o alcance de cada uma das suas faculdades.

«Vejamos, por exemplo, Antonio Pedro no *Saltimbanco*. Olhemos para a sua individualidade que se encarna n'esse typo excepcional. Sigamol-o desde o principio até ao fim d'essa concepção dramatica. O que acontece ?—Uma cousa só—domina-nos a imaginação. E este dominio é constante. Dizer em que scena elle foi sublime, apontar em que situação fez rebentar o enthusiasmo no publico, marcar o ponto em que sua mimica foi a mais legitima expressão dos sentimentos interiores — é uma impossibilidade. O *Saltimbanco*, desde a sua entrada em scena até ao momento em que a acção termina, é sempre o mesmo, seguindo o fio logico do typo concebido pelo actor. Aquella creação é um typo homogeneo cujas partes todas se prendem sem violencia alguma. O *Saltimbanco*, que recusa beber no primeiro acto, é com a leve influencia das situações differentes, o mesmo homem que reconhece a

filha, que apostropha o Visconde, que trabalha na *barraca de feira*. Antonio Pedro soube conserval-o sempre igual, realisando pela arte uma unidade que pouco se achava na creação de Antonio Ennes.

«Ha ainda mais — em Antonio Pedro tudo é expontaneo. Elle não viu pessoa alguma representar o — *Saltimbanco*. Nenhum actor lhe serviu de norma. Seu original — elle foi buscal-o na... *barraca de feira*.

«Alli, elle aprendeu a conhecer o homem debaixo dos trajos do histrião; alli, elle foi comprehender um dos lados obscuros da individualidade humana. Depois de conhecer o homem, elle veio mostral-o em scena, aquecido pela luz enorme de seu genio creador.

«Antonio Pedro é um filho da arte. Elle não estudou nos compendios, não a compulsou nos livros. Elle nasceu artista como outros nascem Reis. Foi a natureza quem lhe deu a corôa.

«Saúda, povo, este filho dilecto do genio.— M. DE BETTENCOURT.»

—

DE PROFUNDIS

«A arte dramatica, nas enormes transformações morphologicas porque tem passado, pode modernamente ser definida na pessoa de Antonio Pedro.

«Para que comprehendessemos este vasto genio, este talento artistico de um merito inexcedivel, seria necessario que apreciassemos por mais tempo os seus trabalhos, e em dramas traçados pela concepção de um Victor Hugo.

«Mas, pelo o que vimos, podemos fazer um juizo por demais lisonjeiro d'este artista. É que o genio manifesta-se de uma maneira espontanea e altiva ainda mesmo quando se trata de objectos insignificantes e communs.

«Para estudarmos Antonio Pedro, tomamos para these o drama *O Sargento-mór de Villar*, e ahi deparamos com este artista, que, de uma maneira admiravel, dá a De Profundis o caracter original e expressivo que Garraio como dramaturgo não soube comprehender.

«De Profundis é um pobre desherdado da fortuna; é um des-

graçado que para maior cumulo de compaixão ficou com as faculdades intellectuaes obliteradas pela influencia perniciosa de uma vida ascetica.

«É o louco que tem momentos lucidos — facto este pathologico que Antonio Pedro caracterisa de um modo admiravel, deixando plenamente provado que, se as transições dramaticas não attingissem ao sublime, degenerariam forçosamente no grotesco pueril.

«Antonio Pedro torna-se soberbo em De Profundis, quando este lembra-se do assassinato de seu filho, e que parece vel-o boiar á mercê da corrente; então as côres tornam-se sombrias; já não ha consolação para o misero pae, e em movimentos convulsivos, acenos desordenados e significativos, esboça-se o sublime quadro do amor paternal, moldurado pelos horrores do crime. É então que escapa-lhe dos labios este grito consternado: *De Profundis clamavit, requiem eternum!*

«Antonio Pedro pintando estas scenas é de uma naturalidade inimitavel; olhar estupido, labios disformes, movimentos musculares involuntarios e bruscos, voz desnatural — tudo isto nos revela o estado de apathia a que se reduz o homem na vida inconsciente. Ousamos avançar que o proprio Pinel se illudiria, enviando o illustre artista para que fosse submettido ás condições hygienicas de Mr. Seguin.

«O silencio artisticamente calculado de A. Pedro e perfeitamente combinado com um cortejo de gestos expressivos, dá-lhe um verdadeiro caracter magistral, preferindo nós a mudez deste artista a qualquer eloquencia definida.

«Tal é em largos traços o papel de Antonio no drama *O Sargento-mór de Villar*.

«Se Antonio Pedro não existisse o De Profundis seria uma entidade chimerica, o proto-typo da ambiguidade.

«Cremos que para apreciar as producções geniaes de Antonio Pedro na arte dramatica, não é preciso commentarios, nem discripções porque sempre peccão pela defficiencia; basta uma d'estas interjeições — sublime! — para dar expansão ao enthusiasmo de que nos achamos possuido.— PACIFICO DA CUNHA.»

—

PETILLON

«Quem é esse typo ridiculo que invade a scena com seu vulto caricato?

«Quem esse explicador charlatão — esse zarolho da alma e do corpo, que profana o que ha de mais santo — a educação?

«Quem esse individuo baixado a uma profissão mercenaria cuja miseria faz rir? É Petillon, uma creação do theatro francez naturalisada entre nós pela vida que lhe deu na scena o genio de Antonio Pedro.

«Haviamos comprehendido o alcance do genio do artista portuguez nas suas soberbas creações do *Saltimbanco* e do De Profundis. Conheciamos a latitude do seu talento de fazer rebentar soluços no peito, e lagrimas nos olhos dos espectadores. Ignoravamos, porem, que a gargalhada nascesse tambem debaixo de seu influxo genial. Antonio Pedro em Petillon apodera-se do riso das platéas. Elle sabe vibrar as cordas da hilaridade. A musica da sua arte possue o soluçar plangente do orgão e a fanfarra estridente do clarim. É um teclado gigante em que se sobe do grave ao agudo, do sublime ao grotesco.

«Petillon é um typo ridiculo; Antonio Pedro sabe dar a esse ridiculo uma face toda natural.

«Na scena elle explica o *explicador;* seus gestos, sua voz, seu riso, seu todo pedantesco tem uma verdade enorme.

«Quem de nós não conhece um explicador como aquelle, um pedante d'aquella marca, um charlatão d'aquella tempera?

«Petillon é timido.

«Antonio Pedro soube dar áquella timidez — o realce da exactidão. Elle comprehendeu a vida do pária da sciencia, do filho espurio das academias, condemnado ao despreso social. Essa timidez, nascida da consciencia da abjecção da sua posição, foi traduzida sem uma só falta, sem um só traço — pelo distincto actor. Petillon, representado por Antonio Pedro, tem o cunho d'uma verosimilhança impossivel de ultrapassar. E Antonio Pedro, no seu papel, não se esqueceu de deixar transparecer, atravez das momices do *explicador,* alguma cousa do homem interior. A sêde pelo prazer, de que vive affastado, a cubiça pelos gosos que não pode possuir, transluz em Petillon — Antonio Pedro.

«Aquelle vulto grotesco tem um lado sublime.

«Aquelle ridiculo nasceu da pobreza.

«Petillon, porem, é um typo creado para fazer rir, todos riem ao vel-o soltar a classica phrase: — *vamos a isto, meus senhores?!* E aquillo a que se vae é o riso que nos rebenta espontaneo, mais espontaneo, pelo menos tanto, como o desenvolvimento da sensualidade no typo comico do *Bébé*.

«Antonio Pedro, em Petillon, consegue fazer convergir para o seu papel, que é secundario, toda a attenção das platéas. Façam o que fizerem os outros artistas; elle consegue apagal-os com a riqueza de seu talento. Em *Bébé*, representado pela actual companhia, um só vulto se destaca — Antonio Pedro. Todos entram na sombra, que onde fulge o genio dá-se o eclipse dos maiores talentos — ANTONIO RAIOL.»

A Pacotilha, numero unico publicado em 24 de Julho de 1881 e impresso em setim, em homenagem a Antonio Pedro:

«*Antonio Pedro* — Affastando-me do costume que ha por cá de pôr o pé sómente em logar previsto e garantido, abalo-me a dizer francamente o que penso a respeito do eminente artista portuguez, que hoje recebe d'esta provincia uma homenagem ao seu talento, talento, cuja face mais singular consiste justamente no que tem passado quasi desapercebido entre nós — a inconsciencia de ser grande.

«Effectivamente quem menos conhece Antonio Pedro é o proprio Antonio Pedro — se perguntarem-lhe quaes são os processos por elle applicados para chegar ao resultado que chegou, quaes os meios de observação, que genero de estudo e que analyses empregou para formar a sua individualidade artistica, elle não saberá responder, porque o exito de Antonio Pedro consiste justamente n'esta grande sciencia — o imprevisto.

«Antonio Pedro nunca se preparou para ser um actor dramatico, nunca estudou as leis estabelecidas nos codigos theatraes, nunca se impressionou com as obrigações estipuladas pela velha arte e é por isso que possue uma personalidade perfeitamente

accentuada e que transmitte com uma fidelidade admiravel todas as impressões recebidas da natureza externa, como todos os sentimentos originarios do coração humano.

«Elle de si não fornece mais do que o talento — a impressão chega, elle a absorve e, quando a tem de reproduzir no palco, ella já vem impregnada do seu genio, da sua individualidade, pode-se dizer — do seu estylo.

«Vem impregnada de seu genio, de sua alma, mas vem perfeita, sem lhe faltar a menor circumstancia, o menor incidentesinho.

«Por um phenomeno de observação, por um dom anatomico ou por um privilegio de impressão, elle consegue apanhar de cada modelo, justamente a linha caracteristica, a curva essencial.

«Com um gesto, com uma entonação, com uma ligeira contracção physionomica elle exprime um mundo de idéas, elle representa um caracter, elle denuncia um pensamento inteiro e completo.

«Esse dom de surprehender a natureza no seu estado feio ou bello, agradavel ou desagradavel é o que confere a Antonio Pedro as honras de artista impressionista e colloca-o no primeiro plano da arte moderna.

«Antonio Pedro não procura enfeitar seus papeis com os falsos adornos do convencionalismo, não procura dourar a desgraça, ou poetisar o crime. Não! Quando elle se propõe reproduzir um typo, fal-o como um apparelho photographico — apanha todos os relevos, todas as sombras, com uma fidelidade mechanica.

«A desgraça interpretada por elle é horrivel — o crime é repugnante — a miseria é repulsiva. No louco De Profundis Antonio Pedro provou de sobra a sua consciencia de impressionista. De Profundis possue toda a hediondez da loucura — é feio, magro, cheio de movimentos bestiaes.

«Se Antonio Pedro se tivesse preparado em qualquer escola, não faria o De Profundis com a verdade que fez. Entretanto a verdade é o objectivo da arte moderna — pintor, estatuario ou actor, o artista pode vir donde quizer, usar dos processos que entender, com tanto que apresente um resultado satisfatorio.

«A arte está na boa comprehensão do modelo e não na fórma empregada para reproduzil-o — sejam quaes forem os agentes empregados, são todos muito bons, desde que conduzam ao grande ideal — a verdade.

«D'essa fórma todo o valor das producções artisticas está no modo especial de ver e estudar a natureza e os sentimentos desencontrados do coração humano — é n'isto que consiste o caracter, a individualidade do artista moderno.

«Antonio Pedro possue essa qualidade em um grau extremamente notavel, o que o acommoda perfeitamente ás necessidades do theatro moderno.»

No Saltimbanco

—

ANTONIO PEDRO

«Eis um nome que não indica o valor do individuo.

«Na opinião da maioria, todos nós temos o direito de nos baptisarmos por José, Manoel, Francisco, João, Joaquim, etc., uma vez que sejamos tão communs como o nome que tivermos, porem, desde que por qualquer motivo nos apartemos da collecção trivial de nullidades, exige a multidão que nos chamemos Abelardo, Alvaro, Cezar, Arthur ou outro qualquer nome que não seja facil confundir com o do primeiro amigo.

«O grande artista que tem enthusiasmado o publico, que o traz apoz si attrahido pelo brilho fulgurante de seu talento, chama-se Antonio Pedro e de mais a mais de Souza.

«É extraordinario!

«Como é possivel que um homem que é Antonio, que é Pedro, que é Souza, seja o que é Antonio Pedro de Souza.

«Não ha quem não tenha notado isto e nós primeiro que ninguem, porque sempre tivemos a mania de andar a conciliar a marca com o conteúdo.

«E nunca como agora falhou-nos a expectativa.

«Antonio Pedro de Sousa é um talento robusto, consegue encarnar-se em varios papeis com uma fidelidade e perfeição admiraveis. Arrosta com os mais escabrosos escolhos das difficuldades da scena; ninguem como elle conseguiu ainda alliar o sublime á verdade e o ridiculo á commoção, que arranca lagrimas.

«Falla-só, De Profundis, Petillon e Timotheo são quatro personificações, são quatro individualidades do grande artista.

«Nenhuma d'ellas faz lembrar a outra.

«Quem o visse a fazer um só d'esses personagens não seria capaz de conhecel-o em outro, tal é o contraste, a differença, a expressão que elle sabe dar a todos os papeis que interpreta.

«D'ahi esse enthusiasmo com que por toda a parte é recebido; essas ovações que se contam pelas vezes que se tem mostrado ao publico de todos os paizes por onde tem andado.

«O Maranhão, que nunca desmentiu a merecida fama que gosa de apreciador da arte dramatica, acolheu Antonio Pedro como devia e elle merece.

«Pena temos nós que a permanencia ephemera de Antonio Pedro aqui não nos permittisse prestar-lhe a homenagem que o seu talento reclama, fazendo perpetuar na memoria de todos uma manifestação immorredoura da gratidão que lhe devemos por haver elle, o artista que avassala os reis, consentido que nós aqui nos confins da America podessemos tambem render-lhe preito ao genio, e que nos fastos de nossa historia fique gravada a data memoravel de sua passagem.»

ANTONIO PEDRO

«O que ha mais a dizer sobre o distincto artista portuguez, que se acha entre nós, e cujo beneficio hoje se festeja com enthusiasmo?

«Que é um verdadeiro talento artistico? Que a arte dramatica encontrou n'elle um cultor que a honra? Que elle é sublime, é grande, é gigantesco?

«Tudo isto está dito; os seus contemporaneos são unanimes

em proclamal-o um artista de grande merito; e quem lhe poderá contestar essa nomeada?

«O titulo de que gosa esse actor custou-lhe trabalho e sacrificio. Não se cultiva uma vocação, não se aproveita um talento, sem para isso empregar esforços. Esses esforços lhe firmam a reputação, ennobrecem-lhe o nome e dão-lhe direito a um logar elevado entre os vivos e a uma pagina na historia da humanidade.

«Não ha povo que tenha visto Antonio Pedro que não o idolatre, que não lhe renda preito, e que não aprecie as diversas phases porque se manifesta o seu talento. A imprensa é unanime em prestar-lhe homenagem!»

24 de Julho de 1881. REGINALDO.

—

«O genio manifesta-se por formas bem distinctas. A poesia teve Byron, teve Gœthe, teve Camões, teve Hugo. A musica teve Mozart, teve Verdi, teve Carlos Gomes. A pintura teve Rembrandt. A oratoria teve Cicero, teve Mirabeau. A arte dramatica teve Talma, teve Taborda, teve Salvini, teve Rossi; e teve tambem Antonio Pedro.

«Antonio Pedro é uma das mais sublimes manifestações do genio. Cada phrase que solta, cada gesto que usa é mais um louro que se vae reunir á sua já densa corôa de artista insigne.»

—

SALVE ANTONIO PEDRO!

«A fama, precursora dos acontecimentos extraordinarios, soprára pelas cem tubas uma novidade esplendida.

«O Maranhão, como que ferido de electricidade, despertára inteiro d'esse letargo normal, que constitue por assim dizer um dos seus caracteristicos.

«Um fremito de impaciencia pairava na atmosphera, communicando o seu fluido magnetico a este povo proverbialmente hospitaleiro.

«Os semblantes expansivos denunciavam a concepção de uma esperança grandiosa.

«O que esperava pois, o povo maranhense?

«— Antonio Pedro, esse genio prodigioso, cuja fama, retumbando em Portugal, vinha echoar vibrante no solo brazileiro.

«A anciedade era geral e todos á uma aguardavam cheios de impaciencia esse astro luminoso, que como outros, á semelhança dos — meteoros, de tempos a tempos, perpassam pela humanidade estupefacta.

«Chegara o momento dado.

«A voz da fama, nem sempre verdadeira, predispozera excepcionalmente a espectativa publica e todos queriam julgar por si mesmos esse novo prodigio.

«O astro illuminou-se!

«A fama não mentira!

«O publico pasmou e viu! e um brado unisono repetido por mil boccas dizia assim: — Salve Antonio Pedro!»

Julho, 24 de 1881. P. J.

—

ANTONIO PEDRO

Na noute do seu beneficio

Sim! Maldizei o effeito do poderoso imperio
das leis d'Arte sublimes que o homem promulgou:
olhae com indifferença a esse presbyterio
— a ara em que Garrik sua gloria eternisou.

Dizei que os imbecis fizeram dos Actores
modernos sacerdotes do futil e vulgar.
E o Palco ornamentaram de perfumosas flores,
como se fôra egreja, como se fôra altar!...

Que a festa d'um artista é trivial comedia
das pessimas licções psychicas do povo;
que o Palco inda escabuja nas leis da Idade-media,
e Rossi é tão sómente um hystrião mais novo!

Mas não deixae que o Tempo — a traça que consome,
destrua esse ideal do genio portuguez,
emquanto eu guardo n'alma o seu fulgente nome,
esta estação dramatica que não durára um mez!

Maranhão, 24 de Julho de 1881. AUTO PEREIRA

Diario do Maranhão, de 25 de Julho de 1881:

AO DISTINCTO ARTISTA ANTONIO PEDRO

Como a faia sem par,
Cravai ousado:
Na terra os pés,
Na immensidade a fronte.

F. VARELLA.

Vês tu? Filho do povo, como ao genio,
A turba immensa s'extasia tanto!
Vês tu? Como a natureza de assombro,
Irrompe em hymnos de festivo canto!

Vês? Teu genio é grande com'o vôo d'Aguia,
No espaço ethereo a percorrer além;
Teu genio é grande como é grande a arte,
Merece o titulo de *condor* tambem.

E tu gigante! Ergue a fronte altiva,
Em que ostentas divinal padrão;
Expande o genio — colossal trasborda,
Recebe d'arte — immortal brazão.

24 de Julho de 1881. J. V. DE MATTOS.

Jornal de Noticias, de 8 de Agosto de 1881, Bahia:

«No *Espirito Santo* veiu o actor Antonio Pedro.

«O drama escolhido para a estreia foi o *Saltimbanco.*

«Representando esse papel a que seu genio deu vida e alento, o notavel actor traz preso de seus labios, nos seus gestos, na expressão de seu semblante o espectador que enlevado o escuta: se o *Saltimbanco* ri, o espectador ri com elle, se o *Saltimbanco* pinta as dôres que lhe affligem o coração do pae extremoso, o espectador soffre tambem e chora d'aquella mesma dôr. Magico poder do talento: grandiosa elevação da arte que domina os espiritos e enleva a imaginação.

«É tão elevado o merito artistico de Antonio Pedro e já é ella por tal forma consagrado pela sancção popular, que mais não ha mister de elogios.

«E se á imprensa cumpre dar noticia de sua apresentação e, portanto, de seus triumphos, o escriptor não póde suffocar o enthusiasmo e deixa exaradas n'essas ligeiras phrases a profunda impressão de apreço que o artista inspirou.»

Diario de Noticias, de 17 de Agosto de 1881, Bahia:

«*A festa de Antonio Pedro* — Realisou-se hontem a festa artistica de Antonio Pedro — explendida, cheia de grandes manifestações de apreço, honrosa para aquelle grande talento, deante do qual não ha palavras bastantes para elogial-o.

«O theatro regorgitava de espectadores; havia a anciedade que annuncia o desejo de saudar o genio, quando elle tem de apparecer; — eram como as tribus das nossas selvas de pé, no topo das serranias, á espera do sol que se levanta na extrema do horisonte.

«Ao entrar no palco, Antonio Pedro foi alvo de uma verdadeira chuva de flôres e de applausos, que se repetiam n'um enthusiastico *crescendo.*

«Por essa occasião, o distincto artista apanhou todas as flores que lhe atiraram; deante d'esta prova de delicadeza extrema o publico levantou-se n'uma saudação unanime.

«Depois de muito applauso, continuou a representação do *Paralytico.*

«O publico nos dispensa de dizer alguma cousa mais sobre o desempenho d'essa peça dramatica, em que Antonio Pedro faz o papel principal; em que este artista apresenta um facto morbido, com todo o principal cortejo symptomatico de um envenenamento, com uma verdade e precisão capazes de enganar um medico.

«E não exaggeramos.

«Antonio Pedro possue o segredo da arte, este segredo que o estudo não annuncia, mas que vem do berço, que vem do ignoto, ainda com o calor do beijo da fada que preside ao nascimento dos grandes talentos.

«Em todos os actos foi Antonio Pedro sempre alvo de applausos e de flores. O publico applaudiu-o com phrenesi.

«De todos os cantos do theatro os bravos surgiam, acompanha-

dos de palmas. As chamadas ao proscenio succediam-se repetidamente. Dir-se-hia que o publico queria o artista ali — sempre presente — para applaudil-o, para victorial-o.

«No fim do 3.º acto, tres distinctos membros da Sociedade de Beneficencia Deseseis de Setembro fizeram uma agradabilissima surpreza a Antonio Pedro — offerecendo-lhe os retratos da esposa e do filho, os quaes, não obstante estarem distantes d'esta terra, tomaram parte na festa do grande e inspirado artista!

«O nosso amigo o sr. Augusto Motta, como interprete dos seus collegas, pronunciou as seguintes palavras:

«Ao artista que, como vós, faz da arte um sacerdocio e da familia uma religião; que por meio d'essa mesma arte conquista nobremente a subsistencia e a gloria para si e para a sua familia, a esse artista, apostolo do bello e a esse homem orgulho da esposa e do filho, o maior mimo que se pode fazer, n'um dia como este, da sua festa e da sua gloria, é o retrato, de ambos, élos da formosa cadeia que o prende á vida.

«Eis o que agora vimos fazer em nome da Real Sociedade Portugueza Deseseis de Setembro.»

«Ao terminar a entrega dos retratos, e em quanto o publico applaudia, Antonio Pedro chorava de gratidão.

«Após esta commovedora scena uma commissão do Congresso Dramatico offereceu ao artista um rico *bouquet* de flores de penna, depois do que os srs. Eduardo Portella, Eduardo Velloso e nosso collega Lellis Piedade entregaram-lhe um lindo e formosamente preparado ramalhete de cravos, cercado de fios de prata, e do qual pendiam duas largas fitas com as côres brazileira e portugueza, e com os seguintes dizeres: — Os interpretes do Gonzaga em 1881 ao actor Antonio Pedro.

«Por esta occasião o sr. Manuel Rodrigues recitou uma linda poesia, offerecida ao grande artista.

—

«No camarim de Antonio Pedro, sobre uma mesa, avultavam cartões de felicitação de todos os seus dignos collegas, um lindo paliteiro de prata, offerecido pelos seus collegas Brandão, Costa e Gil, diversas photographias de admiradores do artista, *bouquets* e grande quantidade de flores soltas.

—

«A distincta philarmonica Euterpe fez tambem uma agradavel surpreza ao distincto artista — indo tocar nos intervallos, quando menos se esperava.

«Os retratos da senhora e do filho de Antonio Pedro foram executados em menos de tres dias, pelo distincto artista Miguel Canyzares; são dois trabalhos correctos e parecidissimos com os originaes, segundo nos disse Antonio Pedro.

—

«Ao ser chamado pela 3.ª vez ao proscenio, no fim do espectaculo, Antonio Pedro recitou, cheio de commoção, as seguintes estrophes, ouvidas com religioso silencio:

Existe no peito humano
uma corda em que se afina
uma harmonia divina,
que se chama — gratidão;
ás vezes n'um peito ingrato
essa harmonia emmudece,
com o tempo des'parece,
mas n'este meu peito — não.

Diante d'um povo amigo,
mais que amigo — um povo irmão,
eu sinto no coração
essa sublime harmonia;
pois vejo vossa bondade
dando palmas, dando flores,
a quem não cabem louvores,
a quem fallece a valia.

Deixai, pois, que n'este dia,
curvado nas vossas plantas,
eu vêrta lagrimas santas,
como um protesto de amigo;
guardae-as na minha ausencia;
são como a benção do pobre,
que o vosso nome tão nobre
leva guardado comsigo.

—

«Findo o espectaculo, foi Antonio Pedro acompanhado até o hotel por grande numero de admiradores, que não se cançavam de o victoriarem durante o trajecto.

«Foi uma festa esplendida, cujas harmonias lembrarão sempre a Antonio Pedro os seus sinceros admiradores da Bahia.

«Ainda uma vez, nós atiramos um bravo, um *ave* ao grande rei da scena luso-brazileira — Antonio Pedro.»

N'esta tournée recebeu Antonio Pedro mais uma distincção honrosa que lhe foi prestada pela illustre Sociedade Congresso Dramatico da Bahia.

Eis como o *Diario de Noticias,* de 22 de Agosto de 1881 descreve este acto solemne:

«A distincta Sociedade Congresso Dramatico querendo dar mais uma prova do alto apreço e consideração em que tem o radiante talento do eminente actor Antonio Pedro, preparou-lhe, de sabbado para domingo, uma modesta, porem, lindissima festa.

«No sabbado á noite foram ao theatro os socios d'essa tão util Sociedade e ahi convidaram Antonio Pedro e seus collegas a comparecerem no dia seguinte no Congresso Dramatico.

«Ás 3 horas da tarde de hontem achava-se á porta da casa onde funcciona a Sociedade uma commissão para receber Antonio Pedro e seus dignos companheiros de trabalho.

«Ás 3 horas e um quarto chegaram os distinctos artistas, os quaes foram recebidos pela dita commissão e grande numero de socios e acompanhados até ao salão da Sociedade, que se achava elegantemente adornado.

«Ao subirem, porem, a escada que dá para a rua, uma chuva de petalas de rosas cahiu em cima dos artistas e das demais pessoas que os acompanhavam.

«Na sala de recepção achava-se já crescido numero de admiradores do enorme talento de Antonio Pedro; e na occasião em que este artista fez a sua entrada n'aquelle recinto a orchestra da Sociedade executou o hymno do Congresso que foi ouvido, conservando-se todos de pé.

«Depois que os artistas tomaram os seus logares previamente preparados, o eminente actor Antonio Pedro foi conduzido para uma das salas da Sociedade, para, em occasião opportuna, fazer a sua entrada no salão.

«Ás 4 horas, reunida a meza, abriu a sessão solemne o sr. presidente, o qual, n'um breve, porem, significativo discurso fez ver que tinha por fim aquella reunião a collocação do retrato a oleo do insigne actor Antonio Pedro no salão da Sociedade.

«Feito isto, nomeou uma commissão composta da direcção da mesma Sociedade para ir buscar o grande artista e apresental-o na sala das sessões.

«Á solemne entrada de Antonio Pedro no salão nobre a orchestra executou novamente o hymno da Sociedade; por esta occasião o sr. presidente offereceu ao distincto artista um logar á sua direita.

«Em seguida, o sr. Manuel Paes Pereira da Silva leu um discurso, no qual exaltava o genio de Antonio Pedro e as sublimes qualidades moraes que ornam tão notavel artista.

«Apenas o sr. Manuel Paes concluiu o seu discurso, o sr. presidente nomeou outra commissão para ir buscar o retrato de Antonio Pedro.

«Assim que o retrato foi collocado no logar de honra, a commissão, descerrando as cortinas, deu diversos vivas a Antonio Pedro, os quaes foram enthusiasticamente correspondidos por todas as pessoas que se achavam no salão, rompendo a orchestra, por essa occasião, o hymno brazileiro e em seguida o portuguez.

«O distincto, quanto modesto artista Antonio Pedro, altamente commovido, agradeceu á sociedade e ao publico bahiano a maneira delicada e summamente honrosa com que o tem distinguido, desde a sua chegada a esta terra.

«O sr. presidente leu em seguida a acta d'esta tão solemne sessão e offereceu a palavra a qualquer das pessoas que quizessem orar sobre o assumpto.

«O sr. Julio Pereira Mendes, representante do Club Caixeiral, proferiu um lindissimo discurso analogo ao acto.

«O sr. Manuel Rodrigues, tomando então a palavra, recitou uma formosissima poesia ao sublime actor, finda a qual foi phreneticamente applaudido.

«Sempre que se levantava um viva ou terminava um discurso a orchestra executava, ora o hymno brazileiro, ora o hymno portuguez.

«Não havendo mais quem pedisse a palavra, o sr. presidente convidou a Antonio Pedro, a sua companhia e a todas as pessoas que se achavam presentes a assignarem a acta d'aquella solemne sessão, declarando por essa occasião o mesmo sr. presidente que em nome do Congresso Dramatico concedia ao eminente actor o diploma de socio benemerito.

«Encerrada a sessão, o sr. presidente offereceu a Antonio Pedro e a seus distinctos companheiros de trabalho um copo d'agua, trocando-se muitos brindes.

«Foi nomeada uma commissão para acompanhar, até ao hotel, Antonio Pedro e seus companheiros de lide; grande numero de povo acompanhou tambem tão distinctos artistas.»

Das folhas de um album que lhe foi offerecido em 24 de Agosto de 1881:

«Considero-me pequeno para traçar o meu nome debaixo de um elogio ao teu talento.

«Por toda a parte o povo te acclama e se levanta n'um applauso unanime saudando-te com a veneração d'um crente deante do seu Deus.

«Por toda a parte fazes rir e chorar, dominas a multidão com o sceptro do teu talento.

«Tens o *Bébé* — o riso — e o *Saltimbanco* — a dôr — por degraus do throno onde te sagram artista!

«Concentras no teu craneo toda a luz da arte moderna.

«Pois bem, na hora da despedida eu concentro toda a admiração da minh'alma n'uma palavra unica — adeus oh! Artista!»

Bahia, 24 de Agosto de 1881.

LELLIS PIEDADE.

—

ANTONIO PEDRO

«Dizem que Pygmalião dava vida ao marmore, tu artista geniodás vida ao papel que representas, mais ainda, dás vida a todo um drama.

«Eu te saudo.»

A bordo do *Espirito Santo*, 24 de Agosto de 1881.

JOSÉ BONIFACIO DA CUNHA.

—

A ANTONIO PEDRO

«A tua estada na Bahia, foi para mim um sonho sublime, a tua partida um triste despertar.

«Que o prazer de abraçar tua excellente esposa e teu querido filho, não te faça esquecer o teu verdadeiro amigo e apreciador do teu radiante talento.»

Bahia, 24 de Agosto de 1881.

EDUARDO DE-VECCHI.

A ANTONIO PEDRO

Por occasião do seu beneficio no Theatro Isabel

Quem é, portento d'Arte,— o assombroso vulto,
Que á scena expande o brilho d'ignotas creações?
Quem é, que rouba á Gloria o deslumbrante culto,
E traz na voz o encanto que attrahe as multidões?

Quem é que n'este Templo agora armado em festa,
É id'lo e sacerdote,— é supedaneo e cruz?
Quem é que a stringe veste e d'oiro cinge a testa,
Ás nuvens se levanta e o incognito traduz?

Mal apparece alli,— o palco é logo um solio,
Na sala ouve-se um hymno,— inflama-se o fervor,
A Arte impõe-lhe o sceptro e sóbe ao Capitolio,
A multidão é culto,— e o sol é — resplendor!

Quem é? repete-o Elle ao intimo das almas,
Quem é? dil-o essa chamma ardente a crepitar!
Se ri, abrem-se á mente abobadas de palmas.
Se chora é tudo triste,— o rosto, o gesto, o olhar!

É luz que innunda a sala e em raios se disparte,
Em perolas transforma da gloria os ideaes!
O pensamento exalta com o dom qu'ella reparte,
O nome impõe á Historia! — É impossivel mais!

É impossivel sim, mais alto erguer a mente,
Pintar a dôr profunda — o affecto derramar,
Dos limbos do terror — colher o facho ardente,
Ser idolo e sacerdote — á luz do mesmo altar!

Bem vindo pois, ó Nume, á terra feiticeira
Que nova corôa inflora á fronte triumphal!
Bemvindo lá do Tejo,— ó ave mensageira!
Que as flôres do Brazil transpões a Portugal!

Recife, 6 de Setembro de 1881.

A COMMISSÃO.

A ANTONIO PEDRO

Pelo beneficio dado ao Gabinete Portuguez

Ó gigante do palco! Eu sou da mocidade
O derradeiro filho, o infimo levita...
Mas embora! Ao te ver da rampa á claridade
Eu quero te dizer que em mim tambem se agita
O doido turbilhão dos grandes enthusiasmos
Que tu geras, titão! perante os olhos pasmos
De todos os que têm a dita de te ver,
De toda a multidão que sente-se tremer
Em frente do teu genio electrico, possante!

Perdôa, pois, a audacia! O moço é sempre amante
Do extranho, do ideal, do bello e grandioso!
Toda vez que elle vê qu'o artista glorioso
Faz brotar, irromper das almas a faisca
Da alegria, do amor, do odio, do chorar;

Toda vez que elle vê, cobrindo-se de gozo,
Que o talento do actor é como o teu — que risca
Na alma do assistente um traço de pezar
Ou um traço de prazer; o moço corre logo
E vem lançar em scena o seu applauso em fogo,
O seu sincero «bravo» incandescente e puro!!...

É o que eu faço, gigante! Eu vejo que o futuro
Te prepara uma c'rôa immorredoura e grande,
Maior do que o triumpho havido no presente;
Eu vejo que em teu busto e em teu olhar se expande
Essa luz que só ha no genio ou no vidente;
Eu vejo que ha em ti do Meio-dia a ardencia;
Eu vejo, emfim, que dás o teu trabalho á Sciencia,
Afim de que ella possa incendiar os craneos
E possa solapar os feios subterraneos
Do Mal — co'essa alavanca eterna da Instrucção —;
....
Eu vejo tudo isso, e venho-te gritar
De toda a minha alma e todo o coração:

— Artista! És quasi um Deus, e o palco é o teu altar!

Recife, 26 de Setembro de 1881.

J. I. MARTINS JUNIOR.

Ainda n'esta excursão artistica recebeu Antonio Pedro mais uma distincta homenagem conferida pelo Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco, que lhe conferiu o diploma de socio honorario.

Voltando do Brazil para o Gymnasio, representou n'essa epocha (1882) entre outras peças já citadas, *Casamentos ricos, O dinheiro do anão, Magdalena a perfumista, Familia Benoyton, Bismarck em Varzim, Dinheiro do diabo, Processo Lerouge, O sr. Raynunculo,* e a revista *Lisboa por um oculo.*

O Correio da Noite referindo-se á recita de 27 de Março diz:

«*Theatros* — Temos ainda nos ouvidos os echos sonoros da estrepitosa ovação com que o publico do Gymnasio saudou hontem o actor Antonio Pedro. O eminente artista foi alvo de uma festa enthusiastica, como raro se faz nos nossos theatros aos mais queridos e afamados artistas. Antonio Pedro merece todas estas demonstrações, porque o seu talento é deveras extraordinario.

«Desde o velho theatro das Variedades, hoje demolido, que Antonio Pedro se patenteou uma vocação artistica excepcional, um actor de largo futuro, um d'esses artistas selectos, que só de longe em longe apparecem na scena, e que despontam nos horisontes do theatro já aureolados pelo fogo do genio. E n'este longo trajecto artistico, n'este percurso de vinte annos, em que o talento de Antonio Pedro tem fulgurado, o notavel actor tem formado uma galeria de creações notabilissimas, nas quaes a consciencia do artista rivalisa com a esplendida manifestação do seu grande talento.

«A manifestação do genio é tão evidente em Antonio Pedro que nós vimos Pessana, uma das primeiras actrizes europeas, applaudil-o phreneticamente no *Saltimbanco,* e Borghi Mamo, que não é só uma cantora notavel, mas tambem é uma actriz muito distincta, saudal-o com enthusiasmo no *Paralytico,* uma das suas melhores creações, se não a mais brilhante demonstração do seu excepcional talento.

«Antonio Pedro interpretou hontem o judeu Waldeck do drama o *Juiz*. A maneira por que elle representa este personagem é admiravel de verdade, de observação e de naturalidade, até nos mais insignificantes pormenores de tão bella creação artistica.

«Antonio Pedro foi muito victoriado e brindado e teve uma

surpreza que lhe deve ter sido muito agradavel. Entre os criados que serviam no baile do 4.º acto, appareceu Taborda. Os dois astros brilhantes do nosso theatro abraçaram-se, sem que houvesse outro choque senão o da commoção dos seus espiritos, que se transmittiu ao publico, como uma corrente electrica.»

Quinta digressão ao Brazil

Ao terminar a epocha d'este theatro tornou ao Brazil pela quinta e ultima vez percorrendo Pernambuco, Bahia, Ceará e Pará, onde, no theatro da Paz, commemorando o anniversario natalicio de S. M. El-rei D. Luiz I, deu um espectaculo, cujo producto foi enviado á excelsa Rainha Senhora D. Maria Pia para ser distribuido pelos asylos de Lisboa e Porto.

Eis o programma d'este espectaculo:

«*Hymno nacional*, por grande orchestra.

«*Hymno de el-rei D. Luiz*, cantado perante a Real Effigie, pelas damas da companhia e os artistas dramaticos.

«*Um hospede*, peça em 3 actos, na qual o distincto artista Antonio Pedro desempenhará o principal papel.

«*O rei e os pobres*, poesia escripta para este dia e recitada pelo distincto Antonio Pedro.

«*Além-mar*, enthusiastica e patriotica poesia de T. de Aquino Borges, recitada pela ex.ma sr.a D. Izabel Maria Candida.

«Em seguida a grande orchestra executará pela primeira vez a *Marcha real*, da talentosa amadora brazileira a ex.ma sr.a D. Ernestina Leite, e por ella dedicada a S. Magestade o Senhor D. Luiz I.

«Terminará o espectaculo com a *Restauração de Portugal em 1640*; grandioso quadro da conjuração.

«Bandas marciaes tocarão á entrada e nos intervallos escolhidas peças.

«O producto d'este espectaculo será remettido á excelsa rainha a Sr.ª D. Maria Pia, para Sua Magestade mandar distribuir pelos asylos de creanças desvalidas de Lisboa e Porto.»

Ainda n'aquelle theatro organisou outra recita de caridade a favor da Associação Philantropica de Emancipação de Escravos pela qual lhe foi conferido o diploma de socio benemerito.

Do honroso officio que lhe foi dirigido em resposta ao seu expontaneo offerecimento extractamos o seguinte:

«*Associação Philantropica de Emancipação de escravos, 6 de Outubro de 1882.*

Ill.mo Sr.:

«Honrados com a espontanea offerta de um beneficio no theatro da Paz em favor da Associação Philantropica de Emancipação de Escravos, sentimos inexcedivel satisfação de, respondendo á missiva de V. Sr.ª, agradecer-lhe com reconhecimento esse acto tão altamente humanitario e que põe ainda mais em relevo as eminentes qualidades que distinguem o coração de V. Sr.ª.

«Esta Associação registra tão peregrino offerecimento animada da mais justa ufania, por contar desde hoje no numero dos que com ella collaboram n'esta obra da civilisação, um nome, como é o de V. Sr.ª aureolado dos mais brilhantes prestigios da arte e da gloria.»

Deus Guarde a V. Sr.ª

Ill.mo Sr. Antonio Pedro de Sousa, distincto actor dramatico.

Presidente interino, J. H. CORDEIRO DE CASTRO; 1.º secretario, FRANCISCO PINHEIRO DE QUEIROZ; 2.º secretario, J. CHAVES DA COSTA.

Regressando ao Gymnasio foi com a companhia d'este theatro a Madrid em Maio de 1883 e ahi debutou no drama o *Saltimbanco* em que foi muito elogiado.

Fez depois o *Bébé* não agradando o seu trabalho, causando porem delirante enthusiasmo n'uma unica recita em que representou o *Paralytico* e após a qual partiu para Lisboa, apesar das muitas instancias que lhe foram feitas para ficar e repetir a peça.

Ácerca d'essa recita em que Antonio Pedro se despediu do publico de Madrid dizia o *Diario da Manhã*, de Lisboa, em 18 de Março de 1883:

«*A companhia portugueza em Madrid* — Como já dissemos chegou no domingo a Lisboa o illustre actor Antonio Pedro. No *Paralytico* alcançou este distincto artista uma das mais extraordinarias ovações de que ha memoria em Madrid.

«No 4.º e 5.º actos foi tal o enthusiasmo que as senhoras nos camarotes se pozeram em pé, applaudindo Antonio Pedro.

«O director do conservatorio, que tratou sempre Antonio Pedro com grande consideração, procurou-o no seu camarim depois da recita. Ia acompanhado de sua filha.

«A partida inesperada de Antonio Pedro foi muito sentida em Madrid, onde todos queriam assistir a uma segunda representação do *Paralytico*.

De Madrid mandaram pedir ao illustre artista apontamentos, afim de lhe publicarem ali a biographia.

«Alegramo-nos immenso com a ovação que teve em Madrid o illustre creador do Jeronymo Peiras, do Vaucoutroix, do *Saltimbanco*, e de tantas outras obras primas de talento theatral.»

Logo que chegou a Lisboa, uma grande commissão de collegas e amigos foi convidal-o a tomar parte n'uma recita extraordinaria que se realisou no Theatro do Principe Real em 18 de Maio de 1883 com o drama *Ladrões de Lisboa*.

O que foi essa inolvidavel noute de festa descreve-o bem no artigo que transcrevemos a *Folha do Povo,* de 20 de Maio de 1883:

«*O actor Antonio Pedro* — Estivemos hontem no theatro do Principe Real. Levou-nos lá a curiosidade e a estima sincera e verdadeira que temos por Antonio Pedro. . .

«Effectivamente, a reapparição d'este grande vulto da scena portugueza, foi uma das festas mais brilhantes, uma das ovações mais enthusiasticas a que temos assistido.

«O theatro estava exteriormente embandeirado e illuminado.

«Uma commissão de amigos do notavel artista mandára adornar o salão de entrada de verdura e flôres e onde se viam os retratos de Antonio Pedro, de Sousa Bastos, auctor do drama *Os Ladrões de Lisboa,* que se representava; de Francisco Ruas, emprezario; de José Carlos dos Santos, de quem Antonio Pedro é um dos mais distinctos discipulos e de Brandão actual ensaiador d'este theatro, que não teve a felicidade de assistir á festa do seu collega por se encontrar de cama com uma pneumonia.

No Saltimbanco

«Ao começar o espectaculo não havia enchente, mas pouco a pouco foi affluindo o publico de fórma que em meio do espectaculo a sala estava completamente cheia.

«Ao abrir o primeiro acto dos *Ladrões de Lisboa* já costuma

estar em scena Roberto, o personagem que Antonio Pedro interpreta com tão elevada naturalidade; hontem não succedeu assim; porém, o publico que não esperava esta falta, á maneira que o panno ia subindo foi prerompendo em uma prolongada salva de palmas que já não cessou sem que Antonio Pedro apparecesse, e então apenas chegou ao proscenio, o publico de pé victoriou-o calorosamente durante mais de vinte minutos dando vivas a Antonio Pedro, ao principe da scena, etc., entre uma chuva de flôres e ouro, que atapetou o palco. O enthusiasmo era indiscriptivel e chegou por vezes a tomar as proporções de delirio.

«Não costumamos florear estas noticias e portanto, o que tentamos descrever é nada comparado com a recepção que Antonio Pedro teve ante-hontem no Principe Real.

«O 1.º acto concluiu, como era de suppôr, entre bravos estrepitosos de todos os lados da sala, recebendo Antonio Pedro muitos bouquets, pombos e açafates com flôres.

«Foi no final d'este acto que o actor Henrique recitou uma poesia do sr. João Guilherme Pereira da Silva na qual se alludia delicada e finamente á ida de Antonio Pedro a Madrid e á *injustiça* com que o receberam, posta em parallelo com o enthusiasmo com que os seus amigos, os filhos da mesma patria, lhe abriam os braços para o receber de novo, procurando com esta manifestação suavisar os passados dissabores que Antonio Pedro ha pouco tinha soffrido.

«A poesia acabou entre applausos geraes sendo mandada repetir e Antonio Pedro novamente chamado ao proscenio.

«A ovação continuou cada vez mais ardente, e no final do 3.º acto fizeram-se doze chamadas a Antonio Pedro, em uma das quaes este artista recebeu uma magnifica corôa de louro com bagas e palmas de ouro, e com a seguinte dedicatoria: Ao actor Antonio Pedro de Sousa, os seus amigos.

«Distribuiram-se então outras poesias, uma das quaes assignada pelo sr. Julio de Mascarenhas:

A ANTONIO PEDRO

Na noite da sua reapparição

Eil o de novo em scena, o vulto grandioso,
Artista sublimado em tantas creações;
Resoam pelo espaço unisonas ovações
E cobre-se de laureis seu nome glorioso.

Acceita, nosso amigo, o applauso ruidoso
Que brota alegremente em nossos corações;
Saudemos o Roberto, o typo dos «ladrões»,
Trabalho que revella um genio luminoso.

A festa é deslumbrante, a noute é de gloria,
Decerto ficará gravada na memoria
Dos amigos leaes, de nós, que o estimamos.

N'um bom deslumbramento, enorme, radiante,
Como a aurora, o sol, e tudo o que é vibrante,
A ti, Antonio Pedro, um bravo aqui soltamos!

«A companhia e o emprezario foram n'este acto chamados ao proscenio e victoriados.

«Quando acabou o 4.º acto, os collegas de Antonio Pedro, a empreza e demais empregados, rodeiaram-o em scena trazendo-lhe ramos e açafates com flôres, que primeiro lhe depozeram aos pés e depois levantaram e offereceram.

«Antonio Pedro, no auge da commoção, chorava como uma criança.

«O actor Camillo saudou então o publico lisbonense e o seu collega, que disse ser o symbolo da honestidade e da honradez.

«Da platéa e dos camarotes correspondia-se aos vivas, agitando-se os lenços e os chapéos.

«No quadro seguinte, a uma das chamadas, Antonio Pedro trouxe um açafate com flôres desfolhadas que depois de beijar e orvalhar com as lagrimas do seu reconhecimento atirou para a platéa e para as frizas.

«O drama terminou como começára. Vivas, bravos, flôres, companhia, emprezario, todos no palco recebendo as saudações do publico, frisante manifestação á boa e leal camaradagem dos artistas do Principe Real.

«A romaria ao palco a felicitar Antonio Pedro, era numerosa. Para se chegar junto a elle era preciso esperar muito tempo.

«A empreza chegou a prohibir a entrada quando se organisava a marcha *aux flambeaux* para o acompanhar a casa.

«Mais de mil pessoas entre as quaes se viam os artistas, adere-

cistas e carpinteiros de movimento formavam o cortejo, phantasticamente illuminado pela luz vermelha de mais de cem archotes e muitos e vistosos balões de côres.

«Na frente ia a academia phylarmonica Recreio Artistico, de que Antonio Pedro é socio honorario, e que durante os intervallos tocou variadas peças do seu reportorio no salão do theatro.

«No transito até á travessa das Salgadeiras, onde é a morada do grande actor, deram-se vivas repetidos e que mais de uma vez foram correspondidos.

«Da janella de sua casa, Antonio Pedro agradeceu commovido a ruidosa manifestação de que fôra alvo, atirando flôres sobre aquelles que acabavam de gravar na historia da sua gloriosa carreira artistica mais uma data brilhante destinada a viver eternamente nos fastos do theatro portuguez.»

Agradecimento feito por Antonio Pedro nos jornaes:

«*Sr. redactor* — Permitta-me v. que eu agradeça, por intermedio do seu acreditadissimo jornal, profundamente penhorado e reconhecido á imprensa toda, ao publico de Lisboa e muito particularmente aos meus collegas e amigos pessoaes, as ruidosas manifestações de amisade e sympathia que sempre me tem prodigalisado, mas muito especialmente agora, por occasião do meu reapparecimento em scena, no theatro do Principe Real, na noite de 18 de maio do corrente. Eu, que valho tão pouco, faltaria ao mais sagrado de todos os deveres, se deixasse de vir publicamente, e por esta fórma, confessar eterna e perduravel gratidão para com todos que tanto me obsequiaram. Acceitem, pois, o mais intimo aperto de mão d'este que jámais se poderá esquecer da noite mais grata e memoravel de toda a sua vida.»

Lisboa, 19 de Maio de 1883.

Ainda no Principe Real representou Antonio Pedro a comedia *Roupa branca* e o drama *Quebra queixos*

peça que foi primorosamente ensaiada por José Carlos dos Santos já depois de cego e muito doente.

Em 14 de Junho de 1883 foi inaugurar o Theatro de Vizeu representando alli o *Paralytico, Saltimbanco* e *Bébé* sendo ruidosamente victoriado.

Viriato, de Vizeu:

«*Theatro* — Tivemos no sabbado a enredada comedia em tres actos *O Bébé.*

«Antonio Pedro fez, como em todos os papeis de que se incumbe, uma esplendida creação no perceptor.

«No domingo *Saltimbanco*, escripto na phrase correcta de A. Ennes.

«O drama é já conhecido da nossa plateia; mas o que ella ainda não tinha visto era a maneira como se sobe ao mais elevado grau na arte de representar — Antonio Pedro tem momentos em que parece illuminado pela scentelha divina para brotar dos labios aquellas palavras cheias do sentimento que innunda o coração de pae e para exprimir pelo jogo physionomico o que os labios não podem dizer.

«É por isso que elle é considerado, no genero altamente dramatico, como o primeiro actor da scena portugueza.»

Districto de Vizeu:

«Ver Antonio Pedro no *Bébé* e vel-o em seguida no *Saltimbanco* ou no *Sargento-mór de Villar* commove por fórma tão estranha que difficilmente se comprehenderá como a arte pode attingir tamanho grau de desenvolvimento!

«Ha uma phrase simples, concisa e justa, que as plateias proferem ao ver despontar do fundo da scena o vulto de Antonio Pedro. Esta phrase, balbuciada n'um recolhimento tremulo de admiração, é — *eil-o!*

«*Eil-o* é a apotheose, a immensa consagração publica do eximio artista.

«*Eil-o* significa que o homem que ali está diante de nós não pode confundir-se com outro.

«*Eil-o* é a contracção com que se designam aquelles que, sobrepondo-se ao vulgar, tocam o descommunal e o prodigioso.»

Convidado então para societario do Theatro de D. Maria II, para lá entrou debutando em 5 de Novembro de 1883, na comedia *Vida em familia* e n'este theatro permaneceu até 1887, representando mais nas seguintes peças: *Peccados velhos, Um romance parisiense, O deputado Fuão, Aspasia, A chilena, Radiante, Dionisia, Córa, Clara Soleil, Duque de Vizeu, Contas e bordão, Portuguezes de 1640, Martyr, Hamlet, Um parisiense.*

Sobre o que a Imprensa disse de cada um d'esses desempenhos, apenas podemos colher o que segue.

O Antonio Maria, de 9 de Outubro de 1884:

«*Theatro de D. Maria, festa artistica de Antonio Pedro* — Queriamos registrar-lhe aqui a data da sua festa, mas registrar-lh'a em verso ameno, que não em prosa rude.

«Logo, porém, aos primeiros acordes da nossa lyra, a musa esbarrondou com as terriveis palavras de *Pedro, recita* e *sabbado*, para as quaes não encontrámos rima em portuguez, nem mesmo folheando o diccionario do sr. Castilho, desde a consoante em *a* até á que termina em *uso!*

«N'estes termos, vemo-nos forçados a fallar da festa do eminente artista em prosa vil, reservando o verso para o anno que vem — se Antonio Pedro chrismar o sobrenome e escolher outro dia que não seja um sabbado.

«A execução da peça *Um romance parisiense* foi um novo triumpho para os artistas de D. Maria.

«A morte de Antonio Pedro é magistralmente executada e até custa a crer como morre tão perfeitamente um artista que reputavamos — e continuamos a reputar — *immortal!*»

O Mundo Litterario, de 2 de Março de 1884:

«*D. Maria* — Está actualmente em scena n'esta casa de espectaculos uma primorosa comedia imitação do hespanhol *O deputado Fuão* em que Antonio Pedro em tres actos consecutivos tem o auditorio em constante hilaridade; mostrando ainda mais uma vez o seu pujante talento.»

Novidades, de 25 de Abril de 1885:

«*D. Maria: A Denise* — Antonio Pedro ataca com paixão a scena final do 3.º acto, onde revela as suas bellas qualidades de artista dramatico. É pena que esta scena seja prejudicada pela precedente, não pelo valor do trabalho, mas pelo seu effeito dramatico. Antonio Pedro, entretanto, vence com habilidade e arrojo aquella passagem, de certo a mais difficil de todo o drama. Tambem é notavel a contra-scena na sahida da scena antecedente, e ainda toda a scena primeira do 4.º acto.»

Revista Theatral, de 12 de Fevereiro de 1885:

«*A Radiante* — Antonio Pedro e Joaquim d'Almeida assombrosos! Inexcediveis em typo, desempenho e firmeza de caracter. Antonio Pedro entretanto não quiz deixar esquecer por um momento apenas que era tambem um bom mestre de declamação e disse a sua longa tirada do 2.º acto com graça, talento, animação e... zás, traz, muito bem emfim.»

Commercio de Portugal, de 17 de Dezembro de 1885:

«*Theatro de D. Maria: — A Martyr* — Antonio Pedro, no papel de consul inglez, é simplesmente inexcedivel. Como elle conserva até ao fim sem deixar descambar no ridiculo a sua parte e como elle no comico faz rebentar lagrimas, é um verdadeiro cumulo de habilidade e de talento.»

Novidades, de 2 de Janeiro de 1886:

«A *Clara Soleil* agradou muito no theatro de D. Maria II.

«Antonio Pedro fez uma creação graciosissima. Póde discutir-se, se seria aquella a melhor individualidade para caracterisar o seu papel; mas não vale a pena fazel-o, porque o seu temperamento artistico coloriu com talento e a contento do publico o personagem comico, de que se encarregou.»

O grande actor Coquelin que assistiu a uma recita do *Hamlet* foi especialmente ao camarim de Antonio Pedro felicital-o pela interpretação do papel de 1.º coveiro, dirigindo-lhe os mais brilhantes elogios.

No album do actor Santos, publicado em 1885 a pagina 31 lê-se:

«Ha hoje no theatro de D. Maria um actor que pela minha experiencia me parece que anda erradamente: é Antonio Pedro.

«Sei que lhe posso dizer o que sinto, porque tem talento e no seu intimo hade conhecer que não é para o censurar mas sim para agradecer o que lhe vou dizer.

«Antonio Pedro, parece que não quer trabalhar; quem no seu reportorio conta creações esplendidas, não deve apresentar-se em

publico em scenas comicas sem importancia, nem acceitar papeis que não sejam dignos de si.

«O publico assim como eleva o idolo tambem o despedaça; n'uma noite pode-se perder o que em annos tanto custou a ganhar.

«N'esta arte não se deve retrográdar, é ir para a frente até haver forças, ou retirar a tempo.

«Tenho ultimamente ouvido dizer que a Antonio Pedro lhe falta o seu publico, que não é aquelle o seu theatro; não concordo, ainda que sei de dois actores francezes, dois grandes artistas, cada um no seu genero, que confessam elles mesmos não saber representar senão deante do publico do seu theatro, que só alli estão bem; são os actores Dupuis, das Variedades e Saint-Germain, o enfant-gâté das plateias do Gymnasio.

«Dupuis diz que n'outro palco é capaz de fazer chorar os mesmos que com elle estão habituados a rir.

«Saint-Germain diz que precisa do conchego do seu theatro do Gymnasio e estar bem em contacto com os habitués para não ser obrigado a forçar a voz; mas estes dois artistas nunca fizeram o *Saltimbanco*, nem os *Solteirões*, nem o *Paralytico*, e Antonio Pedro não precisou de theatro nem de publico especial para ser applaudido e acclamado.

«Repito: quem firmou com o seu nome creações d'esta ordem de que todos se recordam, não se deve eximir a estudar outros papeis; pode ainda juntar ao seu reportorio o *Avarento*, de Molière; o Shylock, de Shakspeare; o Triboulet, do *Roi s'amuse;* o Froilão Diaz, do *Alfageme;* e depois me dirá se sou amigo e se o conselho foi mau.»

Em 1885 provenientes d'uma lesão cardiaca de que vinha soffrendo, começaram a aggravar-se umas asphyxias horrorosas que o deixavam prostradissimo.

No entanto, apesar de muito doente, Antonio Pedro não quiz deixar de prestar a devida homenagem áquelle que fôra seu mestre e bom amigo, o grande Santos,—

então quasi agonisante — tomando parte na ultima *matinée* realisada em beneficio d'este, a 30 de Janeiro de 1886 no Real Theatro de S. Carlos.

O que foi essa festa, a todos os titulos memoravel, descreve-o bem as *Novidades* de 31 de Janeiro d'aquelle anno n'um pequeno artigo que transcrevemos:

«A matinée, que hoje se realisou no theatro de S. Carlos, em beneficio do desventurado actor Santos, foi extraordinariamente concorrida.

«O aspecto do theatro era deslumbrante. Nos camarotes achavam-se as senhoras da nossa primeira sociedade, em *toilettes* de passeio.

«Pela platéa viam-se todos os *habitués* d'aquelle theatro.

«A festa de hoje, no theatro de S. Carlos, prova mais uma vez que nunca se appella debalde para o coração dos portuguezes, quando se trata de proteger as artes, e de consolar, como hoje, um grande infortunio.

«A caridosa idéa de proteger o infeliz artista, em lucta com uma grave doença, e cujo nome glorioso ha de sempre brilhar nos fastos do theatro nacional, calou em todos os animos! Não houve ninguem que se negasse a assistir á festa de hoje, que era não só uma digna recompensa, mas, porventura, a derradeira homenagem prestada unanimemente ao talento privilegiado do insigne artista.

«Os seus collegas portuguezes e estrangeiros prestaram-se com a maior sollicitude e carinho a abrilhantar e enriquecer aquella festa. E se n'aquelles havia maior estimulo pelo conhecimento das raras qualidades do artista moribundo e pela gratidão a favores e lições, que quasi todos lhe deviam, n'estes havia a confraternidade da arte e os impulsos generosos do coração de artistas.

«Todos esses foram saudados pelo publico com acclamações ruidosas. Alguns numeros, como os encantadores *duettinos*, cantados por Masini e Cotogni, e por este e Schalchi, foram *bisados*.

«Virginia e Antonio Pedro, os discipulos dilectos do desditoso artista, recitaram, cheios da maior commoção, duas excellentes poesias, escriptas pelos srs. Lopes de Mendonça e Hygino da Costa, que foram muito applaudidas.

«A poesia recitada pelo actor Antonio Pedro é esta:

ESTRELLA QUE SE APAGA!

A José Carlos dos Santos, a pedido de Antonio Pedro

Do teu brilho scintillante
Nada fulge, nada resta!
Do teu curso tão brilhante,
Eis, *Estrella* deslumbrante,
Talvez, a ultima festa!

Não fujas do firmamento!...
Teu disco é *Sol* fecundo!...
Se não illumina o mundo,
Nos fructos do seu alento
Rastro deixa, e bem profundo!

Quizera... por todos digo,
Ver-te, ouvir-te, admirar-te!
Não fujas, ó *Mestre* amigo,
Fugindo levas comtigo
Segredos da minha arte!

Vem, ó *Astro* refulgente,
Vem ao templo dos cantores,
Mostrar a c'rôa virente,
E que outr'ora tanta gente
Entreteceu de mil flôres.

Vem, *Estrella* adormecida,
Volve á luz do pensamento!
Pára... escuta... um só momento...
Se luz não ha p'ra tua vida,
Dá-nos luz do teu talento!

Alguns dias depois o inolvidavel artista José Carlos dos Santos fallecia, baixando á sepultura no meio das mais justas manifestações de apreço. Entre ellas eis a

que Antonio Pedro escolheu, contada pela *Crença Liberal,* de 14 de Fevereiro de 1886:

«Diversas corôas foram collocadas sobre o caixão, offerecidas pela familia do finado, por differentes emprezas theatraes, tendo Antonio Pedro a delicadissima lembrança de collocar aquella que lhe fôra dada quando representou o *Paralytico*, peça ensaiada por José Carlos dos Santos, e a qual é uma das glorias d'aquelle talentoso actor.»

Como a este tempo, a doença continuasse a desenvolver-se a ponto das mais distinctas summidades medicas declararem que seria perigoso para Antonio Pedro continuar a trabalhar, foi então solicitada em Côrtes pelo illustre deputado sr. Urbano de Castro, a sua reforma, que a imprensa acolheu de bom grado e defendeu calorosamente.

Eis um d'esses muitos artigos que extractamos de *O Dez de Março* de 3 de Abril de 1886:

«*Antonio Pedro* — Toda a imprensa do paiz, sem distincção de côres politicas, acolheu com palavras de applauso e louvor o projecto de lei propondo a reforma de Antonio Pedro como actor de primeira classe.

«É que Antonio Pedro, uma das nossas mais brilhantes e mais indiscutiveis glorias artisticas, está doente, está quasi impossibilitado de trabalhar e está pobre. E não seria de modo algum justo nem digno que aquelle prodigioso e notabilissimo artista que tantas vezes converteu os lucilantissimos lampejos do seu enorme talento em luminoso sol de desgraçados, em suave conforto de infelizes, tomando parte em todas as festas de caridade, em todos os actos de philantropia, a que o seu nome podia dar mais lustre e attrahir mais concorrencia, não era justo, repetimos, que agora, cançado, doente, quasi invalido para o trabalho o atirassemos com despreso para um asylo de mendicidade.

«Nós somos em these contrarios á lei das reformas; mas isso

não impede que exijamos que a lei se cumpra emquanto existe e se conceda a Antonio Pedro o que até aqui se tem concedido a outros seus collegas com bem menos jus do que elle á gratidão e ao reconhecimento publico.

«Somos por Antonio Pedro, somos pelo grande artista a quem consideramos mais que um concidadão, mais que um amigo, mais que um membro da nossa familia, mais que um parente, um irmão, porque os vultos gloriosos da estatura de Antonio Pedro, não pertencem só a uma familia, só a uma terra: pertencem a toda a gente, pertencem á nação inteira; são glorias que nos cumpre honrar e respeitar.

«As côrtes não devem fechar sem terem votado este acto de justiça que é ao mesmo tempo um preito nacional rendido ao formoso talento do grande actor.»

Tendo as Côrtes fechado inesperadamente, a reforma do artista não poude ser votada n'este anno.

Aproveitando-se Antonio Pedro d'um periodo de socego que a doença lhe deixara foi, a 7 de Maio de 1886, representar n'um beneficio a favor da Creche de S. Vicente de Paula sendo-lhe n'essa noute conferido o honroso diploma de Socio Protector Honorario.

Foi tambem no mesmo anno e a convite da Direcção do Gymnasio Club do Porto tomar obsequiosamente parte n'um sarau realisado em beneficio do mesmo Club e onde recitou os monologos *Emquanto o panno não sóbe* e *Quem perdeu o que eu achei.*

Aberto o Parlamento em 1887, o mesmo illustre deputado secundado pelo eminente orador sr. Antonio Candido, tornou a apresentar o pedido de reforma como nol-o relata o *Correio da Manhã*, de 14 de Maio d'aquelle anno:

«O sr. Urbano de Castro renovou a iniciativa do projecto de lei por elle apresentado o anno passado, para que seja concedida a reforma ao actor Antonio Pedro.

«Notou que a sua proposta estava assignada pelo sr. dr. Antonio Candido, accrescentando que no parecer da commissão de fazenda, favoravel ao projecto, se lia a assignatura de um outro illustre deputado da maioria, o sr. Carlos Lobo d'Avila.

«O projecto da reforma de Antonio Pedro é de todo o ponto justo, e estamos certos que a Camara o converterá em lei.»

Como Antonio Pedro se conservasse ainda, a este tempo, em societario do Theatro D. Maria II alli realisou na noute de 4 de Junho de 1887, o seu penultimo beneficio, em recita extraordinaria, na qual tomaram parte os mais distinctos actores de todos os theatros de Lisboa.

Dois mezes depois, isto é, a 9 de Agosto do mesmo anno, era finalmente votada por unanimidade a reforma pela Camara Alta, convertendo-se em Lei pela Carta de 25 de Agosto de 1887 publicada no *Diario do Governo* de 31 do mesmo mez.

O honroso projecto de lei apresentado em Côrtes era do theor seguinte:

«Senhores — Como é geralmente sabido, o actor Antonio Pedro de Sousa lucta de ha muito com uma cruel doença de caracter chronico. Essa doença, attestada, como vereis, por quatro illustres facultativos, apresenta, na opinião dos homens da scien-

cia, o caracter de incuravel, obrigando o doente, são as palavras do dr. José Eduardo Fragoso Tavares, medico do real hospital de S. José, á privação de todo o trabalho violento e aturado, e frequentes vezes mesmo impedindo-o até de se levantar da cama.

«Pelo decreto de 4 de Outubro de 1860 estatuia-se que os actores do extincto theatro normal, impossibilitados para o exercicio da arte scenica, teriam direito á reforma, quando pelos seus merecimentos e serviços distinctos houvessem obtido uma qualificação honrosa, graduada pelas classes estabelecidas.

«Extincto o theatro normal, foi aquelle decreto substituido pelo de 7 de Maio de 1878, que, mantendo o principio indicado, tornou extensivo o decreto ou o premio da reforma a todos os actores que tivessem prestado serviço em qualquer theatro nacional, embora não administrados pelo estado.

«Claro está que não quero, citando este decreto, fazer acreditar que as suas disposições sejam exactamente applicaveis ao actor Antonio Pedro.

«Se assim fosse, bastava que se cumprisse a lei, para que lhe fosse concedida a reforma.

«Citei-os, porém, para pôr em evidencia o principio n'elles consignado de que todo o actor notavel pelos altos merecimentos e relevantes serviços, ao encontrar-se impossibilitado de continuar no exercicio da sua arte, teria direito a reformar-se.

«O principio parece-me de todo o ponto justo, como justo se me afigura que o appliqueis ao actor Antonio Pedro de Sousa.

«Tenho por absolutamente desnecessario traçar aqui o elogio do grande artista; as repetidas ovações de dois publicos, o publico de Portugal e o do Brazil, os artigos vehementes de enthusiasmo da nossa imprensa e da brazileira, consagrando-lhe os successivos triumphos na scena, dispensar-me-iam de lhe encarecer e exaltar os meritos, se todos vós de ha muito, intelligentes e illustrados como sois, os não conhecesseis e apreciasseis.

«O nome de Antonio Pedro de Sousa é inquestionavelmente uma das maiores glorias do theatro portuguez contemporaneo.

«Portanto, ácerca dos seus merecimentos nem mais palavra. Insistir em os demonstrar seria injuria para todos nós.

«Quanto aos serviços por elle prestados, não fallando dos que

presta todo o artista de notavel talento á arte que cultiva e ao paiz a que pertence, dir-vos-hei que tanto em Portugal como no Brazil se podem considerar sem conto as festas de caridade a que concorreu, já por convite, a que nunca se recusou, já por elle mesmo organisadas, obedecendo sempre ao desejo de minorar uma desgraça, de alliviar uma miséria, de dar lenitivo a uma dôr, de fazer renascer a esperança em corações de onde ella de ha muito desapparecera.

«Junto ao requerimento em que Antonio Pedro de Sousa solicita a sua reforma encontram-se os mais honrosos documentos que podem ser conferidos a um artista que nas suas horas de boa e prospera fortuna nunca se esqueceu d'aquelles para quem ella era má e adversa. Um grande e brilhante talento ao serviço de um nobre e generoso coração.

«Falta-nos fallar apenas da condição indispensavel a qualquer individuo para que possa gosar dos beneficios de uma reforma, do seu estado physico. Mas d'este, como já vos disse, fallam-vos com a auctoridade que lhes vem dos seus diplomas scientificos quatro distinctos medicos, cuja honradez e integridade de caracter é de todos conhecida e respeitada.

«Parece-me portanto satisfazer o actor Antonio Pedro de Sousa a todas as condições para que lhe seja applicada a doutrina, ou o principio, que os decretos de 1860 e 1878 estabeleceram para a reforma dos artistas dramaticos.

«Não ignoro que não são favoraveis actualmente, como de ha muito, as circumstancias do thesouro.

«Se, porém, me concedeis licença, notar-vos-hei em primeiro logar, que não se trata por fórma alguma de uma lei nova, que possa aproveitar de futuro seja a quem fôr, sobrecarregando por esta fórma a despeza do estado. Peço-vos apenas uma excepção que se me afigura de todo o ponto justa e equitativa: uma excepção que bom seria podesse servir de confirmação á regra, de não se reformar quem quer que fosse, senão nos rigorosos termos prescriptos pela lei.

«Notarei mais em segundo logar que da reforma de Antonio Pedro não resulta em verdade o augmento de nenhuma verba no orçamento. Simplesmente se conserva a que era destinada ao actor José Carlos dos Santos, ultimamente fallecido.

«Creio que este facto não deixará de contribuir, depois do mais que venho de expor-vos, para que deis a vossa approvação ao projecto de lei que tenho a honra de apresentar-vos.

PROJECTO DE LEI

«Artigo 1.º É o governo auctorisado a reformar o actor Antonio Pedro de Sousa, applicando-lhe em tudo as disposições do decreto de 7 de Maio de 1878.

«Art. 2.º O vencimento, a contar da data em que fôr concedida a referida reforma, será de actor de 1.ª classe, conforme o decreto de 4 de Outubro de 1860.

«Art. 3.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

«Sala da camara dos senhores deputados, 26 de Março de 1886. — FERNANDO A. G. CALDEIRA, R. A. PEQUITO, A. DA CUNHA BELLEM, URBANO DE CASTRO, ANTONIO CANDIDO.»

Esta resolução, enthusiasticamente applaudida pela imprensa portugueza, e por todos os seus amigos, determinou, por parte do artista o seguinte agradecimento publicado em todos os jornaes:

«*Sr. redactor* — Peço a v. que me dispense ainda o favor de publicar no seu muito lido e conceituado jornal o seguinte

AGRADECIMENTO

«Quando acabo de receber do governo de S. M. a graça da minha aposentação, depois de tantos annos de fadiga, aliaz gloriosa pelo favor do publico; quando as forças me faltavam já para a continuação da carreira que amei tanto, quando acabei de ver quantos amigos tenho a felicidade de possuir, é dever sagrado, imperioso agradecer a todos que coadjuvaram o meu empenho.

«Aos meus queridos amigos da imprensa, sempre benevolos durante a minha lide na scena, e advogados incansaveis de uma causa que o governo acaba de julgar justa, a todos emfim, o reconhecimento d'um artista invalido, que acaba de receber o descanço da sua velhice.

«Se os bravos e as palmas que me animaram como artista pudessem echoar agora como prova do meu reconhecimento, dar-

lh'os-hia todos, todos. Baste-lhes, porem, meus amigos, que os dotes da vossa Immensa generosidade tenham agasalho eterno no coração do artista.— ANTONIO PEDRO.»

Por essa occasião *O Reporter dos Theatros* publicava em lettras douradas o artigo seguinte:

ANTONIO PEDRO

«Ha nomes predestinados para a gloria.

«Ha artistas de que é impossivel traçar-lhes a biographia, pelos seus meritos incontestaveis.

«Está n'este caso Antonio Pedro, o grande actor portuguez.

«Descrever passo a passo a vida cheia de victorias e coberta de corôas do primeiro vulto da scena portugueza, seria trabalho superior ás nossas debeis forças e o que ainda é mais, esse trabalho seria esteril pois que a vida de Antonio Pedro é de todos, porque todos a conhecem e admiram.

«Contar as minuciosidades d'essa alma d'artista dotada da comprehensão do bello como nenhuma outra, descriminar as suas eminentes qualidades de artista dramatico ou de artista comico, pôr em realce o seu talento prodigioso e o seu caracter tão nobre como philantropico, é desnecessario porque, felizmente em Portugal, ninguem que sinta um poucochinho de amor pela sublime arte dos Talmas, desconhece o que vale o artista e ninguem que tenha carecido ou do seu obolo ou do seu auxilio como actor, desconhece o que vale o homem.

«Artistas como elle, que honram uma nacionalidade e ennobrecem a arte de que são expontaneos apostolos, raras vezes apparecem e os seus nomes ficam para sempre ligados á historia do seu paiz.

«Antonio Pedro tem o raro condão de ser unico no seu genero. Tão depressa o vemos representando a tragedia e o drama em que é inimitavel, como de prompto temos de o applaudir n'uma scena comica que elle diz como só elle sabe.

«Os personagens de que se encarrega são apresentados ao publico com um escrupulo de observação e com uma tal realidade, que todos pasmam do primor do seu talento unico e privilegiado.

«Não ha muito ainda n'um papel insignificante, n'uma *rabula* como se diz em linguagem de theatro, que esse caso se deu. Representava-se no theatro de D. Maria, e em beneficio de um dos nossos primeiros actores Eduardo Brazão, o *Hamlet* essa formosa e immortal tragedia do tambem immortal Shakspeare e todos os espectadores que mais ou menos conheciam a peça, se admiravam de que Antonio Pedro se tivesse encarregado do *coveiro* uma *rabula*.

«O publico esperava ancioso o seu artista predilecto lamentando ter de o applaudir em trabalho de tão pouca valia; porem o resultado excedeu a espectativa.

«O artista revestiu o insignificante personagem de tantos detalhes e apresentou-o de uma fórma tão real e verdadeira que os espectadores enthusiasmados fizeram-lhe uma ovação das mais brilhantes que se tem visto em theatro portuguez.

«Este facto é por demais conhecido mas buscamol-o para mais evidenciar a veracidade das nossas palavras.

«Presentemente pelo seu estado de saude, Antonio Pedro está reformado e raras vezes apparece em scena; todavia ainda n'essas raras vezes se revela a magnanimidade do seu bondoso coração pois que só representa por obsequio e em beneficios de caridade.

«São d'isso testemunhas, os innumeros infelizes que elle tem acolhido com a sua proverbial e nunca desmentida bondade e que encontram sempre n'elle, o amigo e o bemfeitor.»

«Apresentando hoje o retrato de tão distincto artista tivemos em mira, prestar-lhe a nossa humilde homenagem, cumprir um dever e tornar imperecivel o grandioso nome de Antonio Pedro.»

1888. JAYME BRITO.

BONINAS

A Antonio Pedro

O palco para ti, artista divinal,
Tem só flores e luz a dar-te como preito!
E o publico que te ouve, immerso de respeito,
O teu nome gravou, tornando-o immortal!

ALFREDO DE MENEZES.

Em 2 de Setembro de 1888 os distinctos amadores da Sociedade Taborda effectuaram uma festa em honra de Antonio Pedro e na qual foi recitada a seguinte poesia:

AO EMINENTE ARTISTA O EX.mo SR. ANTONIO PEDRO

Dedica a commissão promotora esta festa

Duas palavras só: Um nome altisonante
deixae que eu faça ouvir: O nome d'um gigante
que a scena atravessou, marcando em nossos dias
um curso triumphal, por entre as alegrias
d'um povo a festejal-o, em bravos, delirante!
Deixae me repetir o nome do gigante,
que posto ao pé de nós seria como o cedro
por sobre a planta humilde: É elle Antonio Pedro.
....
Nasceu do Amor p'la Arte, e é filho d'uma estrella
que os passos lhe guiou com luz brilhante e bella;
estrella mensageira d'essa eterna gloria
que os protegidos seus, conduz em vida á historia.
No monte, vêde, olhai: doirado o sol deslumbra
e é para o festejar que alegres, da penumbra
os entes pequeninos, todos, todos vem:
Assim chegámos nós. Artista, aqui nos tem!

Pequeno é o nosso preito, é muito menos
que as grandes ovações,
acceita-o dentro em cofres tão pequenos...
Em nossos corações.

.....

II

Tu vez queimar-se á luz o pequenino insecto
Que a morte foi buscar no seductor aspecto
da chamma a reluzir? Pois nós artista assi,—
— deixa-nos comparar — morremos nós por ti

E é sobre o pedestal a que te ergueu a Fama
d'onde irradia a luz, avermelhada chamma
que a todos deixa ler: Saudae, senhor's, saudae
o grande artista, e n'elle o bom amigo e o Pae!

AUGUSTO GARRAIO.

Depois da reforma, que incontestavelmente marca uma data memoravel na vida do artista, fez este, ainda que muito alquebrado, com Taborda, Joaquim d'Almeida e Julio Vieira uma pequena digressão pela provincia, onde representaram diversos monologos e scenas comicas, ao mesmo tempo que Antonio Pedro procurava allivios, pela mudança d'ares, ao seu continuo soffrimento.

Não foi vã a sua esperança. Melhorando um pouco, tomou parte obsequiosamente no beneficio a favor da Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres, realisado em S. Carlos a 20 de Fevereiro de 1888, na festa a favor da Creche do Porto e no beneficio do seu collega e amigo Gil, que se realisou no Theatro do Principe Real e onde Antonio Pedro representou pela ultima vez o *Paralytico*.

Sollicitado então o seu concurso para tomar parte na inauguração do Theatro Avenida, alli foi com Taborda e Pinto de Campos representar na comedia *De Herodes para Pilatos*.

Mezes depois chegava o anno de 1889, o ultimo que Antonio Pedro deveria viver, apesar de todos os esforços da medicina.

Muito doente já, ainda tomou parte em outro beneficio do seu amigo Gil, desempenhando o papel de judeu Valdeck no drama *O Juiz*.

N'este mesmo anno tambem, a 7 de Junho realisava-se a ultima festa artistica de Antonio Pedro promovida por Gil e seus mais distinctos collegas de theatro, na qual apenas teve forças para desempenhar a pequena rabula de creado da comedia *Inglez e francez*.

No momento de apparecer em scena, o publico fez-lhe tão extraordinaria ovação que elle, sensibilisado, chorava commovidissimo.

Taborda e Polla que contrascenavam n'essa occasião, ao vel-o assim e receiando que tamanha demonstração de enthusiasmo pudesse causar-lhe algum choque fatal, acercaram-se d'elle, ampararam-no, levando o para fóra da scena d'esse palco tão querido e que não mais voltaria a pisar.

Peiorando sempre, chegou a um ponto tão grave, que *O Occidente* de 21 de Julho, n'um artigo assignado por Gervasio Lobato, diz:

«Uma noticia tristissima, desoladora que nos chega no momento de revermos as provas d'esta chronica: está quasi agonisante o grande actor Antonio Pedro.

«Os seus padecimentos terriveis que ha annos o torturam, aggravaram-se consideravelmente; as suffocações de que elle soffre repetem-se agora com uma brutal frequencia, o edema tem subido e ao estado de excitação nervosa que n'estes ultimos tempos se lhe notava succedeu uma profunda prostração, um anniquilamento de forças de muito mau agouro, e que faz temer a cada momento um desenlace fatal.

«Fazemos sinceros votos para que esses sinistros pronuncios se desvaneçam e o glorioso artista triumphe mais uma vez da morte, como já por muitas vezes e quasi milagrosamente tem triumphado.»

Ditos e anecdotas

Se ha vida que pelas suas condições naturaes mais se proporcione a scenas imprevistas d'um comico desmedido, é sem duvida a do actor.

Em casa, na rua, no theatro, o actor está sempre mais ou menos sob aquella influencia desconhecida, que, a todo o momento, lhe faz contrahir os nervos zigomaticos, esboçando-lhe sorrisos ao mais futil pretexto, d'onde tire simultaneamente uma phrase alegre, um bom dito, que só a convivencia da *caixa* sabe dar.

E Antonio Pedro, como os demais, não fugiu a esta força extranha do meio scenico, que por vezes lhe abriu na existencia situações inesperadas, cheias de humorismo.

É ao sr. Ernesto Desforges a quem damos a palavra primeiramente, para contar o que elle com tanta verve soube descrever no seu folhetim do *Diario Illustrado* de 21 de Dezembro de 1872:

«D'uma vez no theatro do Principe Real, Santos, que era muito scismatico e que em cada dia imaginava uma nova doença, foi persuadido por Antonio Pedro de que estava surdo!

«Ensaiava-se, não me lembro que peça e Antonio Pedro tinha de dialogar com Santos.

«Declamava Santos o seu papel parando nas occasiões em que Antonio Pedro tinha de atacar, porem esperava, esperava sempre, pondo o ouvido á escuta, mas esperava em vão as deixas de Antonio Pedro, para começar a fallar de novo.

«Pudera! Este estava callado e só gesticulava e mechia os beiços quando Santos olhava para elle. Continuaram assim até que uma das vezes, tendo Santos já esperado bastante, voltou-se para Antonio Pedro e disse:

«— Oh! homem, ainda não ouvi a deixa!...

«— Qual deixa? replicou Antonio Pedro, gritando-lhe desesperadamente ao ouvido, e fazendo-se ao mesmo tempo muito admirado.

«Santos deu um pulo para a rectaguarda, e respondeu-lhe:

«— A deixa da sua falla!

«— Já a disse ha que tempos!—voltou Antonio Pedro gritando da mesma fórma.

«— Mas eu não a ouvi!

«— Não admira nada! — disse-lhe Antonio Pedro berrando-lhe ainda mais ao ouvido.

«— Então porquê?

«— Porque... o senhor, desculpe-me dizer-lhe, mas ha dois dias que está assim surdo como uma porta... sur...

«— Está bom... está bom! Já ouvi!

«Surdo! exclamou Santos meio aterrorisado; — só me faltava mais esta!

«— Surdo e bem surdo!

«Santos começou a pensar. Faz a sua analyse introduzindo o dedo minimo nos ouvidos, escuta, não ouve fallar, porque estavam todos calados, sustendo o riso e diz depois:

«— Pois senhores... é verdade... decididamente estou surdo! Eu já tinha desconfiado! Ora esta... ora a minha vida.

«Meu amigo, tenha paciencia grite, grite bem quando fôr a occasião das deixas, para ver se eu oiço.

«Continuaram ensaiando e Antonio Pedro da mesma fórma; só movia os beiços e gesticulava de vez em quando, de sorte que Santos cada vez ouvia menos, por mais que puzesse os ouvidos á escuta; Antonio Pedro então approximava-se d'elle e fingindo gritar-lhe fazia-se ouvir.

«Santos mais que scismatico, nervoso até, nem poude acabar o ensaio, foi para casa horrorisado dizendo mal á sua vida, porque continuando-lhe a surdez nunca mais poderia representar.

«Quando porem veiu depois a saber a verdade, certificando-se de que não estava sûrdo, achou-lhe bastante graça, apesar do susto e riu a bandeiras despregadas.»

Antonio Pedro aos 20 annos

Depois d'isto, n'uma visita feita por Antonio Pedro e Joaquim d'Almeida a uma das villas do sul do Tejo (Aldegallega) tambem se passou uma scena hilariante de que foi narrador fiel Baptista Machado (Zaraguêta) n'*A Folha do Povo* de 10 de Outubro de 1898. Eis como elle a conta:

«Havia um movimento extraordinario em Aldegallega.

«Lia-se no rosto de toda a gente que se passava o que quer que fosse de anormal.

«Não assomava a qualquer janella um rosto feminino cuja fronte não fosse aureolada pelos classicos *papelotes*, que representavam a guarda avançada de uma alluvião de *caprichos* e de *frisados*.

«Ás duas da tarde já o *high-life* da localidade tinha dado a ultima *passadela* de ferro quente sobre as *cartólas*, que ainda conservavam o pó eleitoral da ultima lucta politica, em que progressistas e regeneradores haviam praticado actos bem dignos de uma epopéa.

«N'aquelle dia todos os jantares deviam estar na meza á uma hora da tarde.

«Os estabelecimentos deviam fechar ás sete da noite.

«De quando em vez, o estalar de um foguete fazia pular o coração de Aldegallega em peso, emquanto que os garotitos do sitio se disputavam, a murro e em desordenada grita, a posse do caniço, que depois de ter sido o fiel conductor das bombas, descia em espiraes mais ou menos caprichosas, sobre os telhados, as ruas, e, não raro, sobre as cabeças dos aldegallegos.

«— Mas... que se passava?...

«Um pouco de paciencia, leitor amigo...

«O theatro de Aldegallega... sim, carissimo leitor, Aldegallega, como toda a povoacão que se presa, tambem tem o seu theatrinho, é modesto, como convem á localidade, mas alegre e pittoresco.

«O vermelhão abusou talvez um pouco, mas isso mesmo dá um certo *tom quente* á sala, onde as bancadas, se não primam pela commodidade, teem, comtudo, a vantagem de se tornarem dignas da attenção dos archeologos e dos amadores de *bric-à-brac*.

«O panno de bocca representa... não sei bem o que representa o panno de bocca. Sei, que, aos lados, o scenographo quiz pintar uns cortinados de velludo carmezim, suspensos de correntes de ouro, de onde pendem borlas do mesmo metal.

«Ou é isto, ou então uma paisagem risonha, floresta virgem, templo romano ou uma praia com botesinhos ao longe.

«Póde ser tudo isto que deixo dito.

«Um panno de bocca mirabolante. Um theatrinho, emfim, se

não com todo o conforto, pelo menos com um certo *bem estar*, tanto para o publico, como para os artistas.

«E n'aquelle dia a bandeira azul e branca tremulava no frontão do edificio, cuja porta escancarada deixava ver lá dentro um *fervet opus* de arrumação e limpeza que punha em alegre sobresalto os habitantes d'aquella povoação ribeirinha.

«E se tens, caro leitor, curiosidade de desvendar o mysterio, affasta a garotada que quasi occulta a porta, dá os bons dias ás mulheres que estão esfregando o salão (!) de entrada, salta por cima d'esse monte de areia vermelha, que está á espera de ser espalhada pelo largo, e entra.

Antonio Pedro e Soares Franco aos 22 annos

«Lá está o cubiculo do bilheteiro.

«Ao lado, pregado com obreias no tabique, lá tens um cartaz feito á penna com arabescos caprichosos e orlado com figurinhas *delcalcomanje*, onde o oiro foi applicado com uma prodigalidade espantosa.

«Lê:

«*Theatro, etc., sabbado, tantos de tal, etc., grandioso espectaculo no qual tomam parte, por especial obsequio aos habitantes d'esta terra, os distinctos actores da capital Antonio Pedro e Joaquim de Almeida !!! que pela primeira vez nos honram com as suas presenças, etc., etc.* — E assim era.

«N'aquella noite Antonio Pedro e Joaquim de Almeida, deviam pela primeira vez exibir-se perante a platéa boquiaberta de Aldegallega; e Aldegallega envidava todos os seus esforços, para receber com as honras devidas, tão distinctos hospedes.

—

«Não cabia um alfinete no theatro.

«A sala estava litteralmente *á cunha!*

«Chegaram a vender-se bilhetes a 400 réis !!!

«Uma loucura!

«Tinha subido o panno e alguns curiosos da localidade estavam representando a comedia de Luiz de Araujo, pae: *Por causa de um algarismo.*

«O publico ria a bandeiras desfraldadas, com as *larachas* da Marmellada, com as *facecias* de Collaço, com a graça, emfim, genuinamente portugueza d'aquella engraçadissima comedia.

«Mas o *prato forte* era o *Camões* e *Jau*, o dialogo dramatiço de Casimiro d'Abreu, que Antonio Pedro e Joaquim de Almeida deviam recitar.

«O publico esperava com uma anciedade quasi que apopletica.

«Deixemos pois o *Algarismo* entregue nas mãos dos *furiosos* da terra e entremos na caixa.

«A direcção do theatro tinha feito armar um camarim de honra para os dois distinctos artistas.

«E estava bonito a valer!

«No topo, uma *jardineira* de pedra coberta com uma toalha bordada, de finissimo linho.

«No tecto, um docel feito de alfaias que o prior, graciosamente, tinha emprestado da egreja.

«No chão uma bella esteira lavadinha da vespera.

«Aos cantos, jarros de louça com florões e á porta um arco de bucho e flôres de papel, encimado por uma corôa de papelão dourado com as iniciaes *A. P.* e *J. A.*

«Se tudo isto não representava uma maravilha de bom gosto, era comtudo uma demonstração sincera com que aquella boa gente manifestava os seus sentimentos de consideração e de estima para tão distinctos artistas.

«E Antonio Pedro, cada vez que era cumprimentado no camarim, repetia em tom solemne e commovido, aquella sua phrase muito conhecida:

«— Muito obrigado! É esta uma das noites mais felizes da minha carreira artistica!

«E os sujeitos retiravam-se com as lagrimas nos olhos.

«De repente, opera-se um grande movimento na caixa do theatro.

«Gente que sae, gente que entra, um borborinho diabolico!

«Que foi?... Que succedeu?...

«Ia a subir o panno para a representação do *Camões* e *Jau* e...

Do *Album das Glorias*. Caricatura de Bordallo Pinheiro

oh! desgraça!... não apparecia a cabelleira do nosso primeiro epico!

«Um infeliz, em tudo, o grande poeta!

«Mas que grande afflicção!...

«Demais a mais o boticario tinha na pharmacia á vista de todos, um retrato do grande homem!...

«Todos os aldegallegos o conheciam... de vista!

«Como havia de ser?... Um Camões sem calva nem farripas?!...

«E, para cumulo de infelicidade, o medico da terra era amigo intimo do Cypriano Jardim, e lembrava-se de ter vindo ha annos a Lisboa ver o Posser no drama d'aquelle seu amigo!

«Antonio Pedro estava furioso, praguejando contra o José Felix (Deus lhe fale n'alma!), que não lhe tinha mandado a cabelleira!

«Oh!... estes cabelleireiros!...

«De repente o scenographo Barros que, de Lisboa, havia acompanhado a *troupe*, teve uma idéa sublime!

«— Uma bexiga!... Uma bexiga de porco, exclamou elle, e está salva a situação!...

«Novo movimento! Outra vez gente que sae e gente que entra!

«Tres quartos de hora de angustia se passaram!

«De repente ouve-se uma voz:

«— Aqui está uma bexiga!

«E um homemzinho gordo, baixo e vermelho como uma beterraba, apresentava triumphantemente, uma magnifica bexiga de porco.

«Ainda vinha quente.

«O bom do homem não duvidara um minuto em sacrificar o seu porco á memoria de Camões!

«Um portuguez de lei.

«Barros applica então rapidamente a bexiga á cabeça de Antonio Pedro. Algumas meadinhas de crepe grisalho, collocadas artisticamente e, seguras á força de verniz, completaram a cabelleira.

«Antonio Pedro viu-se a um espelho e gostou.

«Só lhe faltava tapar o olho. Não sabia bem se era o direito ou o esquerdo.

«Mas isso não queria dizer nada!... Tapou um ao acaso.

«Estava um verdadeiro Camões.

«A orchestra executou a symphonia da *Marqueza*, estabeleceu-

se o silencio na platéa e Antonio Pedro e Joaquim de Almeida principiaram a recitar os versos do poeta brazileiro.

«Nem toda a gente percebia aquillo, mas a peça agradava muito.

«A bexiga de porco, porém, principiava, por effeito do calor, a resequir e por consequencia a apertar demasiadamente a cabeça de Antonio Pedro.

«Joaquim de Almeida notava que o collega fazia umas caretas que não estavam no papel; mas lá ia recitando o *Jau* com a proficiencia que todos lhe reconhecem.

«E a bexiga cada vez a apertar mais.

«Antonio Pedro, á força de visagens, já estava até com os dois olhos abertos.

«E Joaquim n'um rapido áparte, disse-lhe baixinho:

«— Ó Antonio, fecha o olho!

«E Antonio fechou, mas logo pelo diabo, fechou justamente o que sempre tinha estado aberto.

«Mas o bom, o ingenuo publico não reparou.

«De repente, quando Antonio Pedro exclamava em tom melodramatico:

D. Sebastião monarcha temerario...

«Pum!

«Ouve-se um estalo!

«Antonio respirou livremente e Joaquim de Almeida, abrindo desmesuradamente aquelles dois grandes olhos negros, viu surgir do alto da cabeça calva do Camões uma farta madeixa de cabellos!

«A bexiga de porco rebentára, e o cabello de Antonio Pedro, aquella farta cabelleira que todos nós lhe conheciamos, surgia impavida pela unica sahida livre que se lhe apresentava.

«Foi um successo!

«Camões abriu os olhos e o publico fez onze chamadas aos dois notaveis artistas, terminando a festa por Antonio Pedro fazer um discurso onde disse:

«— Muito obrigado! É esta uma das noites mais felizes da minha carreira artistica!»

D'outra vez e ainda no theatro das Variedades, quando estava a findar a primeira epocha, appareceu-lhe no

camarim um amigo e companheiro das *ceiatas* para lhe apresentar uma commissão de cavalheiros de Benavente que solicitavam de Antonio Pedro a honra de tomar parte no espectaculo de inauguração do theatrinho d'aquella villa, e que devia realisar-se duas ou tres semanas depois.

Antonio Pedro que, n'esse tempo, não perdia o ensejo d'uma pandegasinha ficou enthusiasmadissimo, agradeceu o convite e prometteu estudar uma nova cançoneta que, com muito agrado Izidoro tinha feito noutes antes.

Decorridas umas vinte noutes e estando Antonio Pedro a ceiar com alguns collegas e escriptores na antiga casa do *João do Grão,* entra muito *esbaforido* o amigo com um telegramma, dizendo que a recita de Benavente era no dia seguinte e que eram ambos alli esperados no comboio da manhã.

Antonio Pedro e o amigo estavam atrapalhadissimos, não só por o primeiro não ter estudado cousa alguma, mas por não terem dinheiro para comprar a cançoneta, passagens, aluguer de guarda-roupa, cabelleira, etc.

Contaram então a historia que provocou nos convivas a mais estrondosa gargalhada e o chorado escriptor Julio Cesar Machado, que com elles estava, salva a situação, abonando o dinheiro preciso para as despezas.

Os dois amigos ficaram radiantes.

Na manhã seguinte corre Antonio Pedro a comprar a cançoneta e a musica, e pede ao amigo que vá ao Cruz do guarda-roupa e alugue um fato typico qualquer, devendo-se reunir na estação para seguirem no comboio que partia ás 10 da manhã.

Antonio Pedro tencionava estudar pelo caminho, mas, como no mesmo compartimento encontrassem tres co-

nhecidos que levavam vinho e petisco para a viagem, foram-se tambem banqueteando, deixando o estudo para o tempo disponivel que tivessem em Benavente.

Em Villa Franca eram esperados pela commissão, seguindo d'alli em trens e *char-à-bancs* até á villa, onde os aguardava uma philarmonica que os acompanhou entre muito *vivorio* e girandolas de foguetes á principal hospedaria da terra, sendo-lhes offerecido um opiparo almoço.

Antonio Pedro aos 25 annos

Claro está que se bem comeram, melhor beberam e depois de terminar uma serie de enthusiasticos brindes, foram ainda convidados a percorrer a terra, seguidos pela philarmonica, pela commissão e por grande concurso de povo que dava vivas a Antonio Pedro e aos principaes promotores de tão ruidosas e imponentes festas.

Assim decorreram as cousas, na mais viva e communicativa alegria, até á hora do espectaculo, sem que Antonio Pedro tivesse tempo sequer para olhar para a cançoneta.

Entram no theatro, Antonio Pedro pega na trouxa que ainda estava atada como tinha vindo do guarda-roupa, recommenda ao amigo a quem entrega a cançoneta que lh'a ponte com pausa e alto, e recolhe ao camarim que caprichosamente tinha sido ornamentado para receber o grande artista.

Representada uma comedia em um acto pelos ama-

dores da terra, toca novamente a orchestra... sobe o panno... rompe uma estrondosa salva de palmas e apparece Antonio Pedro, com um fato de *ché-ché* muitissimo largo e ao agradecer muito commovido a brilhante recepção, bate com o chapeu armado nas bambolinas que então lhe desabam sobre a cabeça.

O amigo tem um ataque de riso... não pode fallar... quanto mais olha para Antonio Pedro, mais se ri... ri sempre e este muito atrapalhado começa a cantar:

Plantei lá no Rocio
Uns gentis mangericões.
Trá lá lá lá lá lá lá, etc.

A orchestra que não atacara a voz a tempo, atrapalha-se tambem e segue n'uma crescente desafinação. Antonio Pedro como pode, diz a meia voz ao amigo que ponte alto, que não ouve nada; o amigo tem já a cançoneta toda amarrotada na mão e não cessa de rir... Antonio Pedro continua sempre Trá lá lá lá lá lá, etc. e finalmente a platéa farta de tamanho *charivari* rompe n'uma formidavel pateada, que obriga o panno a descer e os dois festejados a sahirem do theatro para a deligencia, muito tristes, já sem acompanhamento de commissão, sem foguetes, sem concurso de povo e sem philarmonica.

Estavam ainda nas Variedades, quando, Antonio Pedro e Pereira, que eram então dois bohemios e amigos inseparaveis, foram com a companhia ao Porto dar uma serie de representações.

Como comiam onde melhor lhes appetecia, tinham

apenas alugado um quarto com duas camas, ao qual recolhiam quasi sempre ao romper da madrugada.

Antonio Pedro que arranjára uma conquista e que combinára um rendez-vous para depois do espectaculo, começou a traçar o seu plano. Não disse nada ao Pereira, com medo de qualquer partida e n'essa noute sempre que recolhia ao camarim, queixava-se de fortissimas dôres de estomago que o não abandonavam um só momento.

Pereira, extremosissimo por elle, já tinha mandado buscar chá, bicarbonato de soda e emfim tudo de que se lembrava para debellar aquelle enorme soffrimento.

Antonio Pedro tomava tudo, e cada vez se queixava mais para conseguir o seu fim. Logo que terminou o espectaculo recolheram á hospedaria... deitou-se o doente... Pereira conchegou-lhe a roupa... e o Antonio Pedro simulando alguns allivios convenceu o amigo a deitar-se tambem, porque o que mais necessitava era de socego.

Assim se fez; Antonio Pedro logo que o amigo apagou a luz e o sentiu resonar, veste-se muito depressa, e sem fazer ruido, ahi vae pela porta fóra deixando o Pereira a dormir como um justo.

Rompe a madrugada e Antonio Pedro que terminara a entrevista com lauta ceia, entra muito alegre pelo quarto, tropeça nas cadeiras e vae abrir as janellas de par em par.

Pereira acorda sobresaltado, senta-se na cama e vendo Antonio Pedro de chapeu ás tres pancadas... a fital-o... e a rir á gargalhada, exclama estupefacto:

—Homem! Lá que a gente se deite bebado e acorde

bom, isso acontece-nos muitas vezes, mas deitar-se bom e acordar-se bebado é a primeira vez que tal succede!!!

Ainda uma nota engraçada narrada pelo popular escriptor Luiz de Araujo:

«*Uma troca com o actor Antonio Pedro* — Eu fui intimo amigo do grande actor Antonio Pedro.

«Conheci-o do theatro das Variedades, onde elle debutou fazendo o papel de Phébo n'uma magica de Joaquim Augusto d'Oliveira. O Oliveira das magicas como todos lhe chamavam.

«Fui amigo de Antonio Pedro, e amigo grato, ainda hoje sou em extremo á sua saudosa memoria.

«Deu brilho e realce com o seu talento transcendental, a varias peças minhas, creando o typo admiravel do sr. Raynunculo na minha tolice *A molestia de pelle* aproposito satyrico e brincalhão ás curas maravilhosas que fazia o fallado Porciuncula, ás pessoas que soffriam de mal herpetico.

«A seu pedido, escrevi, em verso, uma scena-comica ou monologo com o titulo *Emquanto o panno não sobe*, versos a que o grande artista deu um colorido inimitavel e uma graça deliciosa que era só sua exclusivamente.

—

«Conheci-lhe a boça de negociante muito honrado e lizo, porque tive com elle a seguinte transacção:

«Eu possuia um relogio, d'estes caldeirões antigos com duas caixas, em esmalte. Relogio de *palheta*.

«Antonio Pedro morava então na travessa das Salgadeiras, ao largo do Mastro e tinha no seu grande quintal um carneiro com os chavelhos a apontar. Era um borrego ainda.

«Eu fui visital-o, vi o borrego e disse-lhe:

«— Se me vendesses este borrego, comprava-t'o para ter lá na cavallariça ao pé da egua e apanhar as pulgas.

«— Não t'o posso vender porque se está creando para ir fazer uma viagem...

«— Uma viagem?

«— Oh! yes... com batatas e cebolinhas. Em estando na *conta* vae até ao *forno* dentro d'uma frigideira de barro.

«— Ora adeus! Tu tens bom coração e não matas o borreguinho.

«— Que horas são, que eu tenho ensaio?

«— Puxei do relogio e disse-lhe:

«— Seis e meia.

«— Oh! Que lindo relogio que tu tens!!... deixa cá ver esse esmalte catita... Ando ha que tempos com desejos de ter um relogio d'esses... Ó Luiz, vendes-me o relogio?

«— Não t'o vendo que está para ir fazer uma viagem...

Antonio Pedro aos 28 annos

«— Uma viagem?!...

«— Uma viagem com os *companheiros*.

«— Quaes companheiros?!...

«— A corrente d'ouro e os *berloques*. Vae tudo passear até ao *prego*...

«Antonio Pedro deu uma das suas gargalhadas caracteristicas e retorquiu-me:

«— Tu vendes-me o relogio, já disse.

«— Não vendo... olha, se queres troco-o pelo carneiro.

«— Está dito. Nem tu és auctor nem eu actor. Somos dois ciganos .. Valeu a troca e está mesmo a *calhar*.

«— Fica lá com o relogio e passa para cá o carneiro.

«Fez-se a troca. Antonio Pedro foi para o theatro do Principe Real para o ensaio, e eu de carneiro á arriata, com um chocalhito

pequeno ao pescoço, fui para o Campo de Sant'Anna onde tinha a minha egua russa pela qual chorarei toda a minha vida.

—

«Passados tempos sube que o Antonio tinha vendido o relogio por cinco libras, e eu vi morrer o borrego com uma tysica galopante porque quando elle o comprou a um ovelheiro já o animal precisava de oleo de figados de bacalhau e de ir á assistencia nacional aos tuberculosos, se a esse tempo já existisse essa instituição.»

Estando a ensaiar-se em D. Maria o drama *Duas Orphãs* para beneficio de Antonio Pedro, foi este ao Paço convidar Suas Magestades para assistirem á sua festa artistica.

El-rei D. Luiz, que era sempre muito attencioso para com todos os artistas, fallou-lhe de diversas peças elogiando muitos dos seus papeis.

Antonio Pedro ouvia el-rei com toda a atenção e limitava-se a agradecer os elogios, receioso de qualquer pergunta a que não soubesse responder.

Passado algum tempo pergunta-lhe o Rei:

— Então Antonio Pedro que peça leva em seu bene ficio?

— As *Duas Orphãs,* meu senhor.

— É drama?

— É sim meu senhor, é um drama muito bonito!

— É original?

— Não, meu senhor, é traducção... a peça é franceza.

— Ah! É franceza? E o nome do auctor?

Antonio Pedro que não sabia, viu-se seriamente embaraçado e dissimulando continuou:

— A peça é muito bonita!... entra a Virginia... a

a Barbara... entra o Cesar de Lima entro eu... é muito bonita!

El-rei ouviu, sorriu-se e tornou a perguntar-lhe:

Desenho á penna de Luiz Moraes Junior

— Mas como se chama o auctor?

Antonio Pedro que já não sabia o que havia de dizer e cada vez mais embaraçado, continua no mesmo tom:

— A Virginia faz uma cega... eu faço um amolador aleijado que se apaixona pela cega... ha uma scena de lucta entre dois irmãos tambem por causa da cega... a peça é muito bonita!

El-rei que percebera o embaraço de Antonio Pedro, sorria-se e não insistiu mais na pergunta, promettendo-lhe que não faltaria á sua festa.

Antonio Pedro beijou-lhe a mão e ficou contentissimo por não ter de confessar que não sabia o nome do auctor da peça que levava em beneficio.

Relata a *Illustração Portugueza* no seu numero de 28 de Maio de 1906:

«Em D. Maria as relações entre José Carlos dos Santos e Antonio Pedro foram sempre as de dois irmãos muito queridos: o creador do Coveiro do *Hamlet* tinha por Santos Pitorra um respeito profundo e instinctivo; o creador do Marquez de Villemer tinha por Antonio Pedro a mais incondicional das admirações. Entretanto, ás vezes zangavam-se. São curiosissimas as anecdotas que se contam dos dois, e dão bem a medida do viver do theatro de ha quarenta annos. Santos era severo e disciplinador; emquanto presidia aos ensaios, não admittia a ninguem a sombra d'um gracejo. Um dia ensaiava certa actriz n'uma peça complicadissima e Antonio Pedro, que tambem tinha na mesma peça um papel importante, esperava nos bastidores comendo castanhas assadas. A principio o successor de Epiphanio não deu por isso; mas a pouco e pouco, o crepitar das castanhas ao descascarem-se começou a irrital-o, a enerval-o, a aborrecel-o.

«A certa altura não poude mais, descarregou um murro na caixa do ponto e gritou para o fundo:

«— Esse homem das castanhas que acabe com isso!

«Antonio Pedro tratado summariamente por *esse homem das castanhas* embezerrou, julgou-se melindrado, sentou-se muito

murcho n'uma cadeira d'entre bastidores, á espera da deixa para a entrada — mas n'isto teve uma idéa,—agarrou no chapeu, levantou-se e saiu. Durante uns minutos deixou de ouvir-se o crepitar das castanhas; Santos Pitorra poude ensaiar tranquillamente,— mas d'ahi a pouco, quasi ao terminar a scena, os mesmos estalidos irritantes voltaram, persistentes, d'esta vez acompanhados de risinhos abafados e com um caracter tão manifesto de indisciplina, que o grande ensaiador não poude conter-se, interrompeu o ensaio e ordenou para os bastidores:

«— Esse homem das castanhas que venha cá!

«Qual não foi o espanto do Pitorra, quando em vez do eminente caracteristico, a quem queria dizer duas palavras asperas, lhe surgiu da porta do fundo um verdadeiro, um authentico vendedor de castanhas, de alforge ás costas, chambão e porco,— e logo atraz d'elle Antonio Pedro, explicando com a maior naturalidade, como se não fôra nada com elle:

«— Homem das castanhas, só havia este lá fóra.

«Não se calcula o escandalo que semelhante incidente determinou, quando se não souber quanto n'esse tempo era apertada a disciplina nos ensaios. Santos pôz o chapeu na cabeça, não se despediu de ninguem e sahiu furioso pela porta fóra. Mas no dia seguinte, esquecera tudo.

«No fundo d'aquella grande alma não havia rancores.»

Da primeira vez que Antonio Pedro desembarcou no Rio de Janeiro dirigiu-se com o seu collega e amigo Gil para um restaurante onde estiveram tomando chá e torradas e conversando por algum tempo sobre a estreia da Companhia que devia realisar-se no dia immediato.

Ao terminarem e perguntando quanto deviam, ficaram estupefactos quando o creado lhes trouxe a conta que dizia: chá e torradas 6$000 réis.

Pagaram, gratificaram o creado e ficaram por muito

tempo pensativos,— então Antonio Pedro diz ao Gil muito confidencialmente:

— Nada!... Nós damos aqui apenas dois ou tres espectaculos e vamo-nos embora quando não ficamos arruinados.

No dia seguinte debuta a Companhia com uma enchente collossal, decorre o espectaculo no meio dos mais delirantes applausos, e depois de muito felicitados e abraçados por escriptores, jornalistas e collegas, entra no camarim o bilheteiro que vem trazer a folha e a receita para conferirem.

Antonio Pedro e Gil entre-olham-se maravilhados!... olham para a folha... para o dinheiro... para aquelle montão de notas e o Antonio lembrando-se do que dissera no dia anterior, quebra aquelle spasmo de alegria exclamando:

— Nada!... Já dou o dito por não dito... Mandamos buscar as familias e já não sahimos mais do Rio de Janeiro.

Ouçamos agora o que diz o sr. Sousa Bastos na *Carteira do Artista* a pagina 501 referindo-se ainda a outro passo engraçado:

«Na empreza do José Torres, na Rua dos Condes, appareceu pela primeira vez a Julia Lima, em 1874, sempre acompanhada pelo seu Custodio.

«Lembro-me que realisou alli um beneficio que deu que fallar.

«A companhia estava desmantellada. A empreza não pagava, o publico não concorria, o theatro estava no maior abandono.

«Os ensaios do *Joven Telemaco* para o beneficio da Julia eram uma verdadeira pandega. O Custodio, que era analphabeto e tapado como uma porta, era o ensaiador da peça, porque, dizia elle,

a tinha visto muitas vezes no Circo pela companhia hespanhola e por isso ninguem a podia ensaiar melhor!

«Os ensaios de musica estavam a cargo d'um tal Praxedes, o homem mais feio que tenho encontrado na vida. Era tão feio, que indo uma vez, por faltar o actor, representar o papel de diabo no *Santo Antonio* foi sem caracterisação, unicamente com a cara que Deus lhe deu, e todos acharam que tinha carregado muito a pintura, porque estava feio de mais para diabo! E o pobre homem era assim!

Antonio Pedro aos 31 annos

«Este Praxedes pouco sabia, mas tinha o seu valor relativo e poderia remediar, se não pegasse as bebedeiras umas com as outras, a ponto de estar sempre de *vinha d'alhos*.

«Eu e o Gervasio Lobato nunca perdiamos aquelles deliciosos ensaios, em que o Praxedes cahia a dormir para cima do piano e o Custodio tomava o seu logar, fazendo da bengala batuta e obrigando todos a cantarem o mais desafinado que podiam. Eu e o Gervasio ajudavamos os córos para augmentar a desafinação.

«Chegou finalmente o dia da recita. O Custodio mandou imprimir uns programmas a côres, em que chamava á Julia a primeira actriz do mundo e promettia os maiores attractivos e surprezas durante o espectaculo. Mal sabia elle que assim havia de acontecer.

«O que foi aquelle espectaculo, desempenhado pelo que havia de peior no theatro, ensaiado pelo Custodio e pelo Praxedes, e interrompido a todo o momento pelas pilherias dos espectadores, não é facil descrever.

«Ao chegar a celebre *suripanta*, cantada por dez mulheres de

vozes esganiçadas, o publico ria a bandeiras despregadas e ia sempre pedindo bis, ameaçando tornar aquella scena interminavel.

«Pela decima vez as pobres mulheres iam cantar, quando no meio da platéa se levanta o velho Martins, porteiro do theatro de D. Maria, que assistia ao espectaculo. O infeliz suava por todos os póros, estava vermelho como um pimentão, e com voz tremula gritou para o palco:

«— Oh! minhas senhoras! pelo amor de Deus não cantem mais, que eu morro d'alguma apoplexia!

«Rebentou uma estrondosa e unisona gargalhada, e as desgraçadas coristas fugiram do palco, assobiadas e apupadas.

«O espectaculo assim foi continuando até que o Custodio perdeu de todo a cabeça e entrou em scena para levar a Julia, que resistiu e quiz acabar a peça no meio do maior *charivari*.

«Eu assistia ao espectaculo do camarote de primeira ordem de bocca em companhia de Gervasio Lobato, do Antonio Pedro, do Salvador Marques, do Pedro Vidoeira e do Augusto de Mello.

«Foramos primeiramente a casa de Antonio Pedro e trouxeramos de lá a mais rica corôa que elle tinha nas suas vitrines.

«Chegámos ao camarote e pendurámol-a de fórma que era vista do palco e da platéa.

«A Julia ao entrar em scena via aquella preciosidade e nunca mais deixou de deitar-nos os seus grandes olhos e abrir-nos em sorrisos a sua bocca um pouco torta e original.

«Ao terminar cada acto, um de nós pegava na corôa, deitava-a de fóra do camarote e os outros applaudiam desesperadamente e chamavam pela Julia. Vinha ella de braços abertos para o camarote, mas n'essa occasião a corôa tornava a ser dependurada! O publico morria a rir e a Julia lá ia, toda desapontada, agarrar-se ao seu Custodio, que dos bastidores nos ameaçava com a bengala, rodeado das horrorosas coristas que nos dirigiam os maiores insultos. Isto repetiu-se até final do espectaculo. Foi a corôa outra vez para casa do Antonio Pedro e nós, como de costume, fomos em alegre ceia festejar o acontecimento. Que saudades do bom Gervasio, do querido Antonio Pedro e da alegria que então enchia o espirito de todos os rapazes.»

Antonio Pedro preoccupava-se tanto com os papeis que lhe eram distribuidos, que depois de innumeras visitas ao Hospital de Rilhafolles onde ia estudar o papel do drama *Sargento-Mór de Villar,* encontrou-se um dia com Leopoldo de Carvalho e dirigiram-se para o Café do Gelo, a esse tempo situado no Aterro. Alli no enthusiasmo da discussão, começou a fazer as scenas capitaes da peça, por tal forma, que os creados fugiram para o fim da casa imaginando estarem na frente d'um doido a valer.

Leopoldo e Antonio Pedro riram a bom rir, quando depois notaram o terror de que os pobres homens estavam possuidos.

Jornal da Noite, de 11 de Março de 1880:

«*Um dito de Antonio Pedro*—Representava-se em D. Maria uma comedia intitulada A. B. C.

«Antonio Pedro estava á porta da scena muito socegado, apparece o traductor da comedia muito apressado, a suar e pergunta:

«— Já começaram o A. B. C.?

«— Olhe, diz Antonio Pedro, sem se mecher, vá depressa que ainda os apanha no H.»

Correio da Noite, 1889:

«Certo dia perguntava Antonio Pedro a uns amigos se conheciam certa *dama*, que passava por muito *intima* de um escriptor dramatico muito conhecido.

«— Conheço,— disse um.

«— É bonita?

«— É medonha!

«— Ora que pena, retrucou Antonio Pedro contristado.

«— Tens pena?

«— É que sou muito amigo de F. (o escriptor) e devo-lhe favores.»

Fialho d'Almeida, tambem pela imprensa testemunhou mais uma scena hilariante que passamos a transcrever do *Reporter* de 24 de Dezembro de 1887:

«*Theatro D. Maria* — Ás dez e meia vem Antonio Pedro, um retardatario, lento, embuçado, coberto de cache-nez.

«— Como tem passado? A sua familia?...

«Rodeiam-n'o logo os pequenos actores, as actrizes abraçam-n'o como a um vô-vô benevolo que lhes trouxesse um sacco de rebuçados; e elle a seis passos, procurando apagar-se mais na capa á hespanhola que o envolve começa a fallar do tempo, como toda a gente, emquanto Silva Pereira o não espicaça com um dichote de velho garoto, e Amelia da Silveira não vem pousar deante dos seus olhos extinctos, a gentileza do seu busto de anemica, mordente e senhoril ao mesmo tempo.

«As noutes de gloria do seu tempo de artista parecem saudosas á alma genial do comediante porque alli vae todas as noutes visitar a scena onde o seu nome echoou n'um estrepito de triumphos, sem interrupção, durante muitos annos.

«Entretanto ha na sua vida d'acter passagens picarescas, que elle apraz recordar com bonhomia; fóra de portas, em theatrinhos de provincia e sociedades de curiosos, que em officios pantafaçudos lhe mandavam pedir collaboração.

«No Seixal uma Paschoa, prestara-se a representar um certo drama com amadores, dentro d'um palheiro, decorado a expensas da camara municipal. Ao subir o panno, Antonio Pedro devia estar mirando as arvores (era uma magestosa pintura de bosque!) inquieto, e como quem busca alguem que tarda.

«O ponto falha, por ter deixado cahir o caderno pelo buraço que era estreito; Antonio Pedro, que mal sabia o papel, prosegue a mirar os cimos das arvores, esperando o lamiré.

«N'isto grita uma voz da platéa:

«— Você anda aos ninhos, seu diabo! em vez de botar falla á sociedade?

«Gargalhada, vozearia, tumulto, bengalas erguidas, sangue espirrando dos narizes e tanta castanha em epilogo, meus amigos, que a recita não teve logar, por ter ficado a companhia com os ossos n'um fricassé.

O seu ultimo retrato

«Oh! mas o Seixal vingou brilhantemente Antonio Pedro, mandando-lhe a camara passar diploma de trombone honorario, em toda a circumscripção philarmonica da freguezia!»

D'outra vez que andava com varios em digressão pela provincia, representava-se em Vizeu a comedia *Fura Vidas,* na qual o actor Moniz fazia o papel de protogonista.

Adoecera de repente um collega e já depois de ter começado o espectaculo, foram pedir a Antonio Pedro que se caracterisasse depressa afim de o substituir na pequena *rabula* de Manoel de Castro, e que seguisse o que o *ponto* lhe dissesse, visto não conhecer o papel nem mesmo o enredo da comedia.

Na scena em que Moniz está sentado a escrever a nota das habilitações que tem para um emprego, o contraregra avisa Antonio Pedro que entre e se vá sentar na cadeira que fica em frente da secretaria.

Antonio Pedro assim fez e Moniz vendo que elle não lhe fazia a pergunta da peça: — Não está cá o sr. Silveira? atalhou:

— É decerto o dr. Silveira a quem vem procurar?

— Exactamente... é o dr. Silveira.

— Não se deve demorar. Diga-me: Como vamos de fundos?

Antonio Pedro que ainda não ouvira uma só palavra do que o ponto lhe dizia, responde:

— Menos mal... menos mal...

— E os cereaes?

— Os cereaes?... ah! sim... os cereaes estão bons, a cruz é que precisa ser dourada de novo.

Tableau.

E eis como *O Seculo,* de 24 de Julho de 1903, quatorze annos depois da sua morte, se recordava d'elle ainda, ao passo que contava dois factos comicos em que

elle fôra o *heroe,* factos com que fechamos esta pequenina parte onde tentámos pôr com methodo, alguns casos humoristicos da vida do artista:

«*Antonio Pedro* — O decimo quarto anniversario da morte de Antonio Pedro, hontem cahido, traz á flor da recordação publica esta gloria insigne da scena portugueza.

«Recordal-o, ainda que pallida e fugitivamente em mal alinhavadas e breves linhas, é reviver, comtudo, os instantes supremos d'uma arte suprema. Á simples lembrança do seu nome, logo se nos evoca, rediviva e actuante, a sua dolorosa e extranha figura d'homem e de comediante. Ninguem o excedera ainda na expontaneidade trasbordante do genio scenico, nem na intuição maxima da arte dramatica.

«Antonio Ennes, que lhe era credor dos seus melhores e maiores triumphos de auctor, disse, por occasião da sua morte, que lhe deveria ser aberta a cabeça, para ver se se lhe surprehendia e apprehendia o segredo do seu genio e da sua arte. E o dramaturgo tinha assim achado, por uma maneira simples e até quasi comesinha, a formula que melhor definia o actor que tinha posto em sangue e nervo algumas das suas creações, ou, talvez melhor, que tinha recreado essas creações, mas por fórma e feitio a completal-as, a amplial-as, a engrandecel-as, a communicar-lhes uma vida intensa e integra.

«Antonio Pedro era todo um nativo e lapidado genio.

«A que comparal-o, para tornar mais comprehendida, pela imagem, esta excepcional figura d'artista?! Ah! Já o sabemos: foi, como teria sido uma gemma que se arrancasse do seio da terra, já toda facetada.

«Antonio Pedro, como popular e bohemio, por bebida predilecta tinha o vinho; por petisqueira favorita tinha as hortas. Na tasca, discretamente; no palco, triumphalmente; e na horta, patuscamente, decorreu a sua existencia. Era o vinho o seu excitante, a horta o seu convicio, o theatro a necessaria e irreprimivel expansão do seu genio.

«Pingolava antes d'ir para a scena, pingolava nos intervallos, pingolava acabado o espectaculo. O pingolar, nos intervallos do espectaculo, contrariava, desgostava alguns dos seus collegas. Um

d'elles, o eminente Carlos Santos, então emprezario, ordenou, um dia, que não mais entrasse vinho no palco.

«Assim ficava privado Antonio Pedro das suas queridas e excitantes pinguinhas.

«— Café! café! meu amigo — gritou-lhe Santos ao ouvido.

«— O que?! — disse Antonio Pedro, dando um geito gingão aos hombros e encarando o collega com as suas tão comicas visagens.

«— Café em vez de vinho, entendeste?!

«— Ah! sim, entendo... — replicou o interprete do *Paralytico* com um ar singular entre *Hamlet* e *Triboulet*.

«D'ahi por deante principiou a entrar no camarim de Antonio Pedro, uma cafeteira. Santos jubilava. Succede, porém, ter o liquido que essa vasilha continha, um aroma que não era precisamente o de Moka, e a essas fragancias rescendia, por vezes, Antonio Pedro. Santos inqueriu. A cafeteira trazia... vinho. Antonio Pedro e Santos sorriram-se.

«Mas não acabariamos, comprehende-se, se nos embarcassemos, de vela panda, na barca das anecdotas. Todavia, para terminar, esta, não porque ella seja, propriamente, de Antonio Pedro, mas porque com elle se passou e constitue um dos muitos engraçados e imprevistos episodios das suas excursões pela provincia:

«Era em Coruche, se não estamos em erro. A gente da terra pedira lhe o acepipe da sua scena comica *Alto vareta!* Antonio Pedro accede, e apparece no palco. A pequena orchestra, ignorando que havia musica na coisa, depõe os instrumentos para melhor cahir em extasis diante do artista. Chega a vez de entrar a musica:

«— Toque a musica! — avisa Antonio Pedro, em voz baixa, a orchestra.

«Mas esta, moita.

«— Toque a musica! — diz mais rijo.

«Sahem então os musicos do seu extasis e, e retomando á pressa e atabalhoadamente os instrumentos, desatam a tocar o hymno nacional.

«E foi, sem querer, uma homenagem. Calhou.»

Depois da sua morte

O *OCCIDENTE*, de 1 de Agosto de 1889:

«Fechamos a nossa ultima chronica com uma noticia triste, a da doença perigosa de Antonio Pedro, temos de abrir a nossa chronica de hoje com uma noticia tristissima, a da morte d'esse grande e querido actor.

«Infelizmente os agourentos boatos tinham razão e todos os maus presagios que se faziam d'essa doença se realisaram lugubremente.

«Antonio Pedro depois d'um padecimento brutal, depois de uma lucta terrivel com a morte, lucta que durou largos annos, quasi sem treguas, cahiu finalmente prostrado e vencido na terça feira 23 de Julho ás 9 horas da manhã!

«D'esta vez não se fez o milagre que tantas vezes se repetira!

«Antonio Pedro que tantas vezes, ás portas da morte, desenganado pela medicina, como que resurgira, desnorteando completamente os seus medicos e zombando de todos os prognosticos da sciencia, cahiu d'esta vez, e hoje d'esse extraordinario actor só resta um nome glorioso, que viverá eternamente na historia do nosso theatro, ao lado dos mais illustres e celebrados da arte portugueza.

«Não vamos aqui fazer a biographia do grande artista, nem sequer tentar esboçar a sua physionomia tão sympathica, tão grande, tão brilhante e ao mesmo tempo tão extranha e excepcional; guardamos esse trabalho para outro dia, para quando *O Occidente* publicar o retrato de Antonio Pedro, os *croquis* das suas principaes creações dramaticas, essa pagina de homenagem ao famoso actor, grande entre os grandes que tem havido no nosso theatro, pagina que está em elaboração e que sahirá no nosso proximo numero; hoje, aqui, apenas registaremos a sua morte, o epilogo tormentoso da sua vida tão attribulada pela collaboração perversa d'um sem numero de enfermidades terriveis; e a manifestação imponentissima de sympathia e de sentimento popular de que foi alvo o seu enterro.

«Como dissemos na nossa ultima chronica a noticia da gravidade da doença de Antonio Pedro chegou-nos á ultima hora, exactamente quando viamos as provas d'essa chronica.

«Accrescentamos-lhe apenas aquellas rapidas linhas e partimos logo para casa de Antonio Pedro não como jornalista á procura de informações para offerecer ao publico uma noticia de sensação, mas simplesmente como um amigo que procura noticias d'um amigo querido, como um collega procura noticias d'um collega estimado e illustre porque, no fim de contas n'esta vida de theatro actores e auctores, são collegas, são confrades, são collaboradores indispensaveis que não podem prescindir uns dos outros que trabalham para o mesmo fim.

«Antonio Pedro morava n'um sitio muito affastado, no fundo d'uma travessa ingreme e feia — a travessa das Salgadeiras ao pé do largo do Mastro.

«A rua é feia, mas a casa de Antonio Pedro é uma casinha bonita, pequena, mas alegre, dominando das suas janellas e do seu grande quintal um vastissimo e pittoresco panorama.

«Essa casa foi mandada construir por elle ha annos com muita alegria, com muito amor; mas agora odiava-a profundamente.

«Como n'ella passava horas medonhas de afflicções e de agonias, attribuia-lhe a responsabilidade d'essas torturas que n'ella soffria, e ultimamente quando ás vezes regressava á noite do Coliseu, onde já quasi moribundo ia passar um pouco distrahido umas horas, apenas avistava a casa deitava a fugir d'ella, dizendo

que era ella que o matava e a pessoa que o acompanhava tinha então um trabalho enorme para o convencer a recolher.

«Este terror e esta repugnancia eram filhos como se vê d'um estado de desequilibrio intellectual, que ultimamente havia nas faculdades mentaes do illustre artista, que já ha mezes tinha de vez em quando momentos não de perfeita loucura mas de grave perturbação cerebral.

«Como dissemos, logo que soubemos do estado gravissimo de Antonio Pedro, corremos a casa d'elle.

«Foi no sabbado 20. Era já noite fechada quando lá chegámos, mas para visitar um doente em perigo, um agonisante quasi, não ha etiqueta de horas.

«A primeira pessoa que encontrámos ao entrar a porta foi o filho de Antonio Pedro.

«Tinha os olhos vermelhos de chorar.

«— Como está seu pae? perguntámos.

«— Muito mal, mesmo muito mal.

«E corroborando estas palavras, da casa contigua chegaram-nos aos ouvidos uns gritos medonhos, indistinctos, estranhos, que tinham ao mesmo tempo o seu quê de dolorido e de selvagem, de gemido e de urro.

«— Elle padece muito?...

«— Immenso. Não tem dôres, mas tem umas suffocações horriveis e que não o deixam um momento. Não dorme um instante sequer ha uma immensidade de noutes.

«— E tem a consciencia do seu estado?

«— Parece que não. A maior parte do tempo está delirado, falla a custo e diz quasi sempre palavras sem nexo. Venha vel-o.

«Entramos na casa onde elle estava.

«Era a sua sala: em dois grandes armarios envidraçados estavam todas as corôas que conquistara durante a sua longa e gloriosa carreira; no armario da direita as corôas ganhas no Brazil; no da esquerda as corôas ganhas em Portugal.

«Era junto d'esse armario que Antonio Pedro estava sentado n'um sofá, entre montes d'almofadas, com um lenço amarrado na cabeça, um cobertor sobre as pernas, aquellas pernas esguias, tão comicas do professor do *Bébé*, agora enormissimas, transformadas em dois cepos pela inchação que de momento a mo-

mento subia e que já lhe passava da cintura, a morte que ia subindo!

«Em frente de Antonio Pedro uma meza pequena com uma almofada sobre a qual estava deitado de bruços; ao seu lado sua esposa com os olhos marejados de lagrimas, que por um heroico esforço continha, uma physionomia dolorosa em que se desenhava o martyrio enorme d'aquella alma dilacerada.

«De vez em quando o doente erguia a cabeça como para fugir á asphyxia, procurava afflicto o ar, soltava uns gemidos e sua mulher então limpava-lhe carinhosamente o suor que lhe escorria pelo rosto mumificado e a espuma que lhe sahia dos labios arroxeados, quasi negros.

«Quando entramos contorcia-se Antonio Pedro n'uma d'essas afflicções e não deu por nós.

«Seu filho disse-lhe o nosso nome.

«Elle então ergueu a cabeça, fitou em nós os seus olhos muito abertos, espantados, uns olhos que faziam estremecer.

«E repetiu o nosso nome estendendo-nos a mão ardente e humida.

«— Como está? melhorsinho?

«— Mal, muito mal!. . disse elle a custo com a respiração offegante e ficou a olhar-nos muito fito como se quizesse conversar, dizer mais alguma cousa, mas não pudesse ou não soubesse.

«D'ahi a nada veio-lhe outra afflicção, e no fim d'ella ficou com a cabeça pendente, os olhos parados, immovel. Assustámo-nos; pareceu-nos que essa afflicção tivesse sido a ultima.

«Olhámos para as pessoas que o rodeiavam. Estavam já costumados áquella immobilidade passageira, áquelles parenthesis no meio de uma enorme tortura.

«N'esse momento podémos contemplar bem o estado medonho em que a doença puzera o grande artista.

«E lembrámo-nos de o ter visto já assim uma vez, com aquella expressão tragica de soffrimento, com aquelles olhos que pareciam sahir das orbitas afugentados pela dôr, com aquelles labios pendentes, descahidos, como que cançado de gemer tanto.

«E casualmente olhámos para o armario que ficava mesmo atraz d'elle.

«D'uma das corôas de louro com bagas d'ouro, uma das suas

corôas triumphaes, pendiam umas fitas vermelhas que quasi lhe emolduravam a fronte.

«N'uma d'essas fitas, por um singular capricho do acaso lia-se

em lettras douradas o titulo d'uma peça que fôra uma das suas maiores glorias: *O Paralytico!*

«E esse nome fez-nos estremecer.

«Foi exactamente na primeira noite d'essa peça que vimos Antonio Pedro desfigurado, torturado pela doença como o viamos alli, com a mesma expressão dramatica e tragica!

«Parecia que o grande comediante se adivinhára n'essa noite memoravel, e que antes de entrar na scena, tivera no espelho do seu camarim a visão do que havia de ser d'alli a annos, quando estivesse para entrar na cova.

«Dir-se-hia que o *Paralytico* fôra, para esse collossal artista, o ensaio geral da tragedia da sua morte!

«Depois de estar segundos assim, Antonio Pedro continuou a respirar ruidosamente: e olhando outra vez para nós disse-nos muito distinctamente:

«— Esteve cá hoje o filho do sr. Pinheiro Chagas — a mesma fórma delicada, cortez que elle em saude tinha para todos, mesmo na ausencia — estou-lhe muito obrigado.

«As afflicções recomeçaram; quando ellas lhe deram um novo momento de descanço, apertámos-lhe a mão e despedimo-nos d'elle.

«Quando ia-mos a sahir, Antonio Pedro chamou o Julio Cardoso um amigo d'elle e nosso que nos tinha acompanhado e disse-lhe com a sua voz entramellada, que nos pedisse desculpa de não se ter levantado para se despedir de nós e para nos acompanhar á porta!

«Cá fóra na sala de entrada acabava de entrar o Taborda, o velho e glorioso collega e amigo do grande actor.

«Estava profundamente contristado; na vespera, de madrugada, Antonio Pedro chamara por elle no meio das suas afflicções.

«— Porque não me foram chamar? disse o Taborda com muita pena.

«E o filho de Antonio Pedro explicou-lhe que eram 3 horas da madrugada quando seu pae fallou n'elle e que não eram horas de o ir incommodar a sua casa.

«Taborda ia alli despedir-se do seu querida amigo. Partia na manhã do dia seguinte para o Porto, e apesar de Antonio Pedro ter estado já muitas vezes á morte e ter melhorado, Taborda tinha

bem o lugubre presentimento de que era a ultima vez que o via, que o abraçava, que era a sua ultima entrevista.

«E foi bem commovente, bem dolorosa essa entrevista suprema, e quando se apartou de Antonio Pedro, Taborda chorava como uma creança!

«Taborda contou-me n'essa noute que dias antes estivera conversando largamente com Antonio Pedro, que muito mal já, tinha ainda muitas esperanças de viver e lhe estivera fallando em representarem juntos, apenas melhorasse, o terceiro acto do *Dinheiro do Anão*, um acto que Antonio Pedro gostava muito de representar e em que, elle e o Taborda tiveram ha annos um successo collossal no theatro do Gymnasio.

«O dia em que vi Antonio Pedro, já quasi moribundo, foi um sabbado, e tres dias antes, na quarta feira ainda elle sahira de carruagem e fôra ao consultorio do sr. dr. Mello na rua Nova do Carmo.

«Apesar de muito incommodado, cheio de agonias, teimára em sahir. O actor Gil que em toda a doença o acompanhou com a dedicação e carinho de irmão mais desvelado, recusou-se a acompanhal-o porque temia que lhe fizesse mal essa sahida; Antonio Pedro porem insistiu e lá foi com um rapaz seu amigo que lhe servia de enfermeiro, porque mesmo por indicação do medico, a familia não se atrevia a resistir aos caprichos do doente, receiando-se que a irritação causada por essa resistencia o matasse fulminantemente.

«Quando n'essa noute sahimos de casa de Antonio Pedro encontrámos mesmo á porta, o Leopoldo de Carvalho, o distincto ensaiador do Gymnasio, que era um dos intimos do grande actor, um dos que elle consultava sempre na interpretação e no estudo dos seus papeis.

«Leopoldo ia para lá, e tinha lá estado na noute anterior até muito tarde e contou-nos, que n'essa noute Antonio Pedro estivera muito agitado fallando muito, mas dizendo disparates, cousas sem nexo, ou que pelo menos eram incomprehensiveis para quem o ouvia.

«A situação! A realidade! Eram as palavras que a cada momento lhe acudiam aos labios.

«No domingo Antonio Pedro melhorou um pouco, na segunda

feira porem peiorou immenso; cahiu n'uma prostração profunda. Ahi pela volta da meia noite disse apontando para tres luzes que estavam accesas na sala:

«— Tres luzes, temos casamento!

«Gil apagou logo uma, para elle não estar a impressionar-se com aquillo. Á uma hora appareceu o stertor; começava a agonia que durou até ás nove horas da manhã, hora a que o infeliz e grande actor soltou o ultimo sopro de vida, sem um arranco, serenamente, docemente como uma luz que se apaga...

«Deus amerciara-se finalmente d'elle e dera-lhe uma morte tranquilla em compensação da sua tormentosa e longa enfermidade.»

GERVASIO LOBATO.

ANTONIO PEDRO

Aqui, aqui dentro ardia
o estro audaz que abarca os mundos.

CASTILHO.

Travando-te da coma laureada,
Te arremessa entre os Tantalos famintos.

FILINTO.

Como um ebrio que marcha allucinado,
Mal distrahindo as alegrias tuas,
Vejo-te ainda triste, esgrouveado
Atravessar em zigue-zague as ruas.

Debil corpo nervoso, friorento,
Um desolado rir mal comprimido,
— Antes o enigma atroz d'algum lamento
Que em tua alma acabasse n'um gemido;

Olhar vago, indeciso, angustioso,
Todo curvado e todo feito d'ossos...
Diria alguem que um sonho tormentoso
Te arrojara de si, como em destroços.

No teu rosto cavado, e amarello
Como o de Christo erguido no Calvario,
Ardia em chamma aquelle eterno sello
Que do homem faz eterno visionario.

Foragido de mundos infinitos,
Sagrado fogo e alma do proscenio,
Tinhas na fronte o sello dos precitos
D'esse dragão de luz que chamam — Genio.

Nas tremendas batalhas de gigante,
Quando arrancavas do teu estro a palma,
Bem se via que o corpo exhausto, arfante,
Era um debil pretexto da tu'alma.

Dobrado horror d'uma visão sagrada.
Que em ti rugia n'um bramir insano!
— Tinhas o genio audaz da gargalhada
E o rouco uivar do soffrimento humano!

No *Saltimbanco*, ó pae desventurado!
Inda agora me assombra, inda me espanta
Esse rugido atroz, despedaçado,
Que te morria afflicto na garganta.

Quando a tu'alma desprendia as azas,
N'um clamoroso arranco triumphal,
Um mar immenso, a vagalhões de brazas,
Se levantava, como em temporal.

E o teu gemido rouco, enorme, intenso,
Quando estalava emfim, quebrando o peito,
Era o de um rio estrepitoso, immenso,
Que arrebentasse em convulsões o leito...

Foragido de mundos infinitos!
Sagrado fogo e alma do proscenio!
Tinhas na fronte o sello dos precitos
D'esse dragão de luz que chamam — Genio.

Poemas portuguezes, pag. 165. Luiz Osorio.

O Dia, de 23 de Julho de 1889:

«*Antonio Pedro* — Se a psychologia estivesse tão adiantada no estudo das suas relações com a physiologia que o bisturi anatomico podesse resolver-lhe os problemas, a cabeça de Antonio Pedro, que esta manhã descançou para sempre no regaço da Morte, devia pertencer á sciencia para ella procurar nos meandros do cerebro humano os orgãos do genio dramatico. Porque, pelo menos nos nossos tempos, ninguem possuiu essa especialissima faculdade, que é ao mesmo tempo um poder de abstracção e um poder de assimilação, em grau tão eminente, tão phenomenal, e em taes condições de absoluta espontaneidade. Diz-se — mas nunca vimos,— que os Conservatorios fazem actores e que a arte faz artistas; pois esse grande artista, que se finou, fel-o só a natureza e com tanto ciume da sua obra que não quiz acceitar collaborações. Antonio Pedro era artista sem querer, sem o saber, quasi *malgré lui,— malgré lui* que tanto se empenhava ás vezes em estragar a sua intuição. Comprehendia pouco e adivinhava tudo; sem ter uma regra, dava exemplos; e sendo incapaz de absorver no seu espirito, pela analyse e pelo raciocinio, a mais modesta concepção d'um dramaturgo, collaborava com elle, não fazendo muitas vezes o seu papel, mas fazendo outro melhor.

—

«Antonio Pedro era, pois, um bello motivo de estudo psychologico, um raro exemplar de especialisação de faculdades. Os criticos que se propunham a julgal-o pelos codigos, acabavam por atirar fóra os codigos para ficarem com as mãos livres para os applausos. Não se pode dizer que fosse um indisciplinado, porque não conhecia a disciplina nem para a desrespeitar; era como que um automato do proprio talento. Precisava de que o sacudissem ou de que lhe puxassem os cordeis para lhe desemperrar as articulações; mas tanto que o impulsionavam, elle ahi ia, á mercê do seu mechanismo interno, que tinha processos para a reproducção de todas as paixões e de todas as sensações humanas, desde o riso jogralesco até ao desespero tragico. Dizem que deveu muito a José Carlos dos Santos, e é verdade; mas deveu-lhe principalmente a confiança, que é a indispensavel parteira do genio, porque era um timido. Por exemplo: Antonio Pedro succumbiu diante do papel do *Saltimbanco,* que veiu a ser depois uma das suas glorias. Na

ante-vespera da primeira representação ainda não tinha descoberto n'elle senão phrases, a muitas das quaes nem ligaria sentido; resava-o de mau humor. O triste Falla-só, o personagem, não tinha nervos, não tinha alma, não era pae nem histrião. O auctor chegou a retirar a peça; mas acudiu n'isto o pobre Santos, e duas palavras d'elle, um conselho, algumas pancadas da sua bengala,— da sua batuta de ensaiador,— nas taboas do palco, transfiguraram o inerte saltimbanco. Em dois dias destacou-se a estatua da pedra bruta, a estatua animou-se e fez-se homem, o homem contorceu-se nos arrancos do amor paterno e nas deslocações da mimica de feira. Quando a creação se ia desenhando e tomando relevo e vulto, o ensaiador observava por vezes: *Não é isso!* — mas era raro que o auctor não preferisse a inspiração do artista ao seu proprio pensamento. E dois dias depois, Antonio Pedro, estonteado, cambaleando de fraqueza e de cançasso, parecendo que estava a desconjuntar-se, com a memoria vacillante, lendo o papel e tomando goles de beberragens tonicas entre os bastidores, fazia-se acclamar por uma platéa a que o seu talento dera choques electricos!

—

«Esse *Saltimbanco,* escripto para elle, creado por elle, morreu com elle, porque nenhum artista possue como elle, nenhum possuirá talvez durante muitos annos, a faculdade de transitar sem esforço da farça para a tragedia, de misturar quasi uma gargalhada com um uivo de dôr; assim como raros saberão associar tão bem no seu trabalho as grandes syntheses com as miudas analyses. Antonio Pedro ora esboçava os seus personagens a carvão, com traços largos e vigorosos e accentuado claro-escuro, ora os desenhava á penna, com um acabamento delicado. O *Paralytico* e os *Solteirões* eram desenhos assim, a traço por traço. Como todos os grandes mestres, tambem elle, só em duas pinceladas ou dois rasgos do lapis, accentuava indelevelmente uma physionomia, dava cunho a um typo: ahi está o famoso coveiro do *Hamlet,* que deixou maravilhado o proprio Coquelin. E as suas caricaturas? Quando elle tinha mão em si e nas suas tendencias para a *charge,* offerecia modelos inimitaveis a Cham e a Gavarni. Era para tudo o seu espontaneo talento; para tudo menos para ser imitado, porque não se lhe imita a organisação. Antonio Pedro tinha uma individualidade, que nunca se obliterava; mas n'essa individualidade

estampavam-se, e tão depressa se estampavam como se apagavam todas as individualidades phantasiadas pelos auctores. Era um cautchuc sensivel, com o condão de determinar as suas fórmas e excitar os seus sentimentos. E o grande artista dramatico tem de ser isto: não acreditamos que haja artes com que a pedra se torne cera branda e o gelo escalde; o que não quer dizer que a cultura não possa aperfeiçoar a natureza. Não se fazem diamantes, mas lapidam-se.»

ANTONIO ENNES.

O Globo, de 24 de Julho de 1889:

«*Antonio Pedro* — Está de lucto a scena portugueza.

«Estas palavras simples e terriveis traduzem uma enorme desgraça nacional que não será facil reparar tão cedo.

«De todos os actores portuguezes elle não era por certo o mais illustrado, mas era com certeza o mais inspirado.

«A sua aptidão natural era tão extraordinaria, o seu poder de assimilação era tão intenso, que para elle não havia difficuldades invenciveis na arte difficil de commover as multidões.

«Original individualidade aquella! Sem educação litteraria, sem estudos especiaes da sua arte, Antonio Pedro devia tudo quanto era á espontaneidade do seu talento e aos recursos inexgotaveis do seu temperamento, ao parecer, apathico, mas subitamente impressionavel e fecundo. Nuvem que dispara raios.

«Antonio Pedro nunca daria um Gil Vicente, um Molière, nem um Shakspeare, embora se lhe abrissem por encanto os repositeiros de côrtes como a de D. Manoel, Luiz XIV e Elisabeth de Inglaterra; mas foi capaz de representar melhor do que elles, e de impressionar tão fundamente pelos imprevistos da sua inspiração assombrosa, como nenhum d'aquelles o saberia fazer.

«O palco portuguez tem muitos artistas de talento, bem disciplinados e entendidos no officio; mas a triste verdade é esta: Antonio Pedro morre sem successão.

«E é exactamente por isso que a sua morte representa uma enorme perda nacional. Começa porem agora a illuminar-lhe a memoria gloriosa a serena luz da Historia.

A partir d'aqui, todos os menores detalhes relativos ao funeral de Antonio Pedro se encontram descriptos em varios jornaes.

Damos na integra alguns dos trechos que dizem respeito a esse funebre acto:

«Antonio Pedro morreu na sala onde se encontram os seus tropheus de gloria e a que elle tanto alludia. D'ali foi levado para uma saleta onde se armou a camara ardente.

«Se é possivel, pode-se dizer agradavel o aspecto do cadaver. A cara apresenta o tom sereno, a expressão que se lhe notava ao acabar de representar um papel violento.

«Veste casaca e tem ao pescoço o collar de S. Thiago. Ao peito tres medalhas de ouro — Dos professores da orchestra do Pará a Antonio Pedro, 1878 — Honra ao merito, 6-9-81, a Antonio Pedro, os seus admiradores de Pernambuco; Honra ao merito, 1878, a Antonio Pedro, a empreza Vicente, do Pará.

—

«Na casa de jantar de Antonio Pedro, o filho d'este, o actor Gil e Leopoldo determinam os convites. A um canto, sentada n'uma cadeira baixa, está uma velhinha septuagenaria chorando — é a mãe de Antonio Pedro.

«N'um gabinete contiguo á sala, a viuva acompanhada da cunhada, da mulher do actor Gil e da nora.

—

«Nas paredes da camara ardente, estavam penduradas todas as corôas que Antonio Pedro recebeu durante a sua gloriosa carreira.

—

«Na salva onde eram depositados os cartões, viam-se nomes de homens importantes nas lettras e na politica.

«O actor Taborda mandou um telegramma do Porto a seu genro para o representar no enterro.

—

«Os operarios do arsenal da marinha e de muitas fabricas de Lisboa pediram licença que lhes foi concedida para sahirem mais cedo afim de se incorporarem no cortejo.

—

«Muitas sociedades dramaticas de Lisboa deliberaram incorporar-se no cortejo funebre.

—

«O sr. José Luciano apresentou-se, como chefe do gabinete dando assim a esta homenagem um cunho perfeitamente nacional.

«Os theatros Principe Real e D. Maria, cobriram as varandas de crepe, em signal de sentimento. E a empreza d'este ultimo mandou collocar uma grande corôa sobre o caixão do illustre morto. Vimos mais: uma corôa de rosas brancas em *biscuit*, do sr. Rosa Araujo; outra, do sr. Sousa Bastos; uma de rosas e amores perfeitos, do actor Gil; de flores de veludo, da empreza do Colyseu; de violetas e amores perfeitos, da companhia de opera-comica do Principe Real, do Porto; de violetas, do sr. Antonio Novaes; de rosas brancas em *biscuit*, da sr.ª D. Alda dos Santos; uma cruz de flores naturaes, da sr.ª D. Laura Seixas; um *bouquet* de violetas do sr. Salvador Marques; uma corôa de missanga branca e preta da viuva e do filho do artista morto; e, para completar esta resenha, um *bouquet* de martyrios e de saudades, com esta inscripção —De tua mãe...

«O corpo foi conduzido até junto á escola municipal, por collegas do fallecido actor. Pegavam ás borlas algumas artistas, entre as quaes pudémos conhecer as sr.ªs Barbara Wolckart, D. Emilia Lopes, Falco e Emilia dos Anjos. Proximo á escola municipal, foi o corpo deposto na carreta da Academia Philarmonica Recreio Artistico, da qual o morto fôra socio fundador.

«Poz-se então em marcha o funebre cortejo.

«Rompia á frente o pendão da Academia Philarmonica, coberto de crepes. Depois o carro funebre, sobre o qual se viam todas as corôas offerecidas a Antonio Pedro nas suas noites de gloria. Depois a carreta conduzindo o morto. Fechava o prestito a philarmonica da Academia acima citada, tocando marchas funebres. Encorporados no cortejo, graves, compungidos, jornalistas, litteratos, escriptores dramaticos, actrizes e actores de todos os theatros de Lisboa.

«A tuna hespanhola actualmente no Colyseu, a orchestra d'aquella casa de espectaculos, e o grupo de artistas que ali trabalham, esperavam á porta do theatro a passagem do cortejo. A orchestra tocava uma marcha funebre de Chopin; os tunos cobriram

de flores o athaude do artista; e a companhia veiu depôr sobre o feretro uma corôa de violetas e amores perfeitos com fitas de seda amarellas e vermelhas, com a legenda — Al eminente artista português Antonio Pedro. Los artistas y empresa de la companhia hespanhola de zarzuela.

«Na passagem a bandeira collocada no alto do circo foi descida a meio pau.

«O feretro parou em frente de todos os theatros por onde passou.»

—

«Se houvesse alguem que se atrevesse a duvidar da enorme popularidade de que Antonio Pedro gosava em Lisboa fosse hontem ás ruas e praças por onde passou o cortejo. Não é possivel calcular os milhares de pessoas que correram de todos os lados da cidade ou para se incorporarem no prestito ou para assistirem ao seu desfilar.

«Por este lado puramente popular o cortejo funebre que seguia ao carro mortuario deixa a perder de vista quantas imponentes manifestações d'este genero se teem feito em Lisboa.

«Nunca realmente vimos assim o povo reunido em tão grande escala, em tão numeroso acompanhamento junto de um ataúde.

«Regorgitavam de gente todas as janellas das ruas de transito, e n'ellas vimos centenas de pessoas limpando os olhos humedecidos de lagrimas.

«Todas as classes sociaes lá se viam representadas, todas as actrizes e actores dos theatros de Lisboa, que se conservam na capital foram dar o ultimo adeus ao seu glorioso mallogrado collega, todos os jornaes estavam representados pelos seus redactores e collaboradores.

—

«Á beira do tumulo usou da palavra o sr. Baptista Machado, que, fazendo ao morto as despedidas finaes, agradeceu aos artistas que até ali foram prestar a homenagem do seu respeito por aquelle que todos podem considerar como mestre, especialisando a gentil delicadeza dos artistas hespanhoes actualmente no Colyseu, que vieram juntar as suas ás nossas lagrimas, as suas ás nossas homenagens, a sua á nossa dôr.

«O sr. José Luciano acompanhou sempre, a pé, o cortejo desde a casa do finado até ao cemiterio.

«Eram 8 horas e um quarto quando sobre o cadaver de Antonio Pedro cahiu a pedra do jazigo.

—

«O sr. Rosa Araujo propoz hoje em sessão da camara municipal, e esta approvou por unanimidade, que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte de Antonio Pedro, e que o seu nome seja dado á primeira rua que se abrir em Lisboa.

—

«*O Occidente*, *Comedia Portugueza* e *Pontos nos ii* mandaram tirar *croquis* do cadaver, camara ardente e casa da travessa das Salgadeiras, onde Antonio Pedro residia.

—

«Os theatros do Porto, em signal de sentimento, deixam de dar espectaculo durante tres dias.»

Quando o cadaver parou em frente do Colyseu, os artistas hespanhoes distribuiram os seguintes versos:

AL EMINENTE ACTOR PORTUGUÉS ANTONIO PEDRO

Como para el genio no existen fronteras,
á España tu nombre la fama llevó;
y si en este pueblo muy querido eras,
mi patria con gusto tu gloria ensalzó.

La muerte ha truncado la senda gloriosa
que el arte á tu ingenio marcó siempre fiel,
y hallaste otra gloria que empieza en la fosa,
de eternas coronas y fresco laurel!

Alli, hasta que el mundo corte su carrera
un rayo de gloria pondrá por ti el sol;
y estará el recuerdo de tu patria entera
unido al recuerdo del pueblo español!

Lisboa, 24 Julio de 1889.

TOMAS RODRIGUEZ.

Antonio Pedro que tinha muita devoção pelo Senhor dos Passos da Graça, trazia sempre comsigo um registo da sua imagem e nunca ia ou vinha do Brazil sem que alli fosse piedosamente.

Entre as inumeras corôas e ramos que recebeu nas suas festas artisticas e em beneficios de caridade contam-se algumas de SS. MM. El-rei D. Luiz I, Rainha D. Maria Pia, El-rei D. Fernando, Imperador do Brazil, etc.

Tanto em Portugal como no Brazil foram-lhe dedicadas muitas composições musicaes pelos distinctos maestros Thomaz Del-Negro, Carlos Braga, F. C. Colás, Stichini, Antonio Tavares da Silva, Sergio Silverio Damasceno, Cornelio Vidal da Cunha, Leocadio Raiol, Marcellino Cleto Ribeiro, F. Legori, E. S. Porto e ainda uma linda composição do chorado bandarilheiro e distincto amador dramatico José Joaquim Peixinho.

Era socio honorario da Associação Philantropica da Emancipação de Escravos do Rio de Janeiro; do Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco: da Associação da Creche de S. Vicente de Paula, no Porto; da Sociedade Protectora dos Artistas Dramaticos no Rio de Janeiro; da Sociedade de Beneficencia de D Luiz I no Porto; da Real Sociedade Portugueza Beneficente do Pará; da Academia Philantropica de Coimbra; do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro; da Sociedade Congresso Dramatico da Bahia;

da Sociedade Portugueza Beneficente do Rio de Janeiro; da Academia Recreio Artistico; das Sociedades Dramaticas Antonio Pedro de Lisboa e Porto e Real Sociedade de Beneficencia Deseseis de Setembro da Bahia.

Marcellino Mesquita, n'um verdadeiro arranco d'alma, dizia na *Comedia Portugueza,* de 27 de Julho de 1889:

«*Antonio Pedro* — A população de Lisboa e sobretudo aquella grande parte que ainda hoje procura no theatro a impressão forte, que aperta o coração: o grito da agonia que faz passar pelo cerebro um relampago de deslumbramento, de syncope: a symptomatologia crua das ultimas horas, os prodromos da morte, como os rapidos impulsos da colera, do odio, do amor, e ainda a encarnação do ridiculo physico e moral, que affasta as maxillas na contracção forçada dos musculos do riso e se impõe como uma caricatura animada, hilariante ao cumulo, supremamente comica; a maior parte de Lisboa, emfim, sentiu hontem um profundo abalo intimo, ao ouvir dizer — morreu Antonio Pedro! — como se diz sentira a côrte de França ao ouvir a celebre phrase de Bosseut — *Madame est morte!*

«É que a paixão humana, no que tem de mais verdadeiro, vulgar e simples e por isso superior, nunca encontrou maior interprete entre nós, ao menos dos que eu tenho conhecido, do que em Antonio Pedro.

«Irregular, descuidado, falto de regras; grande, sublime, genial como nenhum outro. Em scena lembrava o mineiro que vae nas minas de carvão, de habito e facho, rojando-se pelo solo das galerias, curvando-se aqui, levantando-se acolá, rastejando de novo, a incendiar pequenas camadas de gaz, até provocar a grande explosão terrivel.

«Emquanto representava havia aqui e acolá pequenas explosões de talento, de subito a faisca perpassava no cerebro e nós viamos erguer-se como uma evocação medieval, d'uma envergadura tragica, o vulto espantoso de De-Profundis!

«A alma do povo d'onde elle sahira sentia-se dominada perante a exhibição brusca, inesperada, inexplicavel por elle proprio, mas real, genuinamente real, profundamente verdadeira a tocar o horrivel, a dar o tremor, o frio da espinha, o deslumbramento da vista.

«O typo de miseravel ninguem como elle o evocou. A natureza subsidiara-o com um corpo anguloso, esgalgado, cheio de deslocações, de gestos estranhos.

«Era assim que a figura que podia apresentar a extravagancia comica d'uma caricatura burlesca, por essa passagem insensivel do sublime ao ridiculo, arrancava á tetratologia da miseria as creações tragicas, que se somem nos hospitaes e que dão na rampa a impressão profunda do dó, do espanto, da afflicção cariciativa, que se traduz explodindo em lagrimas e bravos!

—

«Á hora em que escrevo as notas desalinhavadas sobre o grande morto, uma multidão enorme enche as ruas onde perpassa lentamente o prestito funebre do grande artista. Como se um alto vulto, d'esses que o acaso, ou o valor, ou a sorte atira aos altos logares da republica, fizesse a sua ultima viagem, em busca do tumulo, a multidão pressurosa accumula-se nas praças e nas ruas.

«Não mentirei se disser que o borborinho alegre, o murmurar da onda popular que se escuta n'um dia de procissão festiva, não se ouvia. Era silenciosa a espectativa geral.

«Havia na multidão, via-se claramente, uma impressão dolorosa, que não arrancava lagrimas, mas que impedia o riso.

«Um preito sincero, espontaneo, verdadeiro, como só podem tel-o e o tem no mundo anonymo da multidão aquelles que sabem gravar-se-lhe no coração pela superioridade na virtude ou no talento. Exclusivamente.

«Ao ver as ruas coalhadas de gente, as janellas apinhadas de cabeças curiosas, o prestito de milhares de pessoas seguindo um caixão, ladeado de mulheres de luto, lacrimosas, um estrangeiro poderia perguntar :— é então o cadaver d'um principe, do filho d'um rei, o que alli vae?

«— Não, amigo, é apenas o do filho d'um penteeiro!

«Como esta resposta consola a alma.»

Almanach dos Palcos e Salas:

«Já lá estão na terra da verdade os dois companheiros de trabalho de muitos annos, os dois amigos inseparaveis, Pereira e Antonio Pedro. Nas epocas em que fizeram parte das companhias das Variedades e do Principe Real, era certo ver-se aquelle *par*, em alegre frescata, nas ceias a deshoras e nas jantaradas fóra de portas. Mas não eram amigos somente para a *Bohemia*, eram amigos sempre,— até no theatro, cousa tão rara no mundo dos bastidores.

«Essa amizade estreitou-se nas representações da *Pera de Satanaz*, Pereira era o *Rei Caramba 27*, Antonio Pedro o inseparavel Vasco. E Monarcha e Escudeiro depois de passarem as passas do Algarve no palco das Variedades, por conta do auctor da magica — Eduardo Garrido,— habituados a soffrer juntos, vieram cá para fóra por conta propria *gozar juntos* tambem.

«Foi n'esse periodo de pandega que ambos os artistas adquiriram as doenças que mais tarde os prostraram. Ambos com pouco intervallo morreram de doenças do coração. Sómente houve uma differença: Pereira foi obscuro para o cemiterio,— como obscuro viveu. Antonio Pedro obteve no seu funeral a mais completa consagração que uma cidade culta pode prestar a um artista genial

«O enterro de Antonio Pedro foi tão imponentemente significativo como foi collossal o seu talento.

—

«Isto está dito por todos, mas no entanto repete-se: — Antonio Pedro era o artista dramatico que mais facil e espontaneamente transmittia ao publico a sensação do que elle queria representar.

«Entrava em scena e o personagem via-se logo; dava uma nota pittoresca á sua voz e movia os musculos da face, rebentavamos a rir; imprimia um ligeiro sentimento á palavra, movia os cantos da bocca, contrahia ligeiramente os sobr'olhos — e a commoção apoderava-se de nós!

«Vimol-o horas antes de morrer. Apresentava todos os symptomas da doença que fatalmente o prostrou. Estava na sua sala, sentado sobre um sofá, recostado ás almofadas, agitando-se pelas angustias do coração; outras vezes a cabeça pendia-lhe para o peito, como que já dominado pelo eterno somno da Morte; as pernas

estavam inchadissimas, a cara livida... as mãos lentas; o peito arfava ao impulso d'aquelle grande coração que se despedaçava lá dentro.

«Em volta da sala a familia assistia enternecida áquelle desen-

lace. O filho, de joelhos, junto do enfermo, offerecia-lhe uma chavena de leite, que o doente tentava, mas não conseguia engulir.

«Approximei-me e fallei-lhe:

«— Antonio... estou aqui, eu... olha...

«Antonio Pedro levantou effectivamente a cabeça, e a sua physionomia pallida, com os olhos pasmados, a bocca entre-aberta, deu-me a dupla sensação de que a morte se lhe approximava e de que elle agora é que estava reproduzindo a agonia do *Paralytico!*

«Ainda me conheceu, o grande artista; com a lingua entaramelada e a voz quasi a extinguir-se, murmurou que... pela manhã estivera muito mal, mas que se achava áquellas horas, mais alliviado!

«Triste illusão!

—

«Quando nos despedimos de Antonio Pedro, n'um impulso d'amor e de dó, beijamos-lhe a mão. Ficou indifferente; começava a estar insensivel.

«E atravez das lagrimas que nos mareavam os olhos, vimos pela ultima vez aquelle grande actor, cuja vida se lhe extinguia no meio da sua familia, aquillo que elle mais estimara no mundo, e rodeado das suas corôas, testemunhos da sua gloria, o que elle mais apreciou no theatro.»

XAVIER DE MELLO.

O Povo, de 28 de Julho de 1889, Chaves:

«*Antonio Pedro* — Extinguiu-se o talento mais notavel e brilhante, que n'estes ultimos tempos ornou pujantemente a scena portugueza.

«Morreu o grande actor Antonio Pedro, considerado por todos os escriptores o primeiro actor portuguez!

«Está portanto de luto essa arte tão brilhante, e com ella todos os que veneravam essa reliquia, esse genio, que tão bellos momentos proporcionou no theatro nacional!

«Que recordações e saudades se acham ligadas a este nome, que echoa no nosso espirito despido de qualquer macula, circundado por tantas glorias, triumphos e respeitos.

«É que Antonio Pedro além de ser um artista de excepcional merecimento, era ao mesmo tempo dotado d'um temperamento bondoso, affavel e sincero para com tudo e todos.

«As plateias populares adoravam-n'o, porque elle conscio do seu valor não se pavoneava e os seus respeitos e attenções eram as mesmas, quer em frente d'um rei, quer na presença de qualquer obscuro trabalhador.

«Para qualquer espectaculo de beneficencia o seu coração e auxilio estava sempre ao lado dos desherdados da fortuna, por isso a grande alma popular adorava-o e estremecia-o.

«O sentimento do povo tem d'estes arrebatamentos, quando se trata sempre de coroar aquelles que dignamente sabem honrar pelo seu talento, a patria de que são filhos.

«Elle era grande e bondoso, e por isso o enthusiasmo com que nos fez rir tantas vezes, transforma-se hoje em doloroso sentimento, fazendo brotar de nossos olhos, as lagrimas sinceras da saudade, que nos deixa o seu desapparecimento e convivencia.

«Paz á sua alma!»

JORGE BOAVENTURA.

O Malcreado, de 28 de Julho de 1889:

«*Antonio Pedro de Sousa* — Á memoria do grande artista, grande pelo talento e pelo coração, as nossas sinceras e intensas saudades.

«Mais uma gloria nacional fanada; mais um honrado caracter desapparecido; mais um animo nobre roubado á sociedade pela lei implacavel da Morte!

«A magnitude do sentimento estanca nos a verbosidade · a dôr verdadeira é silenciosa.

«*O Malcreado,* rende homenagem ao vulto illustre, que baixou á campa e não encontra palavras assaz eloquentes para definir a magua que o punge.

«Registamos o triste facto com o mais entranhado pesar.»

Diario Illustrado, de 31 de Julho de 1889:

«*Á memoria do insigne actor Antonio Pedro* — Do filho do fallecido e eminente actor José Carlos dos Santos, o sr. Henrique Carlos dos Santos, mancebo talentoso e applicado, acabamos de receber a seguinte primicia litteraria, que gostosamente publicamos.

«O titulo do soneto é o que nos serve de epigraphe:

Qual um astro que sulca a esphera rutilante
E deixa no trajecto um rasto luminoso...
Assim do genio teu o vulto magestoso
No palco assignalou um trilho bem possante!

Á tua apparição, n'um extase de goso,
Soltava a sala toda um riso inebriante!
O applauso ia beijar, n'um amplexo gigante,
O triste Falla-Só — palhaço rancoroso —!

A Arte está de luto, o palco abandonado,
Ao ver que um filho seu já foi arrebatado
Pela funerea morte em funerario manto...

E tu que já passaste á vaga Eternidade
Permitte-me que, envolto em Crepes de saudade,
Desfolhe este *bouquet:* As bagas do meu pranto!...

27-7-89.

Damos ainda o magistral artigo que Gervasio Lobato escreveu em *O Occidente*, de 11 de Agosto de 1889:

«Quando ha mezes se inaugurou no salão de entrada do theatro de D. Maria II o busto da grande actriz portugueza Emilia das Neves, nós dando noticia aos nossos leitores d'essa justissima homenagem prestada á memoria d'uma das suas mais extraordinarias artistas, que tem havido na nossa terra, mostrámos o nosso desejo de que se pagassem outras dividas não menos sagradas que

temos em aberto, a começar pela que devemos á memoria gloriosa de José Carlos dos Santos.

«Um busto de marmore não exige as sommas elevadas d'uma estatua monumental, e uma unica recita em que collaborassem todos os artistas, uma recita bem organisada, bem dirigida, bem annunciada, em uma sala de grandes dimensões como a de S. Carlos, bastaria para cobrir todas as despezas a fazer com essa obra de gratidão e de justiça.

«O meio parecia-nos e parece-nos facil, a idéa justissima: entretanto ninguem mais fallou em tal, nunca mais depois d'isto se tornou a fallar em monumentos a artistas, em homenagem aos nossos grandes actores mortos.

«Agora a morte de Antonio Pedro reviveu o assumpto.

«Perante o grande artista morto, os seus amigos mais intimos, os admiradores mais enthusiastas do seu extraordinario talento, uniram-se no pensamento commum e louvavel de prestar uma homenagem publica á memoria querida do illustre morto e de, por meio d'um monumento qualquer, d'uma estatua, d'um busto ou d'um medalhão, perpetuarem a sua memoria gloriosa, recordarem aos contemporaneos e fazerem conhecidas aos vindouros as feições e a physionomia d'esse immortal artista que tão grande foi na sua terra e na sua arte.

«Temos a honra de fazer parte do grupo d'esses amigos e admiradores de Antonio Pedro, e fomos os primeiros a lembrar essa homenagem, cuja idéa aliás estava no espirito de todos, o que se prova exhuberantemente pela promptidão com que a ella se associaram os amigos do grande actor, os homens mais eminentes do theatro e do jornalismo portuguez.

«Admiradores devotissimos do talento brilhante de Antonio Pedro associamo-nos do coração a todos os testemunhos de deferencia e a todas as homenagens de consideração pela sua memoria querida e illustre; todavia desejariamos que essa homenagem tivesse um caracter essencialmente artistico e que podesse collaborar um dia na grande homenagem que entendemos Portugal ter o dever de prestar não isoladamente a um ou outro artista dramatico, mas sim a todos aquelles que pela sua grandeza e pela sua influencia no nosso theatro tem o direito incontestavel á sua glorificação nacional.

«No salão do theatro de D. Maria estão dois bustos defrontando-se: o de Garrett e o de Emilia das Neves. Ambos elles tem direito sagrado a estar n'aquelle theatro, que tanto illustraram com o seu genial talento, mas não são só esses bustos que teem direito a estar alli, e se foi uma justiça collocar no salão do theatro de D. Maria o busto de Emilia das Neves, é uma injustiça não collocar ao lado d'elle o d'outros artistas não menos grandes, que foram tambem a honra e a gloria da scena portugueza.

«N'essa galeria de celebridades de que o nosso primeiro theatro seria uma especie de Pantheon nacional, tem incontestavelmente um logar de honra o grande actor cuja morte recente o paiz chora — Antonio Pedro — e parece-nos que não poderia haver homenagem mais grata á sua memoria mais propria do grande artista do que collocar-lhe o seu busto de marmore n'esse theatro, que por muitas noites elle illuminou com a luz deslumbrante do seu genio; n'esse theatro onde elle fez uma das creações mais assombrosas da sua gloriosa carreira artistica — *O Paralytico* —, aquella que o transformou de um grande comico em um grande comediante.

«O mausoleu-monumento no cemiterio dos Prazeres não se nos afigura ter significação alguma.

«Um tumulo por mais rico que seja, n'um cemiterio municipal onde a terra se compra aos palmos, toda a gente pode ter; prova apenas que quem o mandou fazer tinha dinheiro para comprar o terreno, para comprar a pedra, para pagar a mão d'obra.

«Alem d'isso os actores teem no cemiterio dos Prazeres dois jazigos, um do Estado, um pantheon que se fez por iniciativa de Francisco Palha, o eminente homem de lettras, e outro pertencente ao monte-pio dos actores.

«Dizem-nos que o Pantheon está n'um estado vergonhoso e mesmo irreverente de ruina, porque o ministerio das obras publicas recusa-se a mandal-o reparar; que se trate d'isso, que se faça com que o governo mande restaurar esse jazigo official dos actores de D. Maria e os restos mortaes de Antonio Pedro não poderão estar melhor do que ao lado de Santos, Tasso, Delphina, Manuela Rey, collegas que elle tanto amou e respeitou na vida.

«E dormindo o grande somno na camaradagem d'esses seus confrades gloriosos, como ao lado d'elles conquistou na lucta os seus maiores triumphos, Antonio Pedro tera então o seu monu-

mento de gloria, no salão do theatro de D. Maria, onde o terreno não se compra a tantos réis o metro, mas onde só o conquista o talento.

«Se a biographia do homem e do actor é facilima de fazer, o estudo critico do artista é um trabalho difficilimo e que se não faz assim d'um momento para o outro sobre o joelho.

«O seu talento complexo, cheio de continuas surprezas deslumbrava e desnorteava a critica.

«Antonio Pedro era um actor enigma; havia sempre tanto de imprevisto no seu trabalho, que como muito bem dizia d'elle outro grande artista o Izidoro, que o admirava immenso: — Era de ficar a gente de bocca aberta!

«Alguns artigos escriptos por occasião da sua morte apresentam-n'o sob um aspecto inteiramente falso, como um actor de acaso, que não se importava com os seus papeis, e que deixava tudo á inspiração de momento, ao que *calhava*.

«Antonio Pedro era inteiramente o contrario d'isto: e appello para o testemunho de todos que o conheceram de perto, dos auctores e traductores que para elle escreveram, dos ensaiadores que o ensaiaram.

«O extraordinario artista não tinha nenhuma educação litteraria, não era um theorico, não sabia na ponta da lingua o seu Aristippe, nunca folheara o Samson, não decorára o Breviario de Damicus, nem discutia o paradoxo de Diderot é certo, mas preoccupava-se muito com os seus papeis, estudava-os cuidadosamente, trabalhava como aquelles que trabalhavam, fazia da sua arte uma arte a serio, procurava no conselho dos que sabiam, a sciencia que lhe faltava, tinha como poucos, o dom da observação, esse dom essencial n'uma arte toda imitativa como é a arte dramatica, tinha, como raros, a vontade de aprender, a docilidade para consultar opiniões alheias, o criterio, o instincto theatral, para aproveitar d'essas opiniões o que era sensato, o que era verdadeiro; e tinha, como nenhum, o talento, o genio, para assimilar todas essas theorias, todos esses conselhos, todas essas opiniões e fazer com ellas essas creações magistraes, essas obras primas da arte de representar, que se chamam o Vauctroix, o Judeu, o Saltimbanco, o Paralytico, o Sineiro da *Patria*, Pedro Ruivo, o Anselmo do *Tartufo*, o Sargento do *João o Carteiro*, o De-Profundis, o Inglez da *Martyr*, o Coveiro do *Hamlet*.

«O que havia de imprevisto no seu trabalho era imprevisto para o publico que o via, mas não o era para elle que calculara todo o seu trabalho e estudara todos os seus effeitos.

«Poucos actores tem havido no nosso theatro que se preoccupassem tanto com os seus papeis como Antonio Pedro, que trabalhassem tanto os seus personagens.

«Muitas vezes ao principio elle não os via e com algumas das suas mais gloriosas creações aconteceu isto, como por exemplo com o *Paralytico* e com o *Sargento-Mór de Villar*.

«Quando Santos lhe deu para ler o *Paralytico*, Antonio Pedro disse terminantemente que não o fazia, que não era papel para elle.

«Santos, que o conhecia bem, e que com o seu olhar d'aguia adivinhara o extraordinario actor dramatico que havia dentro d'aquelle desopilante actor comico, que previra as lagrimas verdadeiras que podia fazer chorar, aquelle actor que todas as noites nos *Solteirões* fazia chorar o publico a rir, não desistiu. Como emprezario impoz-lhe o papel, e depois como ensaiador explicou-lh'o, fez-lh'o ver. Antonio Pedro viu-o então immediatamente, metteu-se dentro d'elle, com essa arte excepcional que elle tinha para se adaptar ás individualidades mais deficientes e o *Paralytico* marcou na carreira triumphal de Antonio Pedro uma das suas datas mais gloriosas.

«Com o *Sargento-Mór de Villar* deu-se a mesma cousa.

«Leopoldo de Carvalho, um dos grandes amigos de Antonio Pedro ensaiára no Porto uma peça e vendo no papel de De-Profundis um papel magnifico para elle, trouxe a peça do Porto quando veio para o Gymnasio ensaiar.

«Antonio Pedro foi para á companhia do Gymnasio e Leopoldo deu-lhe a peça para ler.

«D'alli a dias Antonio Pedro encontrou Leopoldo no largo do Pelourinho e disse-lhe que tinha lido dois actos mas não gostava da peça nem do papel.

«Leopoldo calou-se, mas dias depois jantando com Antonio Pedro voltou a fallar-lhe do *Sargento-Mór* e descreveu-lhe minuciosamente o papel de De-Profundis.

«Antonio Pedro ficou um bocado silencioso, como que digerindo o que Leopoldo lhe dissera; e depois disse-lhe:

«— É bom é, sim senhor. Não tinha visto bem isso! É muito

bom. Dá cá a peça. No dia immediato Antonio Pedro declarava ao Leopoldo que fazia a peça, e quando foi ao primeiro ensaio já sabia todo o papel de cór, e muitas vezes, já nos ensaios de apuro, elle ia á tarde sósinho com o Leopoldo para o palco do Gymnasio apurar as suas scenas.

«Veem já por isto que é authentico, como são phantasticas as versões que fazem de Antonio Pedro um actor de acaso.

«Outro exemplo:

«Quando se representou em D. Maria o *Rabagás* de Sardou,

Antonio Pedro teve um papel pequeno, uma rabula, o papel d'um carroceiro communista de que elle fez uma creação magistral, que teve as honras da peça.

«O typo que Antonio Pedro apresentou era extraordinario.

«Pois era copiado *d'après nature:* Antonio Pedro viu o seu personagem e andou á procura d'um modelo.

«Encontrou-o na Praça da Figueira; um passarinheiro que alli havia de barba ruiva, um verdadeiro typo que fôra em tempo porta-machado do 16.

«Antonio Pedro passou dias e dias a estudal-o, a apanhar-lhe todos os seus feitios, todos os seus tics. Depois accommodou esse typo ás exigencias do seu personagem, metteu-se-lhe dentro e o successo do *Rabagas* foi para elle, que apenas dizia duas palavras e em que ninguem pensára.

«Com o *Bébé* usou do mesmo processo, processo que aliás usava muitas vezes; mas então o modelo que elle foi buscar era um modelo muito grotesco e bem conhecido de Lisboa e com a sua veia comica extraordinaria, Antonio Pedro não teve mão em si, foi atraz do choro, puxou o modelo até aos limites da caricatura e d'ahi essa creação funambulesca do professor do *Bébé*, essa charge desopilante de opera burlesca que deu ao *Bébé* um successo colossal.

«Com esta peça deu-se um caso originalissimo e creio que unico em theatro: o papel de professor foi todo falseado por Antonio Pedro; a gente morria a rir com elle, mas percebia que o personagem não era aquelle, e que pelo contrario todo o comico do papel e da situação devia estar exactamente na seriedade e na gravidade d'esse professor, de que Antonio Pedro fizera um grotesco phantastico, e entretanto é certo que apesar de toda a sua graça, a comedia não teria entre nós a terça parte do successo que teve, se o papel de professor tivesse sido interpretado como devia sel-o.

«O erro da interpretação de Antonio Pedro, foi como aquelle erro de imprensa celebre na historia litteraria da *Rose* de Malherbe.

«Entretanto foi a essa charge inaudita que Antonio Pedro deveu a unica sensaboria da sua carreira e o seu insuccesso em Madrid.

«Noites antes de alli ir a companhia portugueza o *Bébé* tinha sido representado por uma companhia parisiense.

«Os madrilenos conheciam portanto a peça e tinham visto como

o papel devia ser interpretado; apparece-lhes Antonio Pedro, que elles não conheciam, faz-lhes o papel inteiramente ao contrario e o publico e a critica de Madrid, não querendo saber se o papel ganhava em graça em ser feito com aquella exhuberante e espantosa veia comica, e sabendo apenas que não era assim, censuraram asperamente o grande artista portuguez.

«A gloria enorme de Antonio Pedro, podia bem com essas censuras e os triumphos colossaes que elle durante toda a sua brilhante carreira conquistou em Portugal e no Brazil, as ovações ruidosas que o acompanharam em todas as suas creações, não deixaram sequer beliscarem-lhe o seu justissimo amor proprio de artista essas alfinetadas d'um publico que o não conhecia, que não fallava a sua lingua e que o via pela primeira vez em um papel, que sendo um dos seus mais festejados successos, elle todavia não considerava nunca entre os seus melhores papeis.»

ANTONIO PEDRO

Não só foi o constante sonhador
na gloria que o Futuro lh'offertava,
mas foi um honrado artista um luctador
que só pelo trabalho se elevava.

O Genio, a Intelligencia e o Labor,
teceram-lhe a grinalda que o c'roava;
p'ra grande ser em tudo, até na dôr,
foi grande até na hora em que expirava!

Nascendo fraco e humilde fez-se forte,
luctando sempre co'os vaes-vens da sorte,
comquanto nunca fosse ambicioso;

Seguiu-o até á campa a nobre gloria,
seu nome é mais um facho para a historia,
seu nome é para a scena bem saudoso.

(*Um baralho de actores*, folheto publicado em 1890).

Fallecido Antonio Pedro em breve se organisou uma grande commissão, composta de amigos do chorado artista, com o fim de levantarem um mausoleu em derradeira homenagem ao seu talento.

A este respeito publicava o *Diario de Noticias,* de 7 de Agosto de 1889 a seguinte carta:

«*Homenagem a Antonio Pedro* — A commissão executiva nomeada pelos amigos e admiradores do actor Antonio Pedro, em sessão de assembléa geral do 1.º do corrente, para obter os meios de erigir um tumulo aos restos mortaes do malogrado artista, e de minorar ao mesmo tempo as precarias circumstancias da sua familia, resolveu, para começar a desempenhar o seu mandato, rogar á imprensa periodica d'esta capital se digne patrocinar a subscripção publica já aberta para o mencionado fim, consentindo, como prova da sua adhesão valiosissima á meritoria obra, em abrir nas columnas dos seus respectivos orgãos lista para a mencionada subscripção, honrando-o, outro sim, cada um d'elles com o donativo que as suas illustradas redacções se servirem offerecer.

«Deus guarde a v. , sala da commissão executiva, em 2 de Agosto de 1889.— Sr. director do jornal *Diario de Noticias.*— O presidente, Manuel Pinheiro Chagas; vice-presidente, Pedro Wenceslau de Brito Aranha; thesoureiro, José Gregorio da Rosa Araujo; os secretarios, Saturnino de Andrade e Francisco Franco.»

—

«Satisfazendo da melhor vontade ao pedido da commissão executiva, que vae empregar todos os meios para que a subscripção tenha o mais lisongeiro resultado, declaramol-a desde hoje aberta n'esta folha.

«A redacção do *Diario de Noticias* subscreve com 18$000.»

—

«Reuniu hontem á noite, em casa do sr. Rosa Araujo, a commissão executiva que trata dos meios de desenvolver a subscripção a favor do monumento funebre á memoria do grande actor Antonio Pedro e de colligir donativos para a familia d'este artista.

«Tomou diversas deliberações. Entre ellas figurou a de começar com actividade os trabalhos preparatorios para o beneficio no Real Colyseu e de promover a subscripção no Brazil com a cooperação das benemeritas associações a que pertencera Antonio Pedro e que decerto não deixarão de corresponder ao appello que se lhes vae fazer.

«A seguinte reunião é no dia 14, ás 8 horas e meia.»

Os *Pontos nos ii* do dia 8 do mesmo mez accrescentavam:

«*Mausoleu para Antonio Pedro* — Mesmo junto ao sepulchro d'emprestimo onde foram encerrados os restos do nosso grande comediante, os amigos accordaram em solicitar da benevolencia publica soccorros com que erigir lhe um monumento funebre condigno.

. . . . . .

«Os *Pontos nos ii* seguindo o exemplo dos seus collegas da imprensa, abrem nos seus escriptorios a lista da subscripção para as despezas do monumento a Antonio Pedro e assignam por sua banda com 4$500 réis.»

Com estas adhesões valiosissimas, era de esperar que o projectado espectaculo seria uma noite de verdadeira festa, como effectivamente o foi.

Tanto o sr. Sousa Bastos como a actriz Pepa que estavam em Paris, telegrapharam á commissão participando a sua proxima volta afim de entrarem na composição do programma.

Alfredo de Carvalho bem como outros artistas, ao tempo trabalhando no Algarve, tambem regressaram á capital animados pelas mesmas intenções.

D'esta forma tudo parecia ir a bom caminho. As reuniões succediam-se e os esforços amontoavam-se para levar a bom fim tão sympathica iniciativa.

No dia 29 reunia mais uma vez a commissão executiva e do que lá se deliberou conta o *Diario de Noticias* do dia 30:

«*Homenagem a Antonio Pedro* — Reuniu hontem a commissão executiva, no gabinete da direcção do Colyseu, presidindo o sr. conselheiro Pinheiro Chagas. Estavam presentes os srs. Rosa Araujo, Gomes de Brito, Lorjó Tavares, Taborda, Leopoldo de Carvalho, Porfirio de Mello, Saturnino de Andrade, Francisco Franco e Brito Aranha.

«Assistiram á sessão os vogaes da grande commissão, srs. Santos Junior, director do Real Colyseu e Sousa Bastos. Esteve egualmente presente a distincta actriz Pepa.

«O sr. Pinheiro Chagas declarou que o illustre poeta, sr. Lopes de Mendonça, compozera e lhe offerecera, para ser recitada em a noite da recita extraordinaria, uma formosa poesia *Saudade e gloria*, dedicada ao grande actor Antonio Pedro.

«Ficou resolvido que o dia da recita extraordinaria e unica no Colyseu, seja no dia 12 do mez que vae entrar; devendo para esse fim reunirem-se todos os elementos que concorram para o bom exito d'esta recita.

«O preço dos camarotes grandes será de 9$000 réis; o dos camarotes pequenos de 6$000 réis; o das cadeiras, sem distincção de logar, 1$000 réis, marcando o logar, mais 100 réis. Entrada geral 200 réis.

«Não se alterou o preço da geral, por se saber que a maior concorrencia alli é de pessoas das classes laboriosas e outras, pouco abastadas, que aliás tambem teriam desejo de ir ao espectaculo em homenagem a um artista, como Antonio Pedro, que tão querido e festejado fôra do povo.

«O sr. Brito Aranha, por parte da Associação Musical 24 de Junho, participou que os distinctos professores, que fazem agora parte da orchestra no Colyseu, desejavam cooperar na recita extraordinaria e para isso se declaravam á disposição da commissão executiva.

«O sr. Santos Junior, em nome da empreza que representa declarou que todas as despezas com empregados menores e outras que são do encargo diario da empreza, correriam n'essa noite por conta da mesma.

«O sr. Salvador Marques mandou declarar que o scenario e os accessorios, do theatro da Rua dos Condes, para o desempenho da revista *Tim tim por tim tim*, estavam á disposição da commissão.»

Foi pois com todos estes elementos, de primeira ordem, que a alta homenagem se effectuou na vastissima sala de espectaculos do Real Colyseu, na noute de 12 de Setembro de 1889.

Abriu esta recita uma marcha dedicada pelo maestro Stickini á memoria de Antonio Pedro, apóz a qual foi recitada a seguinte poesia do illustre escriptor Lopes de Mendonça:

SAUDADE E GLORIA

«Pobre Yorick! — Horacio, eu conheci-o bem.
Rara imaginação, graça como ninguem!
Os labios onde eu puz, ai! quantos beijos, quantos!
Pendiam n'esta ossada! — Onde param teus cantos?
Teu chasquear alegre? os subitos lampejos
Que esfusiavam na mesa, em todos os festejos?
Nem um, para zombar do lugubre arreganho
Que os teus dentes agora abrem n'um riso estranho?
Vê lá se inda és capaz de fazer rir a dama,
Que no seu toucador se pinta e se recama,
Amostrando-lhe o estado a que ella chegará;
Vê lá se inda és capaz de a fazer rir, vê lá!»

Assim fallava Hamlet, ainda não ha muito,
Sobre as taboas de um palco, aqui perto de nós;
Era o coveiro então, por acaso fortuito,
O actor de quem agora emmudeceu a voz.

Ultima creação d'esse genio expontaneo,
Singelo mas potente, ingenuo mas robusto;
Luz brilhando, segura e fulgida, n'um craneo
Onde a sciencia humana entrava a muito custo.

Estranha anomalia! insondavel mysterio!
Que um 'spirito, amarrado á terra por algemas
De candida ignorancia, erguesse o vôo ethereo
E se librasse da Arte ás regiões supremas!

Como a concha rugosa, esverdeada e feia,
Que guarda no seu seio as perolas brilhantes;
Como a rocha tristonha, onde se occulta a veia,
Preciosa e feraz, dos rutilos diamantes;

Assim d'aquelle olhar immerso na penumbra,
D'aquelle aspecto rude e d'essa voz rouquenha,
Irradiava a luz que arrebata e deslumbra,
Como se a aza de Deus roçasse n'uma penha.

E nada ficou d'elle! E quando se extinguir
O echo d'aquella voz nos antros da memoria,
Perguntarão talvez as gerações por vir
De que fulgurações se formou essa gloria!

Por isso é que eu relembro os funebres gracejos
Do heroe de Shakspeare: Onde param teus cantos?
Teu chasquear alegre? os subitos lampejos
Que esfusiavam no palco? os commovidos prantos,
Os arrancos de dôr, cujo fremito erguia
Nas almas não sei que voluptuosa agonia?

Tudo extincto! apagou-se a chamma feiticeira
Que assombrava a platéa! E assim ha de acabar
A memoria do actor, como a fulgente esteira
Que rasga o mar profundo e apaga logo o mar.

Mas ella dura ainda, essa lembrança, immole-a
Embora em curto prazo o Tempo assolador;
Nos nossos corações, como n'uma harpa eolea,
Vibra ainda, e persiste, a voz do grande actor.

Ondula o cyprestal junto á funerea lousa...
Pudesse elle chover sobre a campa modesta
As gotas cordeaes de pranto, que mal ousa
Pelas faces correr, no meio de uma festa.

Talvez que o pobre actor, sentindo o refrigerio
D'esse orvalho celeste, estremecesse ainda,
Como para dizer, das sombras do mysterio:
«Pode a gloria esvair-se! a saudade não finda!»

—

E emquanto o actor Posser, lenta, solemnemente, declamava commovido a sentimental poesia, os artistas de todos os theatros de Lisboa, alli reunidos por uma vontade commum, prestavam ao collega morto um preito de saudade, unico e altamente sympathico, rodeando-lhe o retrato circundado por todas as corôas e bouquets que em vida recebera, e que recordavam saudosamente as suas noutes de gloria.

Eis como o *Diario de Noticias,* de 13 de Setembro soube bem descrever o que se passou no Colyseu:

«*Homenagem a Antonio Pedro* — A enchente hontem no Real Colyseu foi das maiores que se tem visto ali.

«O espectaculo correu muito bem e todos foram enthusiasticamente applaudidos. A distincta e graciosa actriz Pepa teve uma ovação.

«Tambem foi acolhida com geraes applausos a recitação da mimosa e sentimental poesia do sr. Lopes de Mendonça, pelo estimado actor Posser.

«Durante o preito dos actores ao que enchera de gloria a scena portugueza, os espectadores conservaram-se de pé e descobertos Foi scena commovente.

«Na geral via-se tambem grande numero de senhoras.

«Os preços dos bilhetes subiram muito. O Colyseu devia ter hontem mais de 4:000 pessoas.

—

«No decorrer do espectaculo e no fim da representação do *Tim tim por tim tim* foram chamados innumeras vezes ao proscenio a Commissão, o grande actor Taborda, Lopes de Mendonça, Santos Junior, Posser, Stickini, Sousa Bastos, Pepa, Guilhermina de Macedo, Alfredo de Carvalho, orchestra, e emfim todos que tomaram parte n'este significativo acto.»

Depois de tantos esforços, parecia que seriam coroados do melhor exito os nobilissimos desejos de tantos e tão sinceros amigos do fallecido artista.

Mas... quando menos se esperava, uma grande catastrophe veio mudar o curso dos acontecimentos, lançando no abysmo do Improficuo tudo quanto de util se houvera conseguido.

Morrera Rosa Araujo e com elle o recurso com que até então se contara.

O Tempo, de 16 de Fevereiro de 1894 fallava assim:

«*Antonio Pedro* — Para o levantamento de um mausoleu em homenagem a este eminente artista, cujo nome jámais se apagará da memoria de todos os que o conheceram e admiraram, foi em tempo constituida uma commissão cujo thesoureiro era Rosa Araujo. Para esse fim promovera um beneficio no Real Colyseu de Lisboa, que produziu a verba necessaria para a realisação de tão louvavel idéa.

«Por motivos que desconhecemos, Rosa Araujo nunca chegou a prestar contas, dando em resultado que pelo seu fallecimento a referida verba fosse envolvida na massa fallida, ficando assim a commissão inhibida de realisar o seu intento.

«Felizmente, porém, está prestes a ser resolvido este assumpto, visto que o tribunal encarregado do julgamento deverá constituir-se brevemente e fará com certeza justiça.

«A importancia obtida deve ser considerada como uma cousa sagrada, e respeitada como uma divida acima de todas as outras.»

Devia ser... mas não foi.

Apesar de na sentença do processo ter sido considerado este credito como *privilegiado,* nada se podia fazer por não se encontrar dinheiro algum que chegasse sequer para as despezas do tribunal!

D'esta fórma apagava-se a esperança suprema fazendo ruir sobre o tumulo do artista a obra moralmente gigantesca para que tanto e tanto haviam contribuido desinteressadamente collegas, jornalistas, homens de lettras, amigos e admiradores do modesto actor Antonio Pedro.

Annos depois

A *VANGUARDA*, de 26 de Julho de 1893:

«Celebrou-se hontem no Porto a missa mandada resar pela sociedade dramatica Antonio Pedro, na egreja dos Terceiros do Carmo, em commemoração do anniversario da morte do grande actor.

«Copiosa concorrencia de artistas e amadores dramaticos.

«O sr. Eduardo da Fonseca prestou-se generosamente a abrilhantar o acto, executando no orgão uma composição funebre, e a sr.ª D. Severina Lapierri Badoni executou a aria de Stradella.»

O Seculo, 1901:

«Passa hoje o 12.º anniversario da morte do nosso grande actor Antonio Pedro, que foi, sem duvida, uma das mais refulgentes glorias da scena portugueza.

A Tarde, 1902:

«Como nos demais annos não passou despercebida a data do passamento de Antonio Pedro, que foi incontestavelmente uma

das nossas mais gloriosas individualidades do theatro, n'estes ultimos tempos.»

A Epoca, 1903:

«Passa hoje o 14.º anniversario da morte de Antonio Pedro, o gloriosissimo actor, cujo desapparecimento representa para a Arte portugueza uma perda verdadeiramente irreparavel.

«Não é sem certa commoção que lançamos ao jornal esta luctuosa ephemeride. E n'isto, vae um pouco do egoismo de quem vê desapparecer os grandes e lhe sente a falta...

O Diario, 1903:

«Passa hoje o 14.º anniversario da morte do glorioso actor Antonio Pedro, que foi, incontestavelmente um dos luminares da scena portugueza no seculo que ha pouco findou.

«Todos os que o conheceram se lembram, decerto com pungente saudade com que nós nos lembramos, do modo tão seu, tão caracteristico e tão notavel como elle representava o *Paralytico* e o *Bébé,* especialmente, e em geral todos os papeis, ainda os mais insignificantes que lhe eram distribuidos.

«Todos esses terão hoje para com a sua memoria uma lembrança piedosa, preito de justa homenagem ao artista que tanta vez applaudiram com phrenesi.»

O Seculo, 1904:

«Passa hoje o 15.º anniversario da morte do grande actor Antonio Pedro de Sousa, o grande artista que foi uma das maiores glorias da scena portugueza nos ultimos tempos.

«O logar proeminente que elle occupou ainda não foi prehenchido, nem é provavel que o seja breve; porque actores como Antonio Pedro, de tão raras faculdades, só apparecem de muito longe em longe.

«D'elle disse um illustre dramaturgo que a sua cabeça deveria pertencer á sciencia, tão extraordinario era o seu cerebro, que

comprehendia sempre mais do que lhe ensinavam, que se elevava além de si proprio, que adivinhava o que não estudara.

«Os que sentiram a mais profunda emoção ao ouvil-o e vel-o no *Paralytico*, no *Saltimbanco*, no *Sargento-Mor de Villar*, nos *Ladrões de Lisboa*, na pequenina personagem do coveiro do *Hamlet* e n'outros papeis dramaticos; os que riram com elle no *Conductor d'omnibus*, no *Bébé*, nos *Casamentos ricos*, na *Prima Francisca* e em centenares de comedias e scenas comicas, nunca o poderão esquecer.

«Provado está que a gloria de um actor não é tão ephemera como se diz, e que a fama de um nome valioso se transmitte de paes a filhos.»

Diario Illustrado, 1907:

«*Recordando um morto* — Faz hoje 18 annos que seguia pela Avenida um imponente cortejo funebre ao qual se associava o governo, pelo seu presidente, indo todos a pé, para o cemiterio Occidental.

«O cadaver que elles acompanhavam era, portanto, o de algum argentario?

«Tratava-se d'um grande politico? d'um notavel homem de lettras?

«Quem pensa tal?

«Era um actor, despretencioso por um idolo, um prodigo em generosidade, porque deu tudo e morreu pobre.

«Como os pyromantes, elle tinha a intuição artistica, ignorando absolutamente o que isso era, demonstrando assim que o merito não se estuda, não se impõe, é-se bafejado por elle, embora hoje já seja considerado como uma nevrose.

«Não lhes darei nenhuma novidade se antes de apresentar aqui o seu nome, já o tiverem adivinhado.

«Estou a referir-me ao grande actor Antonio Pedro de Sousa.

—

«Não é um chavão, mas diga-se a verdade o nosso theatro teve uma enorme perda com aquella morte. Por isso eu me encho de profunda tristeza, quando noto as deserções que na scena tem havido, e que essas vagas não são, sob nenhuma fórma, prehenchidas.

«Não me é facil, nem intento meu é vir agora aqui fazer-lhe uma resenha detalhada do seu vastissimo reportorio, mas lembro-me, entre as ultimas peças em que tão applaudido foi: os *Ladrões de Lisboa*, o *Bébé*, uma comedia impagavel, com uma interpretação extraordinaria do personagem Petillon que Bordallo Pinheiro denominou tão acertadamente *Comedia em tres actos e um... Antonio Pedro*, o *Paralytico*, o *Saltimbanco*, o *Quebra-queixos* e o louco do *Sargento-Mór de Villar*, o coveiro do *Hamlet*...

«Que de creações, hoje completamente perdidas, peças que ninguem se atreve a levantar do pó do archivo e onde por muito tempo permanecerão, quem sabe mesmo se para sempre!»

Diario de Noticias, 1907:

«*Antonio Pedro* — Faz hoje 18 annos que morreu este grande actor, que foi uma das maiores glorias do theatro portuguez.

«Despido de estudos, de formatura theatral, de qualquer molde, emfim, que o tivesse preparado para a scena, Antonio Pedro era o que estava ali, o verdadeiro talento, despido de vaidades e preconceitos.

«Quando se falava d'elle, ninguem dizia: o grande actor, mas sim o «Antonio Pedro». Todavia, uma coisa não excluia a outra; citar-lhe o nome era render-lhe um elogio.

«Desde que debutou na *Loteria do Diabo*, em 1858, póde dizer-se que a sua carreira foi uma marcha triumphal. Em cada peça nova a Fama coroava-o com os seus melhores louros.

«Quem se não lembra ainda do *Dinheiro do anão*, *Tartufo*, *Alto! Vareta!*, *Solteirões*, *Rabagás*, *Saltimbanco*, *Paralytico*, do coveiro do *Hamlet*, do professor do *Bébé* e do assombroso De Profundis, do *Sargento-Mór de Villar*.

«As festas de caridade em que tomou parte foram innumeras, servindo de prototypo dos seus generosos impulsos de philantropia a da emancipação dos escravos no Brazil.

«Por este e outros factos analogos, o povo brazileiro estimava-o como a um irmão querido.

«Das cinco *tournées* que fez ao Brazil, inscreveu na sua carreira

de actor bellas paginas ardentes de enthusiasmo e admiração, testemunhadas bastas vezes pela imprensa federal.

«Antonio Pedro falleceu, com 53 annos de edade, a 25 de Julho de 1889, e depois de 31 annos de gloriosa vida artistica.

«Foi precisamente quando começava a descançar, pois que anno e meio antes lhe havia sido concedida, em Côrtes, a sua reforma, prestando-lhe assim o paiz a sua carinhosa recompensa.

«Foi um dia de luto nacional o enterro de Antonio Pedro. A começar pelo governo de então, que se fez representar no funeral, todas as classes sociaes se encorporaram no prestito, vendo-se ali tudo o que havia de mais elevado nas sciencias, nas artes e nas lettras.

«E agora, que já são decorridos 18 annos que nos vieram ainda mais recordar a saudade pelo grande morto, lembramos de novo o pedido que em tempo fez Gervasio Lobato no *Occidente*, para que o busto de Antonio Pedro fosse collocado no salão do theatro normal, logar de honra que de direito lhe pertence.»

O Mundo, 1908:

«*Antonio Pedro.*— Passa hoje o 19.º anniversario da morte d'este insigne actor, gloria e honra do theatro portuguez.»

A Lucta, 1908:

«*Antonio Pedro.*— Passa hoje o 19.º anniversario da morte do glorioso actor Antonio Pedro, que tão grande brilho espalhou na scena portugueza. Filho do povo, sem frequencia de escolas nem muletas de reclame, a sua arte de paixão e sinceridade foi espontanea, aperfeiçoada apenas pelo seu esforço e pelo seu querer.

«N'esta quadra em que tanto se fala na decadencia do theatro e dos artistas, grato é recordar essa robusta, bella figura, que soube ser um artista e honrar o theatro.»

Diario Popular, 1908:

«*Antonio Pedro.*— Faz hoje 19 annos que se finou o grande actor Antonio Pedro, a mais complexa organisação artistica do theatro portuguez, tanto dos tempos antigos como modernos.

«Só quem o viu no *Paralytico* e no *Bébé* é que póde avaliar a distancia incommensuravel que esse grande actor transpunha de um salto brusco, da comedia ao drama, evidenciando em ambos estes polos oppostos da arte os recursos extraordinarios do seu enorme talento.

«Era uma organisação artistica por excellencia, dispondo de todos os recursos singulares que a natureza concede a esses seus escolhidos.

«E no emtanto, ninguem mais simples nem menos vaidoso do que elle.

«Chegava mesmo a admirar-se que o admirassem tanto nas suas admiraveis creações.

«Salvini, que o viu representar, considerou-o um artista maximo, que seria excepcionalmente notavel em qualquer theatro do mundo.

«As suas glorias artisticas foram innumeraveis no drama, na comedia e até na farça.

«Teve verdadeiros fanaticos admiradores enthusiastas do seu talento, que era mais uma manifestação natural que o resultado de um estudo detalhado e rigoroso como, por esse meio, muitos, Zacconi e Emmanuel, conseguem guindar-se ao Capitolio da celebridade.

«N'outro paiz, n'outro meio, n'outra atmosphera d'arte e de civilisação, Antonio Pedro teria sido o Thalma do seculo dezenove.

«Aqui foi um celebre restrictamente admirado e só passados dezenove annos é que se comprehende que elle fôra um gigante a sobrepujar toda uma geração de pygmeus que se lhe seguiu.

«O logar de Antonio Pedro está por emquanto vago no theatro portuguez.

«Nem de longe ainda appareceu, quem o podesse legitimamente occupar.

«Os que são bons na comedia claudicam no drama, os que se desempenham com brilho no drama coxeiam na comedia.

«Elle era superior, tanto n'um genero como no outro, e n'isto

estava a complexidade absoluta da sua gloria e do seu valor artistico.

«Vão passados 19 annos, e os que o conheceram e lhe apreciaram o merito indiscutivel e as suas lidimas qualidades pessoaes ainda o não esqueceram.

«Nem erguer-se podia um artista d'aquelle valor que foi a gloria mais completa e esplendorosa do theatro portuguez, um pouco talvez obscurecida pela modestia do seu viver e pela condição humilde do seu nascimento que, junto a uma aversão natural ás vaidades sociaes, o limitaram a um meio restricto, d'onde aliás o seu talento primacial se expandia em verdadeiras fulgurações geniaes.

«Recordando a data do passamento do grande actor, presto á sua memoria a homenagem sentida que lhe cabe por todos os titulos e razões.»

Julgado pela Arte

Não ficaria esta obra completa se fossem olvidados os nomes de todos os artistas contemporaneos de Antonio Pedro e que ainda hoje temos a suprema ventura de ver entre nós.

Não os podiamos esquecer pois que elles são para nós uma valiosa e viva recordação d'um saudoso passado que jamais voltará.

Naturalmente se nos indicava que, de cada um d'elles, diligenciassemos colher um pensamento acerca da individualidade do fallecido actor.

D'esta forma não só ficaria julgado pelos escriptores de Portugal e Brazil como tambem o seria pela Arte theatral portugueza e até pelo proprio Theatro francez representado pelo genial artista C. Coquelin.

E da fórma honrosa e gentil como foi secundado este intento, dão testemunho as preciosas respostas obtidas:

Monsieur

J'ai vu jouer à votre père le rôle du fossoyeur dans Hamlet, et j'en ai gardé un inoffençable souvenir. Je pense qu'en art, on ne se souvient que de ce qui est supérieur.

Bien à vous

C. Coquelin.

Antonio Pedro.— Era um genio!

A scena portugueza soffreu tanto com a perda de tão grande actor, que, até hoje, ainda não appareceu outro que o egualasse!

ADELINA ABRANCHES.

Antonio Pedro.— Dizem que o tempo tudo faz esquecer, mas o brilho do talento d'este artista era tão grande, que o tempo não conseguirá nunca apagal-o da nossa memoria.

AMELIA BARROS.

Que adoravel simplicidade a d'esse grande vulto que se chamou Antonio Pedro!

Simples na vida intima, simples no trato social, simples até nas manifestações da Arte.

E todavia, quanta grandeza, quanto genio essa simplicidade encerrava!

AMELIA VIANNA.

A phrase *Calhou*, que se attribue ao grande actor Antonio Pedro quando interrogado sobre o exito das suas creações scenicas, não passa d'uma formula modesta com que o artista tentava encobrir o seu grande talento.

De contrario essa phrase seria a annulação completa do estudo intelligente e reflectido e do esforço creador que o comediante punha em cada uma das suas grandes individualidades até hoje ainda não esquecidas.

AMELIA VIEIRA SANTOS.

A arte poderosa de Antonio Pedro, prova que os conservatorios de pouco prestam para os que d'elles exclusivamente esperam a inspiração. De ordinario os conservatorios, em toda a parte, illudem as esperanças de quem os frequenta.

Sarah Bernhardt, por exemplo.

A arte, seja qual fôr a sua manifestação, qualquer que seja a fórma porque se exteriorisa, é, essencialmente, o instincto, o caracter, o temperamento. É certo que o artificio, a educação, podem, ás vezes, tornal-a brilhante, mas quantas vezes a não tornam mentirosa? Como tantos mestres na arte de bem representar, Antonio Pedro não aprendeu em nenhum evangelho especial o segredo de transmittir emoções culminantes e perfeitas. Esse segredo estava dentro d'elle, porque es-

tava no seu instincto, na parcella divina com que a natureza lhe ungiu o talento.

Por isso Antonio Pedro tinha mais que talento — teve genio.

Nasce-se com elle, não se adquire!

Angela Pinto.

Antonio Pedro foi um talento superior, que deixou no theatro portuguez uma lacuna que difficilmente será preenchida.

Anna Pereira.

Antonio Pedro.—Excellente collega, artista genial que me arrebatava nos seus papeis dramaticos e me fazia rir perdidamente nos papeis comicos. Tenho por elle uma profunda saudade, e sinto que o theatro portuguez perdesse n'elle um dos seus mais gloriosos actores.

Barbara Volckart.

Antonio Pedro.—Tive a ventura de representar com elle o *Paralytico* em que era assombroso, como assombroso era em todos os papeis que fazia. Grande entre os grandes da sua epoca.

A sua carreira artistica foi um continuo triumpho, e tão modesto como bondoso. Foi um bom.

Honra á sua memoria.

Carlota Velloso.

Antonio Pedro foi o mais genial dos actores que teem passado por palcos portuguezes. Vi-o *adivinhar* muitas vezes, detalhes tão sublimes d'arte, que a outros mais illustrados e mais estudiosos, teriam passado despercebidos.

Foi sem contestação uma Gloria Nacional, e como tal, deve ser querida e respeitada a sua memoria!

EMILIA DOS ANJOS ENNES.

Antonio Pedro foi um bom e um grande. Bom pelo seu caracter, grande pelo seu talento!

HERMINIA ADELAIDE.

ANTONIO PEDRO

Grande Astro luminoso
Que em scena nos aqueceu
Nome immortal, glorioso...
Decorei... jamais 'squeceu!

IZAURA FERREIRA.

Antonio Pedro.— Individualidade artistica tão complexa, dotado de um poder de exteriorisação tão sobrenatural, encarnando tantas e tão variadas personagens da comedia e do drama, o seu nome jamais se apagará do Theatro Portuguez, onde deixou um fundo traço de observação, de genio e de inspiração. Dotado de um

espirito perspicaz e de uma vocação assombrosa, dado o primeiro impulso, rasgava o véo que envolvia o primeiro estudo de uma personagem e eil-o grande, sublime, apaixonado — collossal.

JOSEPHA D'OLIVEIRA.

Antonio Pedro tinha por lema fazer o bem pelo bem; e se a gratidão é a *avis-rara* da humanidade, a mais bella offerta que posso fazer á sua memoria é manifestar aos herdeiros do seu nome glorioso que reservo no meu coração essa bella virtude pelo eminente actor.

JULIANNA SANTOS.

Um grande artista é maior que um Deus. Acaba uma religião, e fica apagada na escuridão dos seculos por outra que lhe succede.

Mas a religião da Arte, de que Antonio Pedro foi mais que um deus; ha de atravessar os seculos vindouros como facho brilhante de todas as civilisações! E n'essa, a par dos seus grandes sacerdotes, ha de sempre fulgurar o nome de Antonio Pedro.

LUCINDA DO CARMO.

Antonio Pedro.— Um grande e extraordinario artista, insubstituivel no seu genero.

LUCINDA SIMÕES

Antonio Pedro foi de todos os artistas que admirei no inicio da minha carreira, aquelle que maior e mais viva impressão deixou no meu espirito.

MARIA FALCÃO.

Antonio Pedro.— Grande artista, a sua modestia e bondade egualava o seu assombroso talento.

MARIA DA LUZ VELLOSO.

Antonio Pedro. — Artista sublime! Que jamais terá substituição! Embora morto, vive sempre na memoria de quantos o admiraram na scena!

SOPHIA SANTOS.

Se a Arte perdeu um dos seus mais bellos ornamentos, a familia o seu chefe querido e a patria uma das suas glorias artisticas, a historia do theatro portuguez enriqueceu as suas paginas d'ouro, inscrevendo com caracteres inalteraveis o nome do incomparavel e saudoso actor Antonio Pedro, como um dos maiores e mais bellos talentos da scena portugueza.

THEREZA TAVEIRA.

O meu querido collega de tantos annos Antonio Pedro era senhor de toda a escala de sentimentos. Ne-

nhum outro actor me commoveu mais, nem outro me fez rir tanto.

VIRGINIA DIAS DA SILVA.

Antonio Pedro.— O morto saudoso cuja memoria se não apaga, foi o actor portuguez cujo talento scenico fez vibrar de enthusiasmo as platéas.

VIRGINIA FARRUSCA.

Na grande apotheose ás gloriosas tradicções artisticas do theatro portuguez, terão o seu logar de honra as notaveis creações do genial e modesto actor Antonio Pedro, que foi o artista mais extraordinario e complexo de todos os tempos.

AFFONSO DOS REIS TAVEIRA.

Antonio Pedro era um actor generico na verdadeira acepção da palavra.

O publico que o adorava, como eu, seu modesto collega, via-o elevar-se ás grandes culminancias da Arte de Thalma, porque possuia em si o sagrado fogo. Tanto na tragedia como no drama ou na comedia elle era o unico da sua epocha que sabia empolgar-nos.

ALEXANDRE FERREIRA.

Antonio Pedro.— Foi no meu camarim (?) do theatro Dallot na feira das Amoreiras que tive a subida honra de receber a visita do grande artista.

Desde esse dia ficamos amigos. Mais tarde passei para os theatros regulares: nunca tive o prazer de o ter por companheiro, mas tive-o muita vez no meu camarim felicitando-me pela mudança de posição, e percebia perfeitamente o jubilo que ia n'aquella grande alma por ver o seu collega pisar as mesmas taboas que n'outro tempo foram o seu campo de maiores glorias. Não fôra Antonio Pedro um genial e inegualavel artista! — não fôra um coração d'ouro, uma alma diamantina, e veriamos se elle ia á barraca de saltimbancos estender a mão ao ultimo dos seus collegas!

ALFREDO DE CARVALHO.

A impressionabilidade extrema; o amor sincero da sua Arte; e a verdade dos seus processos, inspirada na observação do seu semelhante, fizeram de Antonio Pedro um dos primaciaes actores do meu tempo.

A. FERREIRA DA SILVA.

Notavel e extraordinario talento o de Antonio Pedro. Quem não o viu nas suas bellas creações, não calcula o bem que se representou em Portuguez.

ALFREDO SANTOS.

No actual estado do meu espirito, mais do que nunca recordo, com saudade, o querido collega Antonio Pedro.

Forçado, por exigencias d'uma *tournée* ao Brazil, a representar o papel de Pedro no drama *As Duas Orphãs,* magistral creação do grande Antonio Pedro, lembrou-se a empreza Ruas de mostrar a peça em Lisboa, no theatro onde actualmente estou, depois de tão longa ausencia de scena.

Só depois de consultar seu pae, me resolvi, animado pelos seus ajuizados conselhos, a apresentar ao publico o meu trabalho, que sempre julguei um pallido reflexo da creação do grande actor.— O resultado obtido, devo-o certamente á primeira impressão recebida pelo publico.— Pois é agora, depois de decorridos tantos annos, que em *reprise* vou novamente resuscitar o trabalho do *grande mestre.*

Reconhecimento e *saudade* são as palavras que expontaneamente me saem dos labios, sempre que á memoria me accode o nome do grande Antonio Pedro.

Alvaro Filippe Ferreira.

Antonio Pedro não representava: vivia as suas personagens. Morreu soffrendo-as, morreu gloriosamente pela Arte.

Antonio Gomes.

É espinhosa a incumbencia de que me encarrega.

Que mais poderei dizer sobre vosso chorado pae?

Todo o mundo o acclamou em vida, todo o mundo chora a sua perda.

Caracter nobre, generoso e modesto, sacrificando-se sempre que era preciso, para ser util aos que padeciam.

Se monumentos se tem erguido a Reis e bravos heroes, tambem elle o merecia, pois era um heroe e Rei da scena portugueza.

A. J. DE MATTOS.

O nosso epico na sua epopeia dá-nos excellente subsidio para glorificarmos os genios, como o foi o nosso bom e saudoso Antonio Pedro.

«Ditosa patria que tal filho teve» e «... em quem poder não teve a morte.»

ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS (SANTINHOS).

É tão difficil dizer ou escrever quaesquer palavras sobre a individualidade d'esse grande artista que se chamou Antonio Pedro, que não me sinto com talento para desempenhar tão ardua tarefa.

Direi apenas que, assim como os Reis conquistam um cognome, Elle que foi um Rei da scena portugueza, conquistou o seu.

Esse cognome será, para todo o sempre *O Insubstituivel.*

AUGUSTO ANTUNES.

Antonio Pedro foi um artista genial. Tão grande e expontaneo era no drama como na comedia. — Desde que elle *visse* na sua imaginação a personagem, a execução do trabalho era completa e perfeita. Não observava a natureza, a vida, os homens e as paixões atravez da philosophia que provem da critica e do estudo profundo. — Essa observação porem fazia-a atravez da intelligencia, do sentimento e da intuição, da intuição sobretudo por que foi esta a sua grande arma.

AUGUSTO DE MELLO.

Antonio Pedro. — Grande artista! Grande coração! Grande alma!

Uma das suas ultimas creações — o coveiro do *Hamlet* — um assombro!

AUGUSTO ROSA.

Antonio Pedro não é uma estrella que se apaga no grande firmamento da arte sublime de Thalma. O seu nome fulgurará atravéz dos seculos, como uma constellação de primeira grandeza, a sua veneranda memoria relembrará aos vindouros que, o humilde Portugal, possue genios que bem se podem equiparar ainda ás mais gigantescas celebridades.

O verdadeiro artista, honra a patria que lhe foi berço e, a Antonio Pedro, cabe com toda a justiça uma particula das estrophes do incomparavel Camões «Ditosa patria que tal filho teve!»

CAETANO REIS.

Em relação á arte dramatica é incontestavel a theoria que vamos expôr:

Sem nenhuma especie de cultivo theorico ou litterario e com uma grande vocação attinge-se a celebridade.

Exemplo retumbante — *Antonio Pedro.*

Sem vocação e com o mais aprimorado cultivo, rasteja-se na mediocridade.

Exemplos... mas para quê?

Se nós os vemos e ouvimos ahi todos os dias, por nossos peccados.

CARLOS POSSER.

Antonio Pedro foi uma notabilidade cuja memoria ficará eterna.

CARLOS SANTOS.

Antonio Pedro.— Fui seu companheiro muitos annos, tive por elle sempre grande amizade e admiração!

A sua alma de artista, era tão grande, que não cabia quasi n'aquelle corpo tão franzino! O que teria a dizer d'elle não cabe em uma duzia de linhas! Foi um dos maiores artistas dramaticos do meu tempo, e dos que honraram grandemente o theatro portuguez!...

Que saudade me faz recordar o passado! e que tristeza olhando o futuro!!

EDUARDO BRAZÃO.

Antonio Pedro — actor de talento privilegiado, que fazia admiração, e electrisava, não só o publico, como até os proprios collegas que por vezes durante a repre-

sentação, deixavam de contrascenar magnetisados e assombrados pelo fogo e brilhantismo d'aquelle collosso genial.

ELOY DE JESUS.

Á MEMORIA DO GRANDE ACTOR ANTONIO PEDRO

Era talento immenso, sem rival.
Infinita bondade, genio forte!
A grande intuição, fel-o afinal
Thesouro tal, q'enriqueceu a morte.

ERNESTO DO VALLE.

Antonio Pedro.— Collega adoravel! e o maior artista que tem havido em Portugal!

FRANCISCO ROQUE.

Os meritos que possuo estão longe de me conferir graus de critico em assumptos de Arte. Como espectador direi que o talento de Antonio Pedro me deslumbrava, fazendo-me esquecer, sempre que o via, de que estava no theatro, tal era a realidade que d'elle emanava.

Para mim está n'isto o maior elogio d'esse inolvidavel vulto.

FRANCISCO SENNA.

Antonio Pedro.— Artista generico — talento extraordinario — Como collega, bom em toda a extensão da

palavra — Eu fui um dos grandes admiradores do seu talento e tambem um dos seus amigos.

FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA.

Era eu ainda curioso e já considerava Antonio Pedro meu intimo amigo. Fui depois para o theatro onde durante duas epochas trabalhamos juntos, e ahi onde elle era o primeiro e eu dos ultimos, a sua amizade augmentou sempre.

Para quem conhecer o theatro com todas as suas vaidades, este simples facto, mostra o que era a sua grande alma.

GASPAR MOREIRA.

Antonio Pedro foi sem duvida alguma, um artista como hoje se diz — inconfundivel.

O seu talento corria parelhas com a bondade da sua alma.

Por essa razão o publico amou-o durante a sua vida, e ainda hoje o recorda com saudade.

O mesmo acontece entre os collegas. O seu nome prestigioso ainda hoje vive na memoria de todos e no coração do

IGNACIO PEIXOTO.

Um rasgo d'Arte vincula um nome atravez os seculos. O nome d'um rei ou d'um imperador, fica prezo á Historia do seu povo. Antonio Pedro, deixa o seu nome

prezo, pela immensidade dos seculos, á grande Historia da Arte.

João Gil.

Antonio Pedro estudava os seus papeis sob os processos mais simples. Por isso foi um grande artista.

João Rosa.

Antonio Pedro foi o mais accentuado actor d'intuição, e um dos mais modestos do seu tempo.

Joaquim d'Almeida.

Antonio Pedro.— Foi o meu primeiro companheiro de camarim, era então eu um insignificante discípulo, pois consentiu-me a seu lado, dispensando-me tão grande confiança como se eu fosse um velho collega e antigo amigo.

Isto define a grandeza d'alma do grande e genial artista.

Joaquim Costa.

Antonio Pedro foi, nos ultimos quarenta annos de theatro, o genio mais extraordinario que vi apparecer na nossa terra.

Profundo observador, mas falto de cultura, o seu espirito precisava por vezes de ser encaminhado, apenas no inicio do estudo. Uma vez enveredado, a comprehen-

são era instantanea, e excedia toda a expectativa; sobre um nada architectava creações de arte collossaes! As suas faculdades de auto-suggestão eram estupendas, por isso se avantajava a todos no sentir e no expressar de paixões alheias.

Como os mais habeis e finos espiritos, sabia medir as suas forças individuaes. Principalmente nos typos de classe burgueza e popular, que elle conhecia a fundo, a execução era primorosa. Os typos de outra ordem social eram-lhe antipathicos, por isso só os abordava para os amesquinhar pelo ridiculo.

O seu espirito de Arte vivia nas regiões superiores, mão a mão com os mais elevados talentos: o fanfarrão Radamanto da *Marion Delorme* adivinhou-o o nosso artista e soube reproduzil-o sem differir uma linha do typo congénere descripto por Scarron no *Roman Comique*. E o Coveiro do *Hamlet*, não seria o que Shakespeare viu e sentiu?

Muitas vezes tenho pensado que, se aquella intelligencia se visse enredada nas malhas apertadas dos preceitos e regras academicas, talvez se retrahisse o fulgor de tão enorme luz. Quem sabe?

JOSÉ ANTONIO MONIZ.

Antonio Pedro.— Nome glorioso para a historia do theatro portuguez!

Artista sem egual! Lagrimas e risos, eis a sua missão.

Quantas lagrimas fez verter representando os seus papeis dramaticos, e quantas saudades faz hoje ao lembrar o seu *tom* comico, a sua verve, com que a huma-

nidade ria, ao vel-o, ao ouvil-o?! — Morreu o genial artista; mas ficou a Gloria Nacional.

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

Ao pedirem-me algumas palavras para um livro ácerca d'Antonio Pedro, eu, que já não choro ha muitos annos, senti as lagrimas deslisarem-me pelas faces.

Não é pois de palavras o meu modesto contingente, para a justissima homenagem que pretendem prestar á sua memoria; é de lagrimas, essas lagrimas, que a recordação do seu nome querido me arrancou e que dizem bem mais do que tudo o que eu poderia escrever.

J. M. CORREIA.

O Antonio!!! — Disse o grande Santos, referindo-se ao seu artista dilecto: «Como o Antonio não torno a ver outro!!»

E não viu!...

Nem nós!...

JOSÉ RICARDO.

O nome de Antonio Pedro vive na minha memoria com verdadeira saudade, não só pela amizade que lhe dedicava, como pela admiração que sentia por aquelle grande actor! Tive a honra de ser seu amigo e companheiro, e as suas esplendidas creações, tanto no genero comico como no dramatico, eram uma verdadeira ma-

ravilha que me enchiam d'enthusiasmo. Antonio Pedro pela sua perfeitissima vocação para o theatro, e pelo seu grande talento, conquistou um nome que honra o Theatro Portuguez.

LEOPOLDO DE CARVALHO.

Antonio Pedro albergava n'um corpo de libellula um coração de sensitiva e a alma de um gigante.

O *calhou,* que se lhe attribue, representa o excesso da sua modestia.

A municipalidade lisbonense honrou-se, simplesmente, dando o seu nome a uma das ruas da capital.

Nobilitou-me, com a sua amizade.

Jamais me consolarei de a haver perdido.

MIGUEL H. VERDIAL.

Antonio Pedro.—Tomei parte no seu prestito.

Lembro-me de quantas manifestações lhe foram feitas durante esse trajecto funebre. Eram ainda os echos das que lhe haviam sido manifestadas em vida. É que foi um grande vulto do theatro portuguez.

PEDRO CABRAL.

Antonio Pedro.— Monumento grandioso, sem duvida, este que um filho tenta erguer á memoria querida de seu pae!

Grandioso pela idéa e grandioso pela fórma.

Mas falta ainda outro, em bronze perante o qual os vindouros, os que não tiveram a suprema felicidade de o ver e de o ouvir se possam descobrir reverentes, exclamando: é a estatua de Antonio Pedro, um actor, o maior entre os maiores!

Patria mãe! Tens essa divida em aberto para com um dos filhos que mais te honrou.

RAYMUNDO DE QUEIROZ SARMENTO.

Antonio Pedro. — Artista distinctissimo! Unico no seu genero!...

Apenas assomava em scena parece que um fluido magnetico nos percorria o corpo e os sentidos, e riamos ou choravamos conforme a indole do personagem que desempenhava!

Foi mais do que artista; foi um *Genio!*...

SANTOS JUNIOR.

Antonio Pedro. — A simplicidade d'este nome, está de perfeita desharmonia com a grandeza do seu talento.

Em tempos idos, havia pelos artistas de valor tão devotado respeito e adoração, que o nosso trabalho em geral era-lhes dedicado, quando a suprema ventura os collocava em nossa frente como simples espectadores. Por isso hoje e sempre declarei que, duas vidas não sobrariam para estudar a forma de dizer o quanto idolatrava esse Astro brilhante que soube sempre dar ás suas creações artisticas o mesmo amor, carinho e affe-

cto que, tambem e de mistura com seu *chiste,* prodigalisava aos seus companheiros de trabalho.

SETTA DA SILVA.

Antonio Pedro.— Não trabalhei a seu lado; só uma unica vez lhe fallei; pouco o vi representar!

. . . . . .

Era um idolo!— O seu cortejo funebre não foi a representação protocolar, mas sim o preito da saudade de um povo que em piedosa e mystica romagem se despede do comediante insigne, do artista de raça, do genio sem par! – O filho do povo, foi Rei da Arte!—As lagrimas que a Nação derramou sobre o seu athaude, foram eloquentes, sinceras, sentidas.— Os povos cultos perpetuam a memoria dos seus maiores no bronze e no marmore. O nosso bronze é a indifferença, o nosso marmore o olvido!

É uma divida a pagar!

(VERO) ANTONIO PINHEIRO.

Agradecimento

Está finda a minha piedosa tarefa.

Cumpre-me agradecer a todos que tão carinhosamente se dignaram honrar me com á sua collaboração, pedindo-lhes que acceitem como prova de gratidão inolvidavel o sincero reconhecimento que n'esta pagina lhes deixo testemunhado.

José Pedro de Sousa.

Errata

A pag. 86 onde se lê Principe Real deve ler-se Gymnasio.

PN
2798
S6S6

Sousa, Jose Pedro de
O actor Antonio Pedro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY